

MINISTÉRIO DA CULTURA APRESENTA

# OOP

2026

EXPERIENCE





# Orquestra Ouro Preto. Essencial para a música. **Essencial para a nossa identidade.**

A Orquestra Ouro Preto nasceu e faz parte da cidade histórica mineira, se confirmando como tesouro nacional e internacional. Há 25 anos, valoriza a nossa brasilidade integrando diferentes ritmos ao seu repertório, apresentando e aproximando a música de concerto de mais e mais pessoas.

Em uma parceria de quase 10 anos com a Vale, a Orquestra Ouro Preto também realiza intercâmbios com o Programa Vale Música, proporcionando experiências para a formação de jovens talentos.

E, por tudo isso, é essencial para a valorização da nossa identidade.

**Se é essencial para você,  
tem a ver com a Vale.**

saiba mais em [vale.com/cultura](http://vale.com/cultura)



## EXPEDIENTE



### ORQUESTRA OURO PRETO

Presidente Honorário  
Direção Artística  
Direção de Comunicação e Marca  
Gerência Administrativa  
Coordenação da Academia  
Coordenação Pedagógica da Academia  
  
Coordenação do Núcleo de Apoio a Bandas  
Produção Técnica  
Produção Executiva  
  
Relacionamento Institucional  
Coordenação Vale Música  
Auxiliar de Produção Técnica  
Comunicação  
Assessoria de Imprensa  
  
Analista Financeiro  
  
Compras e Contratos  
Arquivo  
Fotografia

Rufo Herrera  
Maestro Rodrigo Toffolo  
Luiz Abreu  
Ronaldo Vicente Toffolo  
Rodolfo Toffolo  
Marina Toffolo  
Mara Toffolo  
João Paulo Moreira  
Kelly Baptista  
Maria Eduarda Costa  
Klênio Carvalho  
Maria Clara Fernandes  
João Fuchs  
Luiz Henrique Silva  
Soraya Belusi  
A Dupla Informação  
Lupa Comunicação  
Higor Otávio e Souza  
Reginaldo Rodrigues  
Hugo Souza  
Laura Ribeiro  
Rapha Garcia

### REVISTA OOP EXPERIENCE

Publisher  
Editor-Chefe  
Redação  
  
Projeto Gráfico e Design  
Assistente Design  
Produção Gráfica  
Revisão  
  
Fotografia  
Foto da Capa  
Impressão  
Tiragem

Rodrigo Toffolo  
Luiz Abreu  
Fábio Corrêa  
Fernando Vieri  
Saulo Rios  
Soraya Belusi  
Luiz Abreu  
Pedro Ribeiro  
Octávio Gonçalves  
Teka Leite  
Beto Arreguy  
Rapha Garcia  
Click Estúdio  
Gráfica Rede  
5.000 exemplares  
Distribuição gratuita  
e dirigida

Rua Paraná, 136, Centro . CEP 35400-000  
Ouro Preto / MG / Brasil  
orquestra@orquestraouropreto.com.br  
[www.orquestraouropreto.com.br](http://www.orquestraouropreto.com.br)



# A cultura nos torna quem somos.

Apoiar a cultura do nosso povo é uma das formas de valorizar as raízes dos territórios onde vivemos todos os dias. Acreditamos nela como uma força de transformação, capaz de criar legados positivos, pertencimento e conexão entre as pessoas e os lugares.

Seguimos juntos(as), celebrando a arte como parte da nossa identidade.

\*A **Caretagem** (ou Caretada) é uma tradição cultural de Paracatu (MG), que simboliza a resistência e a força da cultura quilombola, sendo reconhecida como patrimônio imaterial do município. Na cidade, apoiamos essa e outras expressões culturais, além de iniciativas artísticas de referência no estado, como a Orquestra Ouro Preto.

Construir o amanhã  
é transformar-se  
todos os dias.



## RUA MANOEL CABRAL, 91

À Manoel Cabral, em meio a livros e discos,  
chegamos com nosso primeiro violino.

Era uma sala grande, que, aos olhos de cinco crianças,  
parecia nos abraçar.

Tinha um piano ao centro, que até este momento  
ainda insiste em tocar.

(Há quem diga que,  
em tempos escassos,  
fora vendido,  
mas resolvera ficar.)

É dia de gravação.  
Tem foto, diretor e câmera, igual à da televisão!

Anda Ronaldo, Rodolfo, Mara e Marina ou Marina e Mara,  
qual ordem será?  
Primeiro eu, pois, como mais velho,  
tenho uma fila para puxar.

(Um piano dos bons,  
de cauda, meia,  
de cor marrom.)

Assim começa uma nova história  
nos planos da vida que resolveu unir esses sete.  
Noves fora, sete é pouco! Para a conta dar certo,  
temos que multiplicar.

E, neste mesmo endereço,  
vimos que uma orquestra poderíamos formar.

(Experimental! Formação?  
Pouco usual! Bandoneon?  
Hum, nada mal!)

E muito aconteceu,  
vivendo altos e baixos,  
como a vida há de ser.

E o resto é história, que, depois deste tempo,  
viemos aqui a todos contar.

São tantos encontros, sons e pessoas,  
em *Terra Brasilis* e até além-mar.

(E à sala todos voltamos,  
para a última foto tirar!)

Rostos mudados,  
mesmo endereço.  
E o piano ainda está lá.

*R L M 4H*

Maestro Rodrigo Toffolo  
Ouro Preto, 5 de março de 2026



FOTO NATY TORRES

## O TEMPO E O VENTO

Há quase 30 anos vivencio a Orquestra Ouro Preto. Em uma revista que celebra o 25º aniversário da instituição, essa primeira frase pode soar equivocada, mas não está. Na verdade, essa diferença de cinco anos se alarga quando abandono as esquinas da interseção e caminho pelas veredas do vivido.

Antes de vir ao mundo, a fórceps – porque viver de arte nunca foi parto simples –, a Orquestra foi gestada lentamente no ventre de uma família que ousou ser protagonista da própria história. Quando aquela confraria de amigos decidiu dar luz à sua vocação, em meados do ano 2000, os propósitos já existiam, pulsavam. Haviam nascido muito antes, no escritório do pai, no colo da mãe, na macarronada de domingo. Quando encurtamos a história ao carimbo do cartório, abdicamos de valores que o papel não carrega. São invisíveis aos olhos, não é, Exupéry?

Pois bem. Nos cinco anos que antecederam a pedra fundamental, assisti da coxia a um movimento fantástico. Ensaios e mais ensaios separavam os irmãos de, digamos, um presente comum e de um futuro ordinário. À mesa, eu esticava os ouvidos para tentar decifrar aquele dialeto próprio que os músicos de concerto acreditam ser trivial. Entre um código e outro, pescava um universo novo que, sem saber, se entrelaçaria à minha sina. Eu vivenciava, entre Wieniawski, Drummond, Nirvana, Rufo e Mozart, o esboço de um quadro pintado com muito talento e extrema dedicação.

Depois desse preâmbulo e com o orgulho de quem estava na plateia do primeiro ensaio, volto à revista. Uma edição muito especial, que começa no berço e desfila pelos palcos do mundo.

Falaremos do passado que moldou o agora. Do tempo em que aquela orquestra do interior de Minas atravessou fronteiras e descobriu que o mundo também precisava encontrá-la. Ocupou

teatros, espaços públicos, se deparou com públicos diversos e transformou cada momento em pertencimento. Falaremos das amizades que se constroem no riso emanado nos bastidores, na confiança que nasce quando muitos corações respiram no mesmo compasso.

Há pouco tempo nos perguntaram, entre as paredes de uma ligação telefônica, qual é o segredo da Orquestra. A pergunta chegou como quem procura uma fórmula escondida. Não entendemos bem se questionavam nossas vitórias ou se esperavam uma palestra em estilo “coach quântico”. Mas não há receita para aquilo que é vivo. Não se explica um caminho enquanto ainda se caminha por ele. Não existe resposta que possa ser plenamente verbalizada por quem suspira sobre cada vírgula.

Ainda assim, existe uma nota de rodapé que pode ser compartilhada. Para a Orquestra, o segredo não está apenas na excelência técnica, na ousadia dos repertórios, muito menos na soma das conquistas. Nas entrelinhas, há uma alma que respira. E esse fôlego tem um nome simples e difícil: identidade.

É no reconhecimento das origens que a Orquestra encontra o seu rumo. É na fidelidade ao que é que ela aprende a transformar. Nunca, em hipótese nenhuma, perder-se de si. Por isso não imita. Por isso propõe. Por isso cresce sem se desenraizar.

Talvez seja essa a razão de cada concerto parecer um reencontro. Porque, mais do que executar música, a Orquestra cultiva vínculos. Celebra caminhos. Convida todos a sentar à mesma mesa, como quem divide uma broa com café e descobre que também ali existe um lar.

Assim a Orquestra Ouro Preto segue. Não como quem avança para longe, mas como quem aprofunda o próprio chão. Inova sem esquecer. Expande sem se dispersar. E faz da própria história não um começo nem um fim, mas um abraço aberto a todos os que desejarem entrar. ■



**Luiz Abreu**  
Diretor de Comunicação e Marca  
da Orquestra Ouro Preto

LEI ROUANET  
POR SUELLEN MOREIRA

## SUSTENTABILIDADE COMO MISSÃO

A sustentabilidade de uma instituição cultural sempre foi, e ainda é, um desafio. Nosso país falha em reconhecer a cultura como investimento e pouco valoriza sua importância econômica. A maior parte da sociedade consome arte sem refletir sobre o trabalho exigido e os recursos necessários para colocar no palco um espetáculo que envolve dezenas de pessoas; e, com frequência, o uso de dinheiro público no fomento à cultura é recebido com críticas.

Foi em um cenário ainda mais inóspito que, há mais de 25 anos, uma família ouro-pretana decidiu fazer da música não apenas o seu sustento, mas um sonho de empreendimento artístico e cultural. Esse sonho, que começou como um coletivo, foi crescendo com a força de quem reinveste cada resultado em algo maior e se transformou em um dos grandes destaques da música orquestral do país: a Orquestra Ouro Preto.

Quando me juntei à Orquestra, o grupo havia recentemente se tornado um instituto – um passo natural para quem, desde os primeiros anos, já desenvolvia produtos musicais próprios, atividades educativas gratuitas e ações de democratização do acesso à música de concerto. Mas transformar vocação em estrutura sustentável é, para a maioria dos empreendedores culturais, um desafio constante.

Uma orquestra não se reúne apenas para os concertos. É um trabalho cotidiano que envolve desenvolvimento de novos repertórios, aperfeiçoamento de performance, planejamento artístico, criação de arranjos, pesquisa, conquista e fidelização de público e posicionamento de marca, além da produção dos mais diversos espetáculos musicais. Cada concerto da Orquestra mobiliza de 40 a 70 profissionais próprios na linha de frente, mais toda a base administrativa e institucional. Centenas de empregos são gerados no decorrer de cada ano artístico, em diversas regiões do Brasil. Manter e fazer crescer essa operação, com concertos gratuitos ou a preços populares, só é possível graças às políticas públicas de fomento.

A Lei Rouanet tem sido a principal fonte de financiamento da Orquestra. Por meio dela, conquistamos patrocinadores que podemos chamar, sem demagogia, de parceiros. As empresas que nos apoiaram se tornaram ainda mais aliadas ao dividir conosco o sucesso de cada espetáculo.

Graças à destinação desses recursos, muitas vezes somados a aportes diretos de empresas que acreditaram no potencial da instituição, milhares de pessoas já assistiram aos nossos espetáculos presencialmente, enquanto outros milhões nos acompanham pelas plataformas de *streaming*.

Com esse apoio, a Orquestra Ouro Preto tornou-se colecionadora de estreias. Ao nosso lado, dezenas de milhares de pessoas tiveram seu primeiro contato com a música de concerto em praças públicas de mais de 80 cidades brasileiras. E, de maneira espetacular, levamos duas óperas às areias de Copacabana para um público impactado pela emoção da primeira experiência com o gênero.

No entanto, o impacto vai muito além do público e da emoção. O estudo “O Impacto Econômico da Lei Rouanet” – realizado com dados de 2024 pela Fundação Getúlio Vargas (FGV), com o apoio da Organização dos Estados Ibero-Americanos (OEI) e do Ministério da Cultura – revela que cada R\$ 1,00 investido em projetos do segmento de música via renúncia fiscal movimenta R\$ 7,59 em custos de execução e gastos do público. Considerando esse índice de alavancagem econômica e a frequência com que a Orquestra circula pelo Brasil (acima da média do setor), podemos afirmar com segurança que a instituição movimentou mais de R\$ 547 milhões na economia brasileira apenas nos últimos cinco anos.

É um dado sensacional. A responsabilidade é grande com a equipe, os músicos, os alunos, os profissionais terceirizados, o público, os parceiros e, por fim, com a sociedade. Por isso, um projeto como esse não pode deixar de existir. Pelo contrário: precisa de estabilidade e perenidade.

FOTOS: NATY TORRES



Mais de 45 mil pessoas movimentaram cerca de 5 milhões de reais na economia de Ouro Preto em apenas uma noite

Diversificar as fontes e as estratégias de captação é fundamental. A Lei Rouanet e as leis estaduais de incentivo à cultura formam a espinha dorsal do financiamento, mas não são suficientes sozinhas. Receitas de bilheteria, concertos encomendados por festivais e eventos públicos, doações de pessoas físicas, parcerias artísticas e prestação de serviços de ensino ampliam a base. Um Conselho Consultivo atuante e, no horizonte, um Fundo Patrimonial completam o desenho de uma instituição que pretende existir independentemente de qualquer conjuntura.

Dediquei os últimos dez anos da minha vida a esse objetivo. Eu me sinto orgulhosa e honrada por ter feito parte dessa trajetória de sucesso e anseio para que a sociedade brasileira aumente cada vez mais o seu sentimento de responsabilidade pelas instituições culturais e pelo patrimônio imaterial. E que ajude a garantir que a arte seja eterna, para além de quanto dure.

Obrigada aos patrocinadores da Orquestra Ouro Preto em 2026: SulAmérica Rede D’Or, Petrobras, Vale, AngloGold, Kinross Brasil e Anglo American, por intermédio da Lei Rouanet. ■

# CULTURAL

PROGRAMA  
PETROBRAS

## MAIS ENERGIA PARA A CULTURA.

Já parou pra pensar que só existe cultura com energia?

É por isso que a Petrobras é a maior patrocinadora

da cultura brasileira, apoiando iniciativas em todo o país

como o espetáculo *Hilda Furacão, a Ópera*, que chega

aos palcos com os 25 anos de história da Orquestra Ouro Preto.

Espectáculo Hilda Furacão,  
que contou com o patrocínio  
exclusivo da Petrobras.



O BRASIL É A NOSSA ENERGIA



DO LADO DO POVO BRASILEIRO



FOTO: DIVULGAÇÃO

**ENTREVISTA**  
POR FERNANDO VIERI E SORAYA BELUSI

## WALFRIDO MARES GUIA: EXPERIÊNCIA EM PROL DA MÚSICA

**PRESIDENTE DO CONSELHO CONSULTIVO DA ORQUESTRA OURO PRETO**

Walfrido Mares Guia tem o dom da conversa. Como bom mineiro, ele consegue transformar uma entrevista em um bate-papo descontraído e saboroso, em que diversos assuntos desfilam com a naturalidade e a profundidade necessárias para manter o diálogo por mais de uma hora. E poucas são as oportunidades de conhecer tão bem a intimidade, a história familiar e o pensamento crítico de pessoas públicas. Sem medir palavras ou conter os mais profundos sentimentos, o empresário mineiro, que também já ocupou o cargo de ministro do Turismo, nos delicia com causos do passado, com análises do presente e projeta seu otimismo com o futuro.

Nascido em uma família de oito filhos, Walfrido viu sua sensibilidade se abrir à arte e à música com lições que vinham de dentro da casa, com a vocação da mãe, das irmãs e dos irmãos à prática e ao estudo de instrumentos musicais. Ele mesmo foi alfabetizado nas teclas do piano a partir dos 13 anos, mas garante que, como músico, é um ótimo empresário.

Admirador de Wagner, Mozart, Haendel e tantos outros, ele se diz especialista mesmo é em Moreira da Silva. E demonstra ser alguém com os poros abertos para aquilo que só a arte pode nos afetar. Ao longo desta entrevista, Walfrido celebra ainda o encontro com a Orquestra Ouro Preto, parceria com a qual pretende fortalecer os laços com o empresariado brasileiro. Aos 83 anos, o empresário mineiro mostra que tem muito vigor para fazer muito mais pelo país e pela cultura.

## Podemos falar um pouco sobre a Orquestra Ouro Preto?

**Walfrido** - Tenho um carinho enorme pela Orquestra. Eles fazem um trabalho notável, divulgando não somente a música clássica, mas também a música popular. Recentemente, eu assisti a um show deles em Belo Horizonte, com o Alceu Valença, que foi extraordinário! Tinha 40 mil pessoas na Praça da Liberdade. E um dos principais patrocinadores, de quem eu sou amigo, estava comigo lá, e nós ficamos realmente surpreendidos com o que vimos. É um grupo sensacional. Sem contar o Rodrigo Toffolo, que, além de ser um *gentleman*, é um maestro extraordinário, com uma cultura imensa e uma sensibilidade incrível.

## Qual é o segredo, na visão do senhor, para uma orquestra conseguir atingir com maestria um público de massa, plural e horizontal?

**Walfrido** - Realmente é uma coisa notável. Porque nós temos orquestras extraordinárias no Brasil. Mas eu nunca vi nenhuma fazer um trabalho desse jeito. Uma orquestra que, primeiro, está presente em vários locais do Brasil, não somente numa única cidade ou em dois ou três grandes teatros. Segundo, opera também a música com cantores populares, como Alceu Valença, João Bosco, Vanessa da Mata e Carlinhos Brown. E outra coisa: a própria Orquestra é uma família. Eu já estive com vários membros e fico impressionado como eles são capazes de fazer essas apresentações com aquela diversidade, com aquela alegria; você vê que eles tocam felizes. E os shows são maravilhosos. Não são 3 mil, 4 mil pessoas que assistem. São 40 mil. É anfiteatro, é campo de futebol, é praça. É isso que eu acho espetacular.

## O senhor falou sobre Ouro Preto, sobre família. E tem a experiência do senhor também, que foi o primeiro ministro do Turismo no Brasil. Tem uma visão ímpar...

**Walfrido** - Eu atualmente moro em Ouro Preto, num distrito chamado Santo Antônio do Leite, onde, há 23 anos, adquirimos um sítio que era de um grande amigo meu. Aliás, do qual eu era grande admirador, um homem brilhante, o Dr. Amaro Lanari Júnior, ex-presidente da Usiminas. Ele se instalou nesse sítio por um motivo muito interessante: ele ganhou uma muda de um carvalho, uma árvore que não é natural do Brasil. Ao consultar o Instituto Nacional de Pesquisa para saber qual seria o melhor lugar em Minas Gerais, ou no Brasil, em que ele poderia plantar uma muda de carvalho, indicaram dois lugares: Petrópolis e Santo Antônio do Leite. E foi neste segundo local que ele plantou o carvalho, que lá está. Quando a família resolveu vender, depois do falecimento dele, nós compramos e transformamos aquilo num paraíso florestal; plantamos muitas árvores, desenvolvemos uma floresta e agora eu moro lá.

## Então o senhor já tinha um vínculo com aquela terra, né?

**Walfrido** - Sim! E aí eu pude me aproximar e conhecer melhor a família Toffolo, a experiência deles, o conceito deles. O Rodrigo, os irmãos, o pai, a mãe; toda a história deles é muito bonita. E, à medida que fui tendo a oportunidade de ver algumas apresentações, eu fiquei realmente curioso. Falei: “gente, impressionante como é que esse pessoal consegue trabalhar tão bem assim”. E num ambiente que você vê que é de alegria, de companheirismo. O talento, o foco e a preocupação em apresentar, com simplicidade, aquilo que melhor pode ser feito.

## Sobre a exportação da música que a Orquestra leva para os outros lugares do Brasil e também para fora do país, existe uma relação entre a cultura e o turismo, de levar o nome de Ouro Preto para fora? Essa trajetória da cultura com o turismo se confunde?

**Walfrido** - Completamente. Porque os dois pilares do turismo são a cultura e o meio ambiente. Você junta essas duas coisas e terá alguém disposto a sair de onde mora e viajar para outro lugar – para assistir, para ver, para participar ou para usufruir da cultura ou da natureza. Tem que ter a hospitalidade, as pousadas, os hotéis, enfim, a forma de receber as pessoas, porque elas saem de casa para ir a outro lugar. Tem que ter a culinária, porque as pessoas se alimentam diariamente, e tem que ter a oferta das representações culturais e belezas naturais. É essa oferta que faz com que milhões de pessoas se movimentem pelo planeta para usufruir da natureza e da cultura. Por outro lado, a Orquestra está rodando diversos países. Com isso, divulgam não somente a música, mas Minas Gerais e todo o Brasil, que está sendo cada vez mais visitado por pessoas de todo o mundo. O turismo é um dos maiores empregadores do mundo, e a música especificamente, dentro do hall da cultura como um todo, tem um papel fundamental nisso.

## Benefícios para todos os lados nessa relação entre cultura e turismo, não é?

**Walfrido** - Eu gostaria até de ser mais entrosado com esse mundo artístico, mas nem sempre a gente tem essa oportunidade. Eu estou vendo agora mais de perto como vem aumentando a sensibilidade por parte de empresários com a cabeça mais aberta para investir através de incentivo fiscal; não é tirando dinheiro do próprio bolso. E a Lei Rouanet é um negócio extraordinariamente espetacular. A pessoa, para falar mal da Lei Rouanet, tem que ser muito despreparada e ignorante, porque está falando mal de uma coisa que desconhece. A lei é muito bem-feita, muito organizada, criteriosa. As empresas têm que ser sensíveis para entender a importância de investir.

## Como foi a sua formação musical e de que maneira a sua família influenciou a sua relação com a música ao longo da vida?

**Walfrido** - Olha, posso pegar meu exemplo: venho de uma família de classe média. Meu pai era médico, profissional liberal e, com a minha mãe, constituiu uma família de 8 filhos, 26 netos, 42 bisnetos e hoje já tem 5 trinetsos. Era uma família mu-

sical. A família da minha mãe, Pinto Coelho, era lá de Santa Bárbara. Meu avô materno, em 1920, 1930, tinha praticamente uma orquestra na casa dele. Tinha duas filhas mais velhas que foram mandadas pro Conservatório do Rio de Janeiro. Naquela época, mandar uma pessoa do interior de Minas Gerais para o Rio de Janeiro era um desafio monumental, uma mudança muito grande. E ele próprio tocava violoncelo. Minha mãe estudou piano; passou isso para a minha irmã mais velha, que foi pianista, estudou oito anos no Conservatório Mineiro de Música e criou uma escola de iniciação musical em Belo Horizonte. Meu irmão mais velho, que era médico, também estudou piano. Eu comecei a estudar piano com 13 anos, com minha madrinha, irmã mais velha da minha mãe, mas eu não progredi *[risos]*.

Isso tudo é para falar que eu passei toda minha juventude, vamos dizer que dos 10 aos 18 anos, antes de entrar para a Escola de Engenharia, ouvindo três, quatro, cinco horas de música no piano diariamente, que era basicamente a minha mãe tocando um pouco, meu irmão tocando um pouco e a minha irmã estudando música clássica de manhã, de tarde e de noite. Eu cresci nesse ambiente.

Essa vivência abriu portas para a gente poder ter gosto pela música erudita, pela ópera e pela música popular também. Eu, inclusive, sou especialista em músicas do Moreira da Silva! Assim como também aprecio imensamente a música de Wagner, Mozart, Verdi e tantos outros. Durante a minha vida, passei para os meus filhos alguma coisa disso, junto com a minha mulher, nos nossos 55 anos de casados. Ela faleceu recentemente, no dia 4 de janeiro de 2026.

## Meus sentimentos.

**Walfrido** - Mas nós tivemos muitas oportunidades bonitas de ver coisas lindas juntos, não é mesmo? No âmbito da música, desde ópera até concertos, shows, balés e tantas outras experiências que marcaram a nossa trajetória. Foram momentos que, além de nos encantarem, nos formaram como público, ampliando o olhar e a escuta.

Esse ambiente abriu também, digamos assim, a minha sensibilidade para entender como um movimento como esse que a Orquestra Ouro Preto faz é fundamentalmente importante e precisa ser valorizado e aplaudido por todos. Não é apenas apreciar um espetáculo, mas reconhecer o esforço coletivo, a dedicação artística e o impacto cultural que iniciativas assim têm na sociedade. E não precisamos ser *experts* em nada para perceber isso.

Basta você ter sensibilidade para enxergar, ouvir ou sentir o que é bonito, o que é belo e o que merece ser admirado. E, com isso, na medida do possível, você apoia: às vezes estando presente, às vezes divulgando, às vezes incentivando.

## Já percebi que o senhor tem essa sensibilidade para a arte. O que mais emociona o senhor quando assiste a um concerto?

**Walfrido** - Olha, no fundo, no fundo, determinados acordes parecem ter sido feitos de uma maneira sublime. De repente, você sente um arrepio, você não sabe nem de onde vem aquilo. É realmente muito bonito. Eu não sou tão assíduo quanto eu deveria ser, porque eu tenho uma atividade empresarial ainda muito forte. Mas, sempre que posso, estou presente. A última apresentação que vi da Orquestra, por exemplo, foi lá em Belo Horizonte, na Praça da Liberdade, num domingo, 7 horas da noite. Mais de 40 mil pessoas assistindo à Orquestra Ouro Preto e Alceu Valença. A coisa que mais me impressionou foi aquele mundo de gente. Você olhava para trás e via que a imensa maioria das pessoas sabia todas as músicas. Não é impressionante? Como é que o povo, o povo brasileiro, é sensível à música?! É incrível. Realmente nunca tinha visto um negócio como aquele; eu fiquei altamente impactado.

## O senhor disse que tem uma atividade empresarial ainda muito intensa e também tem um passado, uma experiência muito forte com o setor público. O que a gestão cultural pode aprender com cada um desses universos?

**Walfrido** - Eu acho o seguinte: o setor público, independentemente do governo que esteja no poder, tem que reconhecer o valor da cultura. O governo que tem sensibilidade e nomeia pessoas que entendem qual é o papel da cultura sabe que a função de todo conjunto cultural é também transferir para as futuras gerações os valores que a sociedade tem. Valores que se manifestam na música, na pintura, na dança, no artesanato, na poesia, na literatura, de inúmeras maneiras. É com essa criatividade, com essa inventividade, com esse ardor por criar o novo que aparecem essas coisas espetaculares.

## E, pela sua experiência, o que não pode faltar para que um projeto cultural se sustente no longo prazo?

**Walfrido** - A sustentabilidade é um problema a ser enfrentado. Porque, no Brasil, os patrocínios na área cultural são limitados a dois, três anos no máximo. Então, se, de uma hora para outra, uma grande empresa, que é grande patrocinadora, deixar de patrocinar determinado grupo, acaba criando dificuldade. Por isso nós temos que aumentar o número de patrocinadores. E é aí que entra um pouco de gestão empresarial, de você ter parceiros fidedignos que apoiam por determinado tempo e simultaneamente buscar alternativas. É preciso também existir gestores bons do outro lado, competentes, que possam apresentar projetos adequados como esses que a Orquestra Ouro Preto consegue realizar. E que sensibiliza, obviamente, os gestores culturais dos grandes grupos e das empresas estatais. Eu acredito que os empresários estão aprendendo a fazer isso com muita propriedade. Muitas empresas têm pessoal qualificado, que entende do riscado, que organiza e sugere aos conselhos de administração e aos gestores o melhor caminho para aplicar os recursos de incentivo à cultura via Lei Rouanet ou via leis estaduais e municipais.

## **E que conselho o senhor daria para os jovens gestores que querem trabalhar com a cultura, que querem olhar para a cultura?**

**Walfrido** - Não é fácil para um leigo dar um conselho de especialista, mas eu diria o seguinte: não existe limite para buscar dinheiro com bons projetos na mão. Se você tem um bom projeto, em qualquer área, não só na área cultural, você consegue arranjar financiadores. Mas um conselho que eu posso dar é: não se fixe em apenas poucos e grandes apoiadores; procure ampliar o rol e procure entregar tudo o que você se comprometeu, tal e qual, porque é aquela história: estou te apoiando na expectativa de receber também um retorno de qualidade, de pontualidade, de competente apresentação, de postura e de reputação. Então, um grupo como a Orquestra Ouro Preto vence todos esses pré-requisitos: tem reputação, tem postura, tem competência, tem alegria no apresentar e no fazer. Tem diversidade, porque vai da música clássica à música popular, frequenta vários ambientes, sai pelo mundo afora. Quer dizer, eles estão fazendo, no meu ponto de vista, tudo o que um grupo precisa fazer. E com isso ela cresce. Não cabe amadorismo nisso. Na hora que você sobe no palco, você tem que estar preparado para apresentar aos espectadores, que estão com a expectativa alta, o melhor que você tem. E eu acho que a Orquestra Ouro Preto consegue fazer isso com muita autoridade. Não canso de dizer e de contar a todos sobre o tamanho do feito desse grupo tão versátil

## **Houve alguma experiência artística que tenha mudado a sua forma de ver o mundo?**

**Walfrido** - O meu irmão mais velho, Marcos Mares Guia, que era um cientista e um médico brilhante, meu maior amigo e meu sócio, tocava piano, tocava flauta. E ele era poliglota e, entre as línguas que ele falava, estava o alemão. Foi ele quem me apresentou as obras de Wagner. Nós ouvimos todas as óperas de Wagner: *O Anel dos Nibelungos*, *Lohengrin*... Na Semana Santa, tinha um momento que a gente ouvia *O Messias*, de Handel. Fizemos isso durante anos e anos. Isso abriu pra mim uma porta muito grande, pois acabei tendo a oportunidade de ver, ouvir e sentir muita coisa bonita nessa vida, viu? E por causa da música.

## **Foi aberto um portal de possibilidades do ponto de vista da sensibilidade para o senhor.**

**Walfrido** - Pois é, só agora com 83 anos de idade é que eu fui me encontrar com a Orquestra Ouro Preto? Eu tive que viver uma vida inteira para chegar a esse ponto.

## **Ou seja, para fazer parte dessa família, a gente não precisa de fato saber tocar uma nota perfeita, né?**

**Walfrido** - Não, não precisa. Eu estou lá é para usufruir do talento deles. O que eu estou fazendo nessa colaboração que estamos iniciando é trazer um pouco do conhecimento que eu tenho pra ver como é que eu posso ajudar. Tanto nas relações pessoais quanto nas empresariais.

## **Nesse sentido, o senhor tem uma vida profissional pública e privada muito rica. E, durante essa conversa, eu percebi também que o senhor tem uma inquietação por fazer, por acontecer, pela atividade. A que se deve essa inquietação? Essa vibração, esse vigor?**

**Walfrido** - Acho que a minha família foi um incentivo muito grande para eu ter essa energia que eu tenho. Em primeiro lugar, em função da harmonia maravilhosa que existia com meu pai, minha mãe e os oito filhos. Nós, durante anos e anos e anos, tínhamos a mesa posta do café, do almoço e do jantar. Todo santo dia. Por outro lado, nós somos oito filhos; quatro homens e quatro mulheres. Meu irmão mais velho, com 17 anos, estava estudando Medicina porque ele era um aluno brilhante; saía de casa às 6 horas da manhã e só voltava às 10 horas da noite. E tinha duas irmãs mais velhas que eu: uma que era pianista, a mais velha, e a outra que estava estudando História; também se dedicavam a isso em tempo integral. Depois de mim, vieram duas outras crianças. Então, quem tinha que fazer as coisas da casa era eu, porque eu sou seis, sete anos mais velho do que os dois. Então o pau para toda obra era eu. Entendeu? Querendo ou não, eu que tinha que resolver as coisas. E acho que isso me deu um espírito, digamos assim, de não ter medo de resolver problemas, de ir atrás das coisas.

## **Voltando a falar sobre o estado do senhor, Minas Gerais tem essa força que coloca frente a frente a tradição histórica e a criação contemporânea. Como o senhor enxerga essa vocação?**

**Walfrido** - A raiz desse negócio todo é libertária. Veja a região em que eu estou, Santo Antônio do Leite. Lá, pertinho da minha casa, Felipe dos Santos foi preso, arrastado e morto em 1722. Lá, naquela região, Tiradentes foi preso e esquartejado. Foi onde houve a Inconfidência Mineira, pela revolta à forma como Portugal cobrava os impostos com cada vez mais força e agressão. Então, o berço da liberdade brasileira está ali. A quantidade de escritores, poetas, músicos, obras-primas criadas ali, inclusive de origem barroca e religiosa. O próprio Aleijadinho, que talvez seja o maior nome da escultura. E isso tudo vem florescendo na atualidade, sempre com gente nova brilhando.

Então, acho que o espírito de Minas, mesmo quando temos alguns governos que não têm a menor sensibilidade ao que seja o valor da cultura, é um movimento inexorável. Essa cultura é tão forte que inevitavelmente surge um grupo aqui, outro ali, outro acolá e tal. Isso é o que temos de valorizar cada vez mais; apoiar cada vez mais projetos como os da Orquestra, que tem hoje reconhecimento nacional. Eu tenho conversado com algumas pessoas fora de Minas, fora do Brasil, que falam da Orquestra quase como eu. E eu pergunto: “Onde é que você viu?” E elas respondem: “Eu já assisti a várias apresentações. Eles estão em todo lugar”.

## **E a Orquestra tem potencial para crescer ainda mais nos próximos anos.**

**Walfrido** - E garantir essa qualidade extraordinária de apresentação que eles têm e a criatividade, porque é ela que conta. Você pode ter uma orquestra maravilhosa, com músicos extraordinários, que se apresentam num determinado teatro com peças espetaculares, mas não saem pelo mundo afora, né? Esse negócio de a Orquestra ser itinerante e estar fazendo trabalho educacional de base com música também é espetacular.

## **Olhando para frente, qual o maior desafio e também qual a maior oportunidade para a cultura brasileira na próxima década?**

**Walfrido** - O país vai crescer, não tenho dúvida nenhuma. A educação tem, hoje, uma ampla oferta de vagas, e nós temos que lutar pela melhoria da qualidade de todas elas, públicas e privadas. O ideal é que a escola pública tenha excelente qualidade, de tal maneira que um aluno forme no 3º ano do ensino médio com capacidade adequada para entender o que está lendo, escrever o que está pensando, calcular naturalmente as coisas mais simples, como divisão, porcentagem... Saber fazer qualquer conta. A escola serve para isto: para entregar conteúdo, mas também atitudes, habilidades e valores. Tudo isso faz parte do processo educacional. E o exemplo dos professores, dos diretores, dos fun-

## **EDUCAÇÃO, GESTÃO E INOVAÇÃO**

**Walfrido Mares Guia** (Santa Bárbara, MG, 1942) é engenheiro químico, empresário e gestor público, com trajetória marcada pela atuação nas áreas de educação, biotecnologia e administração pública. Fundador do Curso Pitágoras e das empresas Biobrás e Biom, iniciou sua carreira como professor de matemática aos 20 anos e foi docente da UFMG, onde lecionou disciplinas como físico-química, cálculo e geometria analítica. Também completou estudos em administração e fez aperfeiçoamento no Brasil e no exterior, incluindo formação na University of San Francisco.

Ingressou na vida pública na década de 1980, atuando como secretário municipal de Planejamento de Belo Horizonte e posteriormente como secretá-

cionários para os alunos é tão educativo quanto o dos pais e das mães. Agora, a educação é função, como diz a Constituição, da família, da escola e da sociedade. Os três pilares têm que trabalhar em conjunto. E a cultura é o principal vetor para isso. Eu sou otimista de que vai haver um impacto e quem estiver trabalhando bem, como está trabalhando a Orquestra Ouro Preto, liderada por Rodrigo Toffolo, vai ter espaço tranquilo pra poder sobreviver com dignidade e êxito e continuar fazendo a sua arte. Isso, sem dúvida, engrandecendo a arte do país.

## **Para fechar, como o senhor resumiria o papel da cultura?**

**Walfrido** - Eu acho que o papel da cultura é iluminar a sociedade. É a primeira vez que eu estou falando isso na minha vida; mas eu não vejo de outra forma. Anteontem, aqui em São Paulo, eu tive um tempo livre, entrei no YouTube e apareceu pra mim o Festival da Record de 1967, em preto e branco. Eu pensei: gente, eu lembro desse festival da Record inteirinho, lembro até que o Edu Lobo ganhou com uma música linda. “Era um, era dois, era três” [*canta*]. Era uma música espetacular. Não estou lembrando nome da música agora [*Ponteio*]. O Chico Buarque estava presente, o Gilberto Gil, o Roberto Carlos... Eu fiquei duas horas assistindo em preto e branco àquele festival. Isso tem 58 anos e todos, todos os artistas que compareceram lá, à exceção de Elis Regina, todos estão vivos e com mais de 80 anos. Olha o que esse grupo iluminou outras pessoas e trouxe de beleza para a música, para a poesia. Uma das coisas mais lindas que eu vi na minha vida foi *Gota d’água*. Assisti lá no Rio de Janeiro, com minha mulher e minha mãe. Em Minas Gerais, nós temos o Milton Nascimento, a turma do Clube da Esquina, o Lô Borges, um músico brilhante que morreu recentemente. Então a gente tem que ter otimismo, porque isso também ajuda muito as coisas a se materializarem. ■

rio de Estado da Educação de Minas Gerais, onde liderou importantes transformações na área. Foi vice-governador de Minas, deputado federal e ministro do Turismo, sendo responsável pela estruturação inicial da pasta no país. Em seguida, assumiu a Secretaria de Relações Institucionais da Presidência da República.

Em sua trajetória, destacou-se especialmente pela defesa de uma gestão educacional baseada na autonomia das escolas, na valorização dos professores e na centralidade do aluno no processo de aprendizagem – princípios que orientaram reformas pioneiras em Minas Gerais e influenciaram políticas públicas em todo o Brasil, consolidando seu nome como uma das principais referências nacionais no campo da educação e da gestão pública.

Atualmente, além das intensa atividades em diversos ramos comerciais, Walfrido é presidente do Conselho Consultivo da Orquestra Ouro Preto.

**HENILTON MENEZES**  
SECRETÁRIO DE ECONOMIA CRIATIVA E FOMENTO CULTURAL  
DO MINISTÉRIO DA CULTURA ENTRE 2023 E MARÇO DE 2026

## ORQUESTRA OURO PRETO: 25 ANOS DE OUSADIA E EXCELÊNCIA

O sistema de financiamento público da cultura brasileira nasce de uma convicção profunda: cultura não é ornamento, é fundamento e desenvolvimento. É expressão da alma de um povo e, ao mesmo tempo, força viva da economia nacional. Mais de 7,5 milhões de trabalhadores e trabalhadoras constroem diariamente esse setor que gera riqueza, movimenta cadeias produtivas e responde por mais de 3% do Produto Interno Bruto do Brasil.

Investir em cultura é investir no país. Pesquisa da Fundação Getúlio Vargas demonstra que cada R\$ 1,00 aplicado por meio do incentivo fiscal da Lei Rouanet movimenta R\$ 7,59 na economia brasileira, irradiando impacto por quase todos os setores produtivos. E mais: cada R\$ 1,00 renunciado retorna R\$ 1,39 em arrecadação tributária. A cultura, portanto, não apenas inspira; ela multiplica, devolve, transforma.

Hoje, a Lei Rouanet sustenta museus, equipamentos culturais, grupos artísticos e festivais em todas as regiões do Brasil. São cerca de 5 mil ações culturais por ano, alcançando aproximadamente 90 milhões de brasileiros e brasileiras. Por trás desses números há histórias, vocações reveladas, plateias formadas, cidades movimentadas. Há acesso ampliado, oportunidades distribuídas e a afirmação de que a cultura deve ser um direito de todos, e não privilégio de poucos.

É nesse cenário que a Orquestra Ouro Preto se ergue como símbolo de resistência e invenção. No decorrer de seus 25 anos, superou as expectativas reservadas a um grupo nascido no interior de Minas Gerais e tornou-se referência nacional e internacional. Filha da ousadia e da sensibilidade, transformou tradição em movimento e movimento em identidade.

Autenticamente brasileira, a Orquestra percorre o Brasil e ultrapassa fronteiras, levando a potência da nossa música em diálogo com outras linguagens, outras formas, outras luzes. Seu trabalho prova que é possível reinventar sem romper com as raízes; inovar sem perder a memória; dialogar com o mundo sem deixar de afirmar quem somos.

Ao integrar excelência artística, formação de novos músicos, compartilhamento de saberes e democratização do acesso, a Orquestra reafirma uma verdade simples e poderosa: o clássico também é popular; o popular pode ser erudito; a arte pertence a todos. O belo não é território exclusivo de poucos, é direito de todos.

Ao apoiar a Orquestra, o Ministério da Cultura reafirma sua missão maior: ser indutor de desenvolvimento, guardião da diversidade e garantidor de direitos. Não se trata apenas de fomentar projetos, mas de sustentar sonhos, fortalecer identidades e assegurar que cada brasileiro e brasileira tenha acesso aos bens culturais que a Constituição consagra como direito fundamental.

Porque, quando a cultura floresce, o Brasil se reconhece. E, quando o Brasil se reconhece, o povo brasileiro se fortalece. ■





FOTO JORDAN SILVA

**TÁBATA POLINE**  
REPÓRTER DO FANTÁSTICO E ESPECIALISTA EM DIREITOS HUMANOS

## A PRIMEIRA ÓPERA A GENTE NUNCA ESQUECE

Praia de Copacabana, 15 de julho de 2023.

Um dia friozinho. Uso o diminutivo porque o inverno tem medo do Rio de Janeiro [rsrsrs]. Afirmar em alto e bom som que está frio nessa cidade é, sem dúvida, um grande exagero.

Só que não foi a temperatura que me levou até a praia no início da noite. Foi a vontade de viver, mais uma vez, um tipo de experiência que faz minha cabeça descansar e minha alma sorrir. Acreditem, pessoas aceleradas sabem valorizar o que as tranquiliza. Não bastasse o som dos instrumentos e um dos espetáculos mais lindos que já presenciei, eu tinha ali, ao meu lado – aliás, no meu colo –, a razão da minha vida. Lila Flor, no auge de seus 4 meses, macacão floridinho, toquinha na cabeça e um abafador rosa, prontíssima para assistir, ao vivo, ao *Auto da Compadecida*, a Ópera, com a Orquestra Ouro Preto. Eu, minha menina e o papai dela – que também é o meu amor –, inundados pela magia. Os olhinhos dela brilharam, as mãozinhas balançaram. Teve *open bar* de “tetê”, mas, ainda assim, a pequena não cochilou. Permaneceu atenta e soltando sorrisos como quem entende a grandeza de ser de uma terra em que orquestra e Suassuna dialogam e presenteiam o mundo com uma cultura que é nossa.

Ali, na praia, entendi que quero mostrar à minha filha a riqueza do país em que ela vive; e ensinar, ainda, que a cultura é o nosso grande motor. Engaçado pensar nisso logo num “evento de ópera”, coordenado por uma grande orquestra. Justo eu, que em boa parte da vida estive em um lugar em que a cultura era tão acessível quanto pisar na Lua. É que, quando a arte nos encontra, ela dá seu jeito de compensar o tempo e as barreiras. Não preciso entender de partitura para que meu corpo se arrepie e meus olhos transbordem.

Quando conheci a Orquestra Ouro Preto, me apaixonei de pronto e me lembro até de comentar lá em casa: “Gente, vocês acreditam que eu gostei muito da orquestra? Vocês precisam ver”. Mais uma vez eu achando que determinadas coisas não eram para mim, só porque não fui apresentada a elas dentro do universo em que nasci e cresci. Graças aos céus, eu estava enganada. Levei, sim, muita gente para acompanhar inúmeros espetáculos. Os que não vi de perto, assisti pela internet – santa revolução digital. Alceu Valença em meio ao Ouro de Minas foi o ápice da beleza. E foi lá também, em frente à matriz, que usei a força do meu trabalho para expandir ainda mais o alcance dos acordes: uma entrada ao vivo, em rede nacional, para contar que, além de esplêndida, a Orquestra ainda usava o poder da música para transformar realidades. Jovens que nasceram com poucas oportunidades na vida sabiam que ali havia um caminho de educação, liberdade, prosperidade e realização.

Eu me emocionei ao ver os olhos do maestro brilhando ao dizer, de forma simples e com aquele mineirês que o mundo ama ouvir: “Eu só quero seguir com esse legado se ele puder inspirar e transformar. A gente tá conseguindo, né?” Quem tem missão na vida não perde a oportunidade de fazer a diferença. O maestro e seus irmãos aprenderam com o pai e agora dividem com quem se aproxima. Coisa bonita é essa tal de partilha.

E, por falar em dividir, vou registrar aqui um sonho que tive. Vai que cola, hein, maestro? “Soraya (*assessora da Orquestra*), cê acredita que eu sonhei que a Orquestra estava fazendo um espetáculo com o Péricles, de clássicos da música *soul*? Menina, foi um acontecimento! No sonho, eu chorava de emoção.” Mandeí o áudio e ela provavelmente sorriu. E, não bastasse a minha empolgação, ainda respondeu: “Menina, vai que, né? Já pensou? Seria lindo”.

Poderia encerrar aqui agradecendo à Orquestra Ouro Preto por me presentear com tanta sensibilidade e talento. O que foi o espetáculo com o Antônio Nóbrega, gente! Foi mais um que Lila amou e ficou hipnotizada. Mas quero fazer diferente. Em vez de agradecer, quero pedir algo simples: por favor, continuem. Continuem inundando o nosso país com a beleza e a força da música.

Com amor e a certeza de que verei o *feat* Orquestra Ouro Preto & Pericão,  
**Tábata Poline** ■



FOTO NENO VIANNA

**ANGELO OSWALDO DE ARAÚJO SANTOS**  
PREFEITO DE OURO PRETO

## UM PATRIMÔNIO DE OURO PRETO

Entre as expressões artísticas que consagraram a trajetória da Vila Rica de Ouro Preto como uma metrópole do século XVIII, a música vem à frente, tendo ao redor a escultura e a pintura, a poesia, o teatro e a arquitetura. O musicólogo Francisco Curt Lange resgatou e comprovou a riqueza da música produzida na sede da capitania do ouro. Basta lembrar José Joaquim Emerico Lobo de Mesquita ao reger a orquestra da Matriz do Pilar e para ela compor a sublime antifona de Nossa Senhora – *Salve, Regina*.

A Orquestra Ouro Preto relança, no nosso tempo, o compromisso que, sendo vocação, impõe a responsabilidade tremenda de dar sequência à tradição em ritmo inovador.

Para ser plenamente uma cidade, a ela não podem faltar uma universidade e uma orquestra, segundo prescreve o pensador espanhol Miguel de Unamuno. Nosso município segue essa premissa. A Orquestra Ouro Preto foi criada, há um quarto de século, dentro da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP), graças ao apoio conferido pela própria universidade à iniciativa singular do professor Ronaldo Rebert Bayão Toffolo.

Ele e os filhos – Rodrigo, Rodolfo, Ronaldo e as gêmeas Mara e Marina –, compassados pelo incentivo da esposa e mãe Marília, aprimoraram e eman-

ciparam a formação de tal modo que a Orquestra encontra-se hoje entre os conjuntos mais atuantes e aplaudidos do Brasil. O sentido de família estende-se aos demais músicos, em um só sentimento.

As apresentações no exterior trazem reiteradamente elogios e convites à Orquestra, e a cidade natal se encanta de acolher todo esse êxito. Tanto quanto o grupo viaja pelo mundo, mais retorna ao seu palco de origem, seja nos distritos de Ouro Preto, seja nas cidades de seu entorno.

O maestro Rodrigo Toffolo é dotado de culta sensibilidade, pelo que, com destreza, consegue harmonizar o trabalho intenso de regente com as tarefas de organização, programação e condução das atividades pertinentes ao calendário anual da Orquestra. Ideias inéditas e planos empolgantes entusiasma a todos. Estudioso incansável, Toffolo implantou a Academia na qual despontam jovens talentos que, em seu elenco, se desenvolvem brilhantemente e logo sobem aos primeiros naipes ou partem para outros caminhos vitoriosos.

A música popular brasileira e a música pop internacional abriram possibilidades surpreendentes para experiências prontamente consagradas. A ópera reinventada enfatizou o vigor criativo que anima a equipe.

O jubileu de prata celebra um projeto tornado ouro em barra. A cidade de Ouro Preto, envolvida pela sonoridade emocionante da nossa Orquestra, comemora esse marco na certeza do futuro magnífico para o qual aponta a batuta do maestro Rodrigo Toffolo. ■

**BABI AMARAL**  
UMA ATRIZ QUE CRIA FILHO E CONTEÚDO

## VIVER DE PALCO

Dizem que o tempo, em Minas, corre de um jeito diferente, mais afeito às curvas do que às retas. Pois bem. Em 2025, a Orquestra Ouro Preto completou 25 anos provando que, se o tempo é um maestro, ele certamente tem um fraco pela nossa capacidade de persistir.

Fazer arte no Brasil exige uma dose cavalariça de otimismo e talvez um leve desajuste da realidade; o que, cá entre nós, é o pré-requisito básico de qualquer um que decida viver de palco. Nós, que vivemos do teatro e da cena, sabemos que o palco é um lugar de perigo e glória.

Eu não sei segurar arco, não afino violoncelo nem conto os tempos de partitura. Minha parceria com a Orquestra é de outra ordem: do olhar cúmplice e, principalmente, da plateia. Mas, como atriz, sei ler o suor no rosto de quem performa. Sei que esses 25 anos não são apenas uma data festiva em um papel timbrado. São milissegundos de silêncios conquistados a duras penas, viagens e viagens, tempo longe da família e a teimosia de acreditar que um acorde pode, sim, salvar o mundo. Ou pelo menos alguém, o que já é muita coisa...

O que mais me fascina nessa trajetória, e que me faz sentir em casa, naquele parentesco torto que só os artistas reconhecem entre si, é a capacidade quase dramática de “arrombar” a porta da percepção alheia. Há uma beleza em observar o público de um concerto da Orquestra Ouro Preto. Talvez, como atriz, eu tenha esse fascínio por observar o público, os rostos atentos, os sorrisos, o olho que não pisca. É um exercício antropológico. Você vê aquele sujeito que foi arrastado pela mão, sentado com a coluna rígida e a cara de quem preferia estar em qualquer outro lugar que não exigisse silêncio. Ele olha para o palco esperando o mofo dos séculos, a distância solene. E aí, pá!, a mágica acontece. O maestro levanta a batuta e o que

explode não é uma peça de museu, mas um diálogo improvável e absolutamente vivo. É o momento em que a couraça do sujeito racha. Ele relaxa e se deixa levar por uma *Anunciação*, que parece ter sido escrita por um anjo que passou o carnaval em Olinda. Ou o fã de rock, de braços cruzados, que descobre que os Beatles, quando vestidos de cordas e metais, ganham uma dimensão épica que ele nunca imaginou. Assim como no teatro, você entra de um jeito e sai transformado, sem saber exatamente em que momento a mágica aconteceu. É o “pulo do gato” que só a arte consegue produzir.

A Orquestra ganhou o mundo justamente por essa falta de cerimônia aristocrática. Não é todo mundo que consegue tratar Villa-Lobos e John Lennon com a mesma urgência. E isso, num país que tantas vezes tenta nos convencer de que cultura é um adereço supérfluo, é, sim, um ato de rebeldia política. Como disse Fernanda Montenegro: “A arte é o inesperado”. E a Orquestra é especialista em entregar o que a gente não sabia que precisava ouvir.

Como parceira e como alguém que respira a cena, eu celebro essa história. Que venham os próximos atos e aquele frio na barriga que só quem pisa no palco sabe o que é.

Merda! ■





FOTO DIVULGAÇÃO

**AFONSO ROCHA**

DIRETOR-SUPERINTENDENTE DO SEBRAE MINAS

## QUANDO A ARTE ENCONTRA O MERCADO, NASCE O DESENVOLVIMENTO

A música, o audiovisual e as múltiplas expressões da cultura nunca foram apenas linguagem simbólica. Sempre foram também trabalho, renda, identidade e futuro. A economia criativa nasce do encontro entre talento, diversidade cultural e capacidade de gerar valor econômico e social, sobretudo quando reconhecida como parte estratégica dos projetos de desenvolvimento dos territórios.

No cenário global, esse reconhecimento vem se consolidando. Dados recentes da UNESCO indicam que o setor cultural e criativo responde por cerca de 3,39% do PIB mundial e por 3,55% do emprego global, com uma característica singular: as indústrias criativas empregam mais jovens entre 15 e 29 anos do que qualquer outro setor da economia. Não por acaso, 93% dos estados-membros da UNESCO reconhecem a cultura como elemento central de seus planos nacionais de desenvolvimento sustentável.

Nesse contexto, o relatório *ReShaping Policies for Creativity*, da UNESCO, reforça uma tese fundamental: a cultura deve ser tratada como um bem público global. Isso significa compreendê-la não apenas como produto ou entretenimento, mas como ativo estratégico para a democracia, a coesão social, a inovação e o desenvolvimento sustentável. O documento alerta que os investimentos públicos em cultura diminuíram na última década, ao mesmo tempo que cresceram os desafios da transformação digital, das plataformas e da inteligência artificial.

No Brasil, esse debate é igualmente relevante. Segundo o Observatório Itaú Cultural, a economia criativa responde por mais de 3% do PIB nacional, emprega cerca de 7,5 milhões de pessoas e reúne mais de 130 mil empresas formalizadas, reforçando seu papel no desenvolvimento urbano e territorial.

Em Minas Gerais, essas diretrizes globais ganham forma em ações concretas. Um exemplo é a parceria entre o Sebrae Minas e a Orquestra Ouro Preto, que compreende a música como atividade econômica estruturada. A iniciativa promove uma jornada formativa de 188 horas, voltada ao desenvolvimento de competências em gestão, empreendedorismo e acesso ao mercado para orquestras, bandas, escolas de música e empreendedores do segmento. Tal jornada já passou por Uberaba, Araguari, Diamantina, Varginha e Três Pontas.

A Orquestra é também um exemplo de cultura empreendedora. Como instituição privada, mobiliza diversas cadeias da economia – como alimentos e bebidas, transporte, equipamentos para eventos, vestuário e turismo –, evidenciando a capacidade da cultura de dinamizar a economia.

Outro caso emblemático é a MAX - Minas Audiovisual Expo, o maior salão de negócios do setor audiovisual em Minas Gerais. Criada em 2016 e tendo celebrado 10 anos em 2025, a MAX consolidou-se como um dos eventos mais relevantes do país ao promover encontros entre produtores, exibidores, plataformas e investidores, além de debates sobre o futuro do audiovisual. Com curadoria da BRAVI, associação que reúne cerca de 670 produtoras brasileiras, a edição de 2025 projetou uma expectativa de R\$ 852 milhões em geração de negócios, evidenciando o potencial econômico do setor quando articulado a políticas de qualificação e acesso ao mercado.

Essas experiências demonstram que investir em economia criativa não é apenas fomentar cultura. É estruturar mercados, fortalecer cadeias produtivas, gerar emprego, renda e oportunidades. Quando a arte encontra o mercado, sem perder sua essência, nasce um modelo de desenvolvimento mais humano, inclusivo e sustentável. Esse é o caminho que o Sebrae e Minas Gerais vêm construindo, em sintonia com os desafios do mundo contemporâneo. ■

**LUISE VALADÃO**  
FUNDADORA E CEO DA LUPA COMUNICAÇÃO

## EXCELÊNCIA ARTÍSTICA, DIÁLOGO CONTEMPORÂNEO E FORMAÇÃO DE PÚBLICOS

Ao longo dos últimos anos, a Orquestra Ouro Preto consolidou um lugar singular no mercado de música brasileiro. Não apenas como uma orquestra de excelência, mas como uma instituição cultural que entende suas escolhas artísticas como decisões de posicionamento, capazes de ampliar públicos, tensionar fronteiras estéticas e dialogar com questões centrais do nosso tempo.

Desde o início da parceria com a Lupa Comunicação, em 2020, em plena pandemia, ficou evidente que a Orquestra opera com uma visão expandida do papel de uma orquestra. A *live* especial de 20 anos, realizada naquele contexto, não foi apenas uma resposta à emergência do momento, mas um gesto simbólico de permanência e adaptação, que reafirmou a música como experiência coletiva, mesmo em tempos de distanciamento.

O que distingue a Orquestra Ouro Preto no mercado é a coerência entre discurso e prática. Seus projetos não se limitam à execução impecável do repertório, mas propõem encontros entre a música de concerto e a música popular brasileira, entre a tradição e a contemporaneidade, entre o palco formal e o espaço público. A turnê *Auto da Compadecida, a Ópera*, apresentada em cidades como São Paulo, Belém, Belo Horizonte, Manaus e Rio de Janeiro, exemplifica essa abordagem ao transformar uma narrativa profundamente brasileira em uma ópera acessível, reafirmando a centralidade da cultura nacional na música de concerto.

Esse mesmo princípio orientou iniciativas como o concerto na Praia de Copacabana, no Vale Festival, ao lado de Diogo Nogueira, ou a estreia de *Afrossinfonicidade*, com Carlinhos Brown. Neste último, a Orquestra estabelece um diálogo direto com processos de decolonização da escuta, valorizando matrizes afro-brasileiras dentro de uma estrutura sinfônica tradicional. Trata-se de um gesto artístico e político, que amplia representatividade e reposiciona o repertório erudito a partir de referências historicamente marginalizadas.

A capacidade de dialogar com diferentes gerações também é um traço marcante da Orquestra Ouro Preto. Projetos como *Hilda Furacão, a Ópera*, em circulação por diversas capitais, e o concerto com Duda Beat, realizado nos Arcos da Lapa, no Rio de Janeiro, demonstram como a Orquestra constrói pontes com públicos mais jovens, sem abrir mão do rigor artístico. Da mesma forma, a turnê europeia com Alceu Valença, em 2025, evidencia a força desse modelo ao levar uma leitura contemporânea da música brasileira a palcos internacionais.

Sob a batuta de Rodrigo Toffolo, a Orquestra Ouro Preto afirma um entendimento de música como território de encontro, escuta e transformação. Sua atuação em um mercado tão competitivo quanto o da música não se orienta apenas por critérios de alcance ou escala, mas também por escolhas curatoriais consistentes, que colocam a diversidade, a representatividade e a democratização do acesso à arte como propósitos inegociáveis.

Celebrar os 25 anos da Orquestra Ouro Preto é reconhecer uma trajetória que redefine o papel de uma orquestra no século XXI: não apenas guardiã da tradição, mas agente ativo na construção de futuros possíveis para a música brasileira. ■

FOTO TARSO GHELLI





## MÚSICA **CONECTA.** CULTURA **TRANSFORMA.**

A **SulAmérica** acredita no **poder da arte e da música** para criar vínculos, despertar emoções e transformar realidades.

Cuidar da vida vai além da saúde:  
é apoiar a cultura como uma força capaz de gerar bem-estar, pertencimento e impacto positivo na sociedade e nas pessoas.

**Orquestra Ouro Preto e SulAmérica.**  
**Uma parceria que continua inspirando,  
por mais um ano.**

**SulAmérica** | **130 ANOS**

Na sua vida. Pra vida toda.



## EXCELÊNCIA E VERSATILIDADE: A MÚSICA COMO RISCO E DESTINO

Os 25 anos da Orquestra Ouro Preto e os saltos que transformaram vocação em um projeto que impacta milhões de pessoas no Brasil e no mundo

“A música te dá tudo aquilo que você doou para ela. Nem mais, nem menos.” A frase de Rufo Herrera, diretor de criação e membro fundador da Orquestra Ouro Preto, ecoa há mais de duas décadas como uma espécie de mantra entre aqueles que fazem e vivem a orquestra mineira. Não exatamente como um princípio institucional formalizado, mas como algo que atravessa a experiência de quem decidiu dedicar a própria vida à música. Foi na virada para o século XXI, mais precisamente no ano 2000, que a Orquestra foi criada como Orquestra Experimental da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP). Mas essa história começa antes.

As primeiras estrofas dessa sinfonia têm início em uma casa em Ouro Preto, Minas Gerais, quando Ronaldo Toffolo, professor de Ciências dos Materiais e Metalurgia, pianista e homem apaixonado pela música de concerto, e Marília Toffolo, sua esposa, uma pessoa singular, de personalidade marcante e autenticidade rara, incentivaram seus filhos e filhas a se tornarem músicos. Talvez “incentivar” não seja a palavra mais precisa. O que havia ali era algo mais próximo de um projeto de vida compartilhado, um gesto cotidiano que lentamente transformou a música em destino.

Foram anos de dedicação intensa. Entre Ouro Preto e Belo Horizonte, onde os irmãos frequentaram a Escola de Formação de Instrumentistas de Cordas do Sesiminas (EFIC), a rotina se organizava em torno

de aulas, ensaios e viagens constantes. Nesse percurso houve também riscos, alguns impostos pela própria experiência de existir, como o acidente que sofreram certa vez na estrada que liga as duas cidades. Dentro de uma Caravan, automóvel comum nas ruas brasileiras daquele tempo, estavam o patriarca, seus filhos e filhas, todos atravessados por uma escolha que, ainda sem saber, moldaria suas vidas.

“Dedicar a vida à música demanda sacrifícios”, lembra o maestro Rodrigo Toffolo. Como tantos músicos profissionais, ele e seus irmãos abriram mão de uma adolescência que poderia ter seguido o curso habitual das festas e distrações típicas da idade. Em seu lugar, vieram horas de estudo, disciplina e a percepção precoce de que a música exige entrega.

Talvez seja justamente aí que a metáfora do salto no vazio – eternizada na famosa fotomontagem do francês Yves Klein, em que um homem se lança da janela de um edifício como se pudesse voar – encontre ressonância na jornada da Orquestra. Há riscos que a vida nos impõe. Outros, no entanto, são escolhidos. E foi dessa segunda categoria de riscos, que exige coragem e imaginação, que a história da Orquestra começou a ser escrita.

A criação da Orquestra Experimental da UFOP nasceu do encontro entre Ronaldo Toffolo, então professor da universidade, e o compositor e bandoneonista argentino Rufo Herrera, radicado no Brasil. Ao redor deles reuniram-se jovens músicos ligados a formações, como o grupo Trilos, do qual o maestro Rodrigo Toffolo fazia parte como violinista, e o Quarteto Ouro Preto. A ideia inicial era reviver a vocação musical da cidade, patrimônio cultural da humanidade, inspirando-se em iniciativas como os antigos Festivais Mozart, o Ciclo Chopin e os tradicionais e elogiados Festivais de Inverno dos anos 1970, que não apenas difundiam conhecimento, reunindo expoentes da música de concerto, como também propunham novos horizontes criativos.

No início, uma decisão seria fundamental para a sobrevivência do projeto: formar público. “A música é um chamado, não é uma escolha. Atender a esse chamado e dedicar a vida a ele é um privilégio que foi dado a mim e a meus irmãos. Entre várias decisões, a mais importante foi ter a formação de plateia como um pilar fundamental da Orquestra”, afirma Rodrigo.

Foi dessa convicção que nasceram iniciativas como Orquestra nos Distritos e Orquestra nos Bairros, projetos que levaram concertos a igrejas, escolas e comunidades do município de Ouro Preto. Em muitos desses lugares, o encontro com uma orquestra acontecia pela primeira vez.

Aos poucos, o trabalho começou a ganhar reconhecimento. Em 2007, o álbum *Latinidade* foi indicado ao Grammy Latino na categoria de Melhor Disco Instrumental. Para um grupo nascido no interior de Minas, ligado a uma universidade pública e ainda em processo de consolidação, o feito sinalizava que algo maior estava por vir.

## A VIRADA

Contudo, o caminho, assim como o tempo, não é linear. Em determinado momento, o grupo, que à época já havia se transformado em orquestra, perdeu um patrocinador importante e precisou lidar com um período de incertezas. Foi nesse contexto que ocorreu um concerto durante um simpósio de geologia, curiosamente um ramo da engenharia no qual o maestro Rodrigo Toffolo se formou na UFOP.

Entre os presentes, Guilherme Estrella, ex-diretor de exploração da Petrobras e figura central nas descobertas do pré-sal brasileiro. O que ele viu naquela noite o impressionou. “A Petrobras é uma empresa estatal; logo, tem compromisso com a sociedade e com o povo brasileiro. Ao conversar com o jovem maestro, e ainda impactado pela apresentação, percebi que a Orquestra Ouro Preto era uma iniciativa importantíssima, nascida em uma universidade pública brasileira, que enfrentava dificuldades para se estabilizar como instituição cultural.”

O apoio da empresa, formalizado em 2011, representou um momento decisivo para a consolidação do grupo.

## INOVAÇÃO E CONSOLIDAÇÃO

Nos anos seguintes, a Orquestra Ouro Preto construiu uma identidade artística particular. Parte dessa identidade nasce da própria cidade que lhe deu origem. “Acho que a cidade de Ouro Preto nos impregna com esse sentimento: somos modernos e rococós”, diz Rodrigo Toffolo.

Essa mistura entre tradição e invenção ajudou a definir o trabalho do grupo, frequentemente resumido em duas palavras: excelência e versatilidade. Excelência no rigor artístico, na qualidade musical e na performance de seus músicos; versatilidade na capacidade de transitar entre repertórios, artistas e linguagens.

Um dos primeiros marcos dessa abertura foi o espetáculo *Orquestra Ouro Preto: The Beatles*, que nasceu de uma provocação de João Luiz Martins, ex-reitor da UFOP, ao maestro Toffolo. O sucesso foi tanto que o reper-

tório os levou a Liverpool, à célebre International Beatleweek. O concerto tornou-se um dos projetos de maior apelo popular da história do grupo.

Ao mesmo tempo, o grupo percorreu praticamente todo o Brasil, apresentando-se tanto em grandes salas de concerto e espaços públicos imensos quanto em lugares improváveis, como o município de Itapiranga, no Amazonas, cercado por floresta. Nos anos seguintes, vieram apresentações em Portugal e na região da Galícia, na Espanha, em parceria com a Comunidade dos Países de Língua Portuguesa. Mais recentemente, em 2025, a Orquestra realizou uma turnê ao lado de Alceu Valença, passando por vários países da Europa, sempre com muito sucesso.

No decorrer dessa trajetória, a Orquestra dividiu o palco com nomes como Antonio Nóbrega, João Bosco, Carlinhos Brown, Diogo Nogueira, AnaVitória, Jota Quest, Pato Fu, Fernanda Takai e o produtor de música eletrônica Kvsh. No campo da música de concerto, destaca-se também a parceria com o pianista Cristian Budu, reconhecido internacionalmente no meio e profundo admirador da Ouro Preto.

A discografia do grupo acompanha essa trajetória. São mais de 20 álbuns lançados nas principais plataformas digitais, somando milhões de visualizações e ouvintes, algo incomum para uma formação orquestral. Entre esses trabalhos, *Valencianas*, realizado em parceria com Alceu Valença, rendeu, em 2015, o Prêmio da Música Brasileira na categoria Melhor Disco de MPB.

Outro território explorado pela Orquestra é o da ópera e dos espetáculos cênico-musicais. Produções como *Feliz Ano Velho*, *Hilda Furacão*, *Auto da Compadecida* e *O Pequeno Príncipe* revelam uma disposição para transformar obras da literatura e da cultura brasileira em experiências que atravessam música, teatro e narrativa.

Além da produção artística, a Orquestra desenvolve projetos educacionais que ampliaram seu impacto cultural: o Núcleo de Apoio a Bandas promove oficinas de capacitação para corporações musicais em diferentes regiões do país; e a Academia Jovem oferece formação, com bolsas de estudo, a novos músicos. O sucesso de ambos é tanto que o primeiro já beneficiou diretamente mais de 900 famílias; e a Academia dá suporte à formação principal. Hoje, 12 ex-alunos do projeto educacional fazem parte do grupo. Essa renovação constante garante que o legado se multiplique em novas gerações de instrumentistas. É a prova de que a democratização da música de concerto é um caminho sem volta.

FOTOS ACERVO FAMILIAR





FOTO ACERVO FAMILIAR

Todo esse *hub* de atividades é coordenado pelo Instituto Ouro Preto, responsável pela gestão e pelo desenvolvimento dos projetos culturais ligados à Orquestra. Enquanto os músicos ocupam o palco, uma equipe trabalha nos bastidores para garantir que cada concerto, cada gravação, cada projeto educativo continue a acontecer.

Mesmo diante de momentos adversos e dos muitos riscos que foi obrigada a correr, a Orquestra manteve sua capacidade de inovar e se adaptar. Durante a pandemia, por exemplo, quando salas de concerto foram fechadas, o grupo passou a fazer apresentações pela internet, sempre com todos os cuidados sanitários, preservando o vínculo com o público em um período de silêncio forçado para grande parte do setor cultural.

### O FUTURO

Passados 25 anos desde sua criação, a história da Orquestra Ouro Preto continua aberta. Talvez porque, como sugere a metáfora que atravessa essa trajetória, numa estrutura narrativa que lembra a “jornada do herói”, a música, assim como a arte, envolve algum grau de risco.

“Nosso grande salto está na capacidade de reinventar a Orquestra a cada ano que passa”, afirma Rodrigo Toffolo. E acrescenta: “Esses saltos sempre vêm ao encontro do nosso grupo, que se molda, acompanha e está conectado às mudanças da nossa sociedade. Assim, prefiro sempre focar no preparo para o salto”, reflete.

Entre Ouro Preto e os palcos do Brasil e do mundo, a Orquestra segue em movimento, como naquele instante suspenso da imagem de Yves Klein, em que o corpo parece flutuar antes de encontrar o chão. É como lembra o filósofo Vladimir Safatle ao empreender um gesto analítico para a obra de Klein: “(...) talvez a única função real da arte seja exatamente esta: nos fazer passar da impotência ao impossível”.

### O “ENSAIO” QUE NÃO TERMINA

Se você abrir o organograma da Orquestra, encontrará cargos normais, como os de uma empresa qualquer. Mas, se olhar por trás das cortinas, o que se vê é uma árvore genealógica que decidiu tocar junto. O que em outras instituições seria uma estrutura burocrática, na Orquestra é a extensão de uma mesa de jantar onde cada um já sabia, desde cedo, qual papel desempenharia na “sinfonia” da família Toffolo.

O resultado é uma orquestra que não apenas toca, mas convive. O “ventre familiar” é o que permite que eles corram riscos. Afinal, para quem já sobreviveu a viagens apertadas em um carro carregado de instrumentos, encarar um palco em Liverpool ou uma turnê europeia com Alceu Valença é como um domingo em família.

Na Orquestra Ouro Preto, a partitura pode ser de Mozart ou dos Beatles, mas o timbre, esse é puro DNA: um som que tem cheiro de casa, alma de Minas e a força de quem sabe que, no final do concerto, todos voltam para a mesma mesa. É ali, entre o café e a conversa, que o próximo “salto no vazio” é planejado com a segurança de quem tem raízes profundas. A música, nesse contexto, deixa de ser apenas uma performance para se tornar o abraço que mantém a família unida. Um legado que prova que o impossível se torna real quando se tem para onde voltar. ■

FOTO HEBER BEZERRA



FOTOS ACERVO FAMILIAR





FOTO IRIS ZANETTI



FOTOS ACERVO FAMILIAR



FOTO IRIS ZANETTI



FOTO CLICK ESTÚDIO

2022 — Copacabana parou para assistir ao lançamento de *Valencianas II*: Alceu Valença e Orquestra Ouro Preto

FOTO IRIS ZANETTI

**DISCOGRAFIA**  
POR LUIZ ABREU

## CARTOGRAFIA SONORA

**A rica discografia da Orquestra Ouro Preto representa, acima de tudo, seu legado na história da música**

Os meios já não são mais os mesmos. Ainda insistimos em chamar de disco cada um dos álbuns lançados, mesmo que os fonogramas existam hoje como ondas sonoras que não giram em círculos. O *streaming* transformou hábitos. Já não se ouve música folheando encartes cuidadosamente elaborados, que fomentavam o imaginário, apresentavam nomes, poesias e aproximavam o público de universos até então distantes. A experiência não se resumia ao *play*. Ali, o processo apenas começava. Como os meios não estavam na palma da mão, cada nota era degustada repetidas vezes, com a ansiedade de quem sabia esperar.

Ainda assim, segue pertinente tratar o catálogo fonográfico como discografia. A linguagem tem o poder de sobreviver às tecnologias. Afinal, é o sufixo da palavra que lhe dá sentido: grafia.

Nessa metonímia contemporânea, a Orquestra escreve uma história sonora de primeira grandeza. Desfila excelência e versatilidade sob uma direção artística ousada e plural, que retrata seu tempo, preserva o passado e olha para o futuro com perfume próprio.

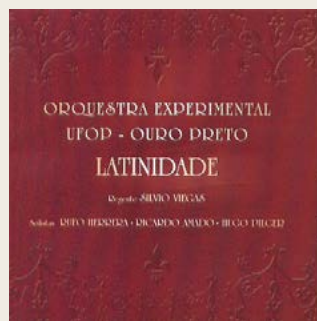
Pautado pelo experimentalismo, sem deixar de ser profundamente coerente, o acervo explora as infinitas possibilidades da música de concerto de uma forma tão própria quanto o CPF do regente e diretor musical Rodrigo Toffolo, que conduz o leme da nau. Talvez agora, inspirado por essas palavras, eu diria que o termo mais adequado abandone o disco e invista numa narrativa de descobertas: uma cartografia sonora.

Amigas e amigos, não desdenhem do autor dessas humildes palavras, nem pensem que ele está perdido em devaneios. Vamos lá: Mozart, Piazzolla, Vivaldi, Bosco e Capiba. Paul, Gonzaga, Ernani e Exupéry. Alceu e Milton no ataque. E essa escalação nem está completa! Uma verdadeira volta ao mundo em 9.125 dias. Inúmeras paisagens estéticas, atravessando séculos, geografias e linguagens.

Quando, em um futuro que se espera distante (tomara!), já não habitarmos essas terras e novas gerações revisitarem essa coleção, talvez encontrem nela não apenas registros fonográficos, mas vestígios de um tempo, de escolhas artísticas e de uma visão de mundo. E o que permanecerá será a assinatura.

Ao optar por criar, propor e reinventar, muito além de simplesmente repetir, a Orquestra Ouro Preto vem construindo mais do que uma discografia. Ela é um atlas criativo que segue em expansão.

Sem mais delongas, vamos aos discos.



**Título:** Orquestra Experimental da UFOP: Latinidade  
**Ano:** 2007 **Gravadora:** Karmin

Em 2007, sob a antiga alcunha de Orquestra Experimental da UFOP, o conjunto entregava uma obra que já evidenciava sua veia. *Latinidade* desvia-se de ser uma simples antologia temática para se estabelecer como um manifesto. Ao colocar em diálogo Piazzolla, Carlos Gomes e Guerra-Peixe, o repertório ilumina as fricções produtivas entre o cânone europeu, o fervor nacionalista e o modernismo sul-americano.

A batuta de Sílvio Viegas prioriza uma estética inabalável. O bandoneon de Rufo Herrera surge não como um adereço étnico, mas como espinha dorsal. A indicação ao Grammy Latino ratificou o que os ouvidos atentos já percebiam: tratava-se de um debut fonográfico com estampa própria e uma ambição estética que não pedia licença para existir.



**Título:** Latinidade: Música para as Américas  
**Ano:** 2016 **Gravadora:** Independente (Distribuição: Naxos Internacional)

Se o trabalho de 2007 lançava as bases de uma intenção, este álbum de 2016 expande o horizonte de forma panorâmica. Aqui, a postura curatorial torna-se ainda mais ambiciosa, tecendo um fio de unidade estética sobre a diversidade rítmica do continente. A seleção das obras desenha uma identidade sonora que, embora plural em suas origens, converge para um discurso técnico coeso e profundamente conectado às raízes americanas.

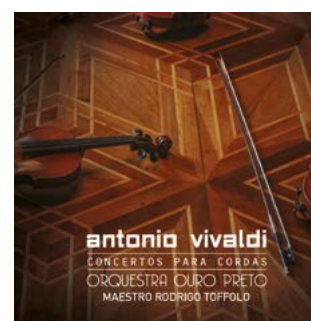
A projeção internacional via selo Naxos colocou a obra sob o escrutínio de um mercado global exigente, no qual a nitidez interpretativa é moeda de troca obrigatória. O disco abdica de artifícios sonoros superficiais e aposta em uma definição de linguagem robusta. A presença entre os finalistas do Prêmio da Música Brasileira sublinha o acerto da proposta.



**Título:** Oito Estações: Antonio Vivaldi e Astor Piazzolla  
**Ano:** 2014 **Gravadora:** Independente (Distribuição: Tratore)

O paralelismo entre Vivaldi e Piazzolla poderia sucumbir ao clichê do contraste geográfico ou temporal. No entanto, em *Oito Estações*, a Orquestra transmuta essa dualidade em uma tese musical vívida e pulsante. O álbum não se limita a uma alternância protocolar; ele mergulha, de fato, nas entranhas rítmicas de dois gênios que, embora distantes por séculos e oceanos, revelam-se irmanados por uma voltagem melódica febril e uma dramaticidade latente.

As articulações ganham uma nitidez cortante, conferindo ao pulso rítmico um protagonismo que não obscurece o lirismo e a elegância no desenho das frases. A obra se sustenta na integridade absoluta da performance, atingindo um ponto de equilíbrio magistral: de um lado, o preciosismo técnico; de outro, a expressividade arrebatadora que transborda.



**Título:** Vivaldi: Concertos para Cordas  
**Ano:** 2016 **Gravadora:** Independente (Distribuição: Naxos Internacional)

No barroco, o excesso interpretativo costuma ser o algaz de arquitetura musical. Neste registro dedicado a Vivaldi, o grupo opta por uma abordagem de absoluta sobriedade, priorizando a organização das vozes e a precisão das articulações. O resultado é um equilíbrio de massas sonoras que retrata o compositor veneziano em seu dinamismo característico, longe de qualquer peso desnecessário ou afetação.

A captação na Capela de São José dos Homens Pardos e Bem Casados conferiu ao álbum uma aura acústica límpida e naturalista. Ao fugir tanto do anacronismo romântico quanto da segura historicista, a Orquestra atingiu uma leitura atemporal. O reconhecimento mundial transformou este título em um dos pilares do catálogo.



**Título:** Valencianas: Alceu Valença e Orquestra Ouro Preto (Ao Vivo)  
**Ano:** 2014 **Gravadora:** Deck Disc

A parceria desvia-se do caminho fácil de ser apenas uma "roupagem sinfônica" para sucessos radiofônicos. *Valencianas* é uma reorganização harmônica profunda, operada pelos arranjos de Mateus Freire, que ampliam a paleta tímbrica sem trair o alicerce rítmico que define a obra do mestre pernambucano. As cordas aqui não apenas acompanham; elas dão partida em uma engrenagem sonora pulsante e inovadora.

O registro preserva a organicidade do palco. Há uma transação constante entre a voz e o corpo orquestral, em que nenhum dos lados aceita o segundo plano. O Prêmio da Música Brasileira veio coroar essa capacidade de erguer uma síntese íntegra entre o universos, provando que o diálogo entre gêneros pode ser sofisticado sem perder a alma.



**Título:** Música para Cinema  
**Ano:** 2017 **Gravadora:** Independente (Distribuição: Tratore)

Uma inversão de perspectiva: a partitura deixa de ser escrava da imagem para se tornar soberana. Ao interpretar temas de clássicos como *A Noviça Rebelde*, *Cinema Paradiso* e *O Carreiro* e *o Poeta*, a formação extrai a autonomia estética dessas obras, revelando texturas que muitas vezes passam despercebidas na sala escura. As composições são tratadas aqui como peças de concerto autossuficientes e de imensa densidade.

A curadoria percorre um arco emocional que abraça desde ícones internacionais até pérolas brasileiras, sempre com um olhar voltado para a integridade estrutural das trilhas. O álbum evita o apelo comercial fácil e investe na beleza da performance, provando que, quando despedidas da tela, tais melodias sobrevivem pela própria força harmônica.



**Título:** Tributo a The Beatles (Ao Vivo)  
**Ano:** 2015 **Gravadora:** Independente (Distribuição: Tratore)

Encarar o repertório de Liverpool exige coragem para não cair na redundância. Neste tributo, a formação decide dissecar as canções, reconfigurando-as a partir de suas entranhas harmônicas. O grupo redistribui melodias e dá corpo a planos sonoros que, nos registros originais, apareciam como sugestões sutis, respeitando, antes de tudo, a forma. O que se ouve é uma reverência que foge do museológico para propor uma cartografia afetiva inédita.

A gravação ao vivo injeta uma eletricidade imediata, capturando a simbiose entre palco e plateia. O valor deste projeto reside na recusa em tratar os Beatles como intocáveis relíquias do passado.



**Título:** O Pequeno Príncipe  
**Ano:** 2018 **Gravadora:** Independente (Distribuição: Tratore)

A estreia da parceria com o compositor Tim Rescala resultou em uma obra na qual a literatura de Saint-Exupéry encontra seu espelho sonoro. Fugindo da armadilha de ser apenas uma música de fundo ilustrativa, o projeto ergue uma narrativa que sustenta a carga filosófica e poética do texto. A partitura atua como bússola, transformando cada capítulo do livro em um cenário sonoro que amplia o imaginário de quem escuta.

A engenhosidade orquestral designa timbres específicos para cada aventura, criando um guia musical inteligível, que dispensa legendas ou explicações. Essa clareza permite que o lirismo da história alcance ouvintes de todas as idades.



**Título:** Suíte Masai: Flávio Renegado e Orquestra Ouro Preto  
**Ano:** 2019 **Gravadora:** Independente (Distribuição: Tratore)

*Suíte Masai* é o registro de um choque cultural que une o rap de Renegado à tradição das cordas mineiras. Sob a regência de Toffolo e arranjos de Marcelo Ramos, a Orquestra substitui os *samples* eletrônicos por uma verve acústica que preserva a urgência e o vigor do discurso do artista.

O repertório tece um diálogo horizontal sem distinções ou patamares. Entre faixas autorais e homenagens a nomes como Moacyr Santos, a versatilidade do grupo é testada e aprovada em arranjos que equilibram o suíngue e a elegância camerística. Gravado ao vivo no campo de futebol da comunidade do rapper, o Alto Vera Cruz, o álbum desbrava fronteiras linguísticas e geográficas, provando que a música de concerto pode, sim, ser perfeitamente urbana.



**Título:** Ritmos Brasileiros: Orquestra Ouro Preto e Duo Desvio  
**Ano:** 2021 **Gravadora:** Independente (Distribuição: Tratore)

*Ritmos Brasileiros* é uma ode ao couro e à madeira, colocando a percussão brasileira no centro do tablado erudito. A parceria com o Duo Desvio deságua em uma “desconstrução do óbvio”, em que ritmos seculares como o frevo e o maracatu são elevados ao status de solistas de concerto. O diálogo de 12 anos entre os percussionistas e a Orquestra culmina em uma sonoridade que pulsa com a energia das ruas e o rigor das salas de concerto.

O ápice do álbum reside no inédito *Concerto para Dois Pandeiros e Orquestra*, que extrai desse instrumento emblemático possibilidades sonoras até então pouco exploradas pela música de câmara. Além da excelência do áudio, o projeto expandiu-se para o campo multimídia, oferecendo uma imersão 3D que permite ao ouvinte “navegar” entre os músicos.



**Título:** The Little Prince  
**Ano:** 2019 **Gravadora:** Independente (Distribuição: Tratore)

Esta versão internacional do projeto que rende tributo ao universo literário de Saint-Exupéry marca o passo definitivo da formação em direção ao cenário global. A narração do ator inglês Michael Wade exigiu um ajuste minucioso na interpretação para que a espinha dorsal melódica não fosse alterada.

A jornada sensorial permanece intacta: o cravo como rei, a flauta como geógrafo e o xilofone como o homem de negócios. Essa personificação tímbrica garante uma fluidez narrativa que encanta pela simplicidade aparente e pela complexidade de execução. O registro demonstra a maturidade do conjunto em gerenciar produções multimídia internacionais, equilibrando comunicabilidade e estrutura técnica com maestria.



**Título:** Fernão Capelo Gaivota  
**Ano:** 2021 **Gravadora:** Independente (Distribuição: Tratore)

Nesta cantata cênica inspirada no *best-seller* de Richard Bach, a Orquestra promove um intercâmbio entre literatura, dança e formação social. O projeto integrou jovens do Programa Vale Música, transformando o ato de gravar em uma experiência pedagógica e artística de alto voo. A música original de Tim Rescala e a narração de Zezé Motta tecem uma atmosfera de liberdade e autoconhecimento que transborda a barreira do fonograma.

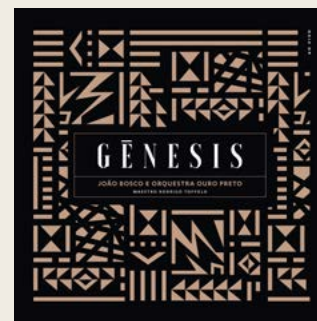
A escrita de Rescala privilegia um desenho melódico fluido e jovial, capaz de traduzir a imensidão do voo em texturas de cordas expansivas. A obra atesta a vocação da formação mineira para coordenar projetos de grande envergadura social, provando que a excelência técnica pode e deve ser uma ferramenta de transformação humana.



**Título:** Quem Perguntou Por Mim: Fernando Brant e Milton Nascimento  
**Ano:** 2019 **Gravadora:** Independente (Distribuição: Tratore)

Ao mergulhar no oceano poético de Fernando Brant e Milton Nascimento, a Orquestra capturou a própria alma de Minas Gerais. Este projeto, nascido de um desejo compartilhado com o próprio Brant ainda em vida, evita o óbvio do tributo póstumo e entrega uma materialização estética da mineiridade.

Os arranjos de Mateus Freire revitalizam monumentos como *Travessia* e *Maria Maria*, expandindo suas texturas sem desprezitar a densidade harmônica original do *Clube da Esquina*. O disco foge das fórmulas prontas de álbuns tributo e se posiciona como um projeto ambicioso, no qual o regionalismo de Brant ganha contornos de universalidade. É um registro histórico que preserva o legado de dois gigantes com um frescor interpretativo singular.



**Título:** João Bosco e Orquestra Ouro Preto: Gênesis  
**Ano:** 2022 **Gravadora:** MSK Records

O álbum não se contenta em ser uma moldura para o solista; ele estabelece um renascimento das canções de Bosco sob arranjos magistrais de Nelson Ayres. A rítmica particular e as harmonias labirínticas do compositor ganham uma nova voltagem nas cordas, revelando nuances ainda mais impressionantes de seu trabalho.

O repertório é uma sucessão de monumentos, de *Corsário* a *O Bêbado* e *a Equilibrista*, sustentada pelo diálogo horizontal entre o trio de Bosco e a Orquestra. O vínculo afetivo do artista com a cidade de Ouro Preto, onde viveu tempos de formação, transparece na entrega interpretativa. O disco estabiliza uma sonoridade refinada, que respeita a gênese popular das canções enquanto as eleva a um patamar de música de câmara de primeira linhagem.



**Título:** The Beatles, Volume 2  
**Ano:** 2020 **Gravadora:** Independente (Distribuição: Tratore)

Lançado no epicentro de uma crise global, o segundo volume dedicado aos rapazes de Liverpool serviu como um anteparo estético e emocional para o público. O experimentalismo da formação mineira aqui se aprofunda, desbravando a biografia musical dos Beatles.

Com as partituras de Mateus Freire, o conjunto explora desde o vigor juvenil de *Twist and Shout* até as complexidades psicodélicas de *While My Guitar Gently Weeps*. O trabalho evita a redundância com o volume anterior ao propor cores harmônicas mais densas e ousadas, sustentadas por uma execução técnica impecável. O disco consagra uma proposta que une universos de forma tão orgânica que as fronteiras simplesmente desaparecem.



**Título:** Valencianas II: Alceu Valença e Orquestra Ouro Preto (Ao Vivo em Portugal)  
**Ano:** 2022 **Gravadora:** Deck Disc

Gravado na Casa da Música, em Portugal, o álbum cristaliza a interseção entre o agreste pernambucano e o barroco mineiro sob as luzes da Europa. O desafio de selecionar novos sucessos foi superado por arranjos que trazem uma densidade contrapontística ainda maior, mergulhando fundo na essência nordestina com segurança estrutural.

A suíte orquestral de abertura prepara o terreno para pérolas como *Dia Branco* e *Táxi Lunar*, em que o conjunto demonstra uma maturidade sonora notável. A obra reafirma o sucesso de uma proposta que arrebanha multidões em ambos os lados do Atlântico, unindo o vigor de Alceu às cores vibrantes da orquestra.



**Título:** Haydn & Mozart

**Ano:** 2023 **Gravadora:** Independente (Distribuição Internacional: Naxos)

Ao encarar Haydn e Mozart, a formação mineira debruça-se sobre os fundamentos da própria linguagem orquestral. A participação de Cristian Budu e Gustavo Carvalho no concerto para dois pianos eleva o patamar técnico do registro, evidenciando uma sintonia camerística rara entre solistas e grupo.

A interpretação foge da armadilha do sentimentalismo anacrônico e foca na interpretação da arquitetura das partituras. Da dramaticidade da *Sinfonia Trauer*, de Haydn, aos “humores” mutáveis de Mozart, o conjunto exibe um domínio das dinâmicas clássicas que atesta sua versatilidade absoluta. É uma obra que trata o passado não como dogma, mas como uma experiência viva, teatral e dotada de um frescor que renova o cânone clássico.



**Título:** A-Ha (Orquestra Ouro Preto Version)

**Ano:** 2023 **Gravadora:** MSK Records

Em um mergulho corajoso na estética dos anos 1980, o grupo transpõe o synth-pop dos noruegueses do A-Ha para o universo erudito com surpreendente naturalidade. Os arranjos de Fred Natalino resgatam a melancolia e o lirismo das composições originais, preservando a aura de clássicos como *Hunting High and Low*. O projeto conquistou o selo de aprovação dos próprios músicos da banda, que enaltecem a sofisticação dada ao repertório pop.

O disco equilibra a dramaticidade sinfônica com a comunicabilidade radiofônica, revelando a elasticidade das canções de Morten Harket e companhia. A tradução estética prova que a boa melodia independe do suporte tecnológico, ganhando novas camadas de leitura quando submetida ao crivo das cordas.

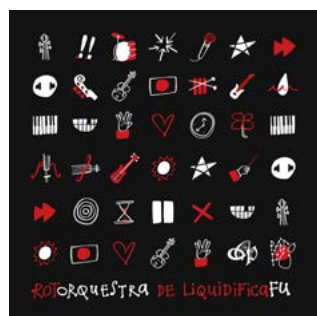


**Título:** Vander Lee: No Balanço do Balaio

**Ano:** 2024 **Gravadora:** MSK Records

Este tributo realiza o antigo sonho de Vander Lee: ver suas crônicas urbanas banhadas por arranjos orquestrais. O álbum foca no balanço particular do compositor mineiro, unindo a pulsação do samba e da balada romântica a um tratamento de cordas refinado por Marcelo Ramos. Com a participação da filha Laura Catarina e do irmão Marcos Catarina, o registro ganha uma carga de legitimidade afetiva que emociona em cada compasso.

A interpretação do grupo garante que a poesia de Lee permaneça como núcleo dramático central. É uma obra que estabiliza a memória de um dos maiores cronistas contemporâneos de Minas, elevando suas composições ao status de peças orquestrais profundamente enraizadas na alma popular.



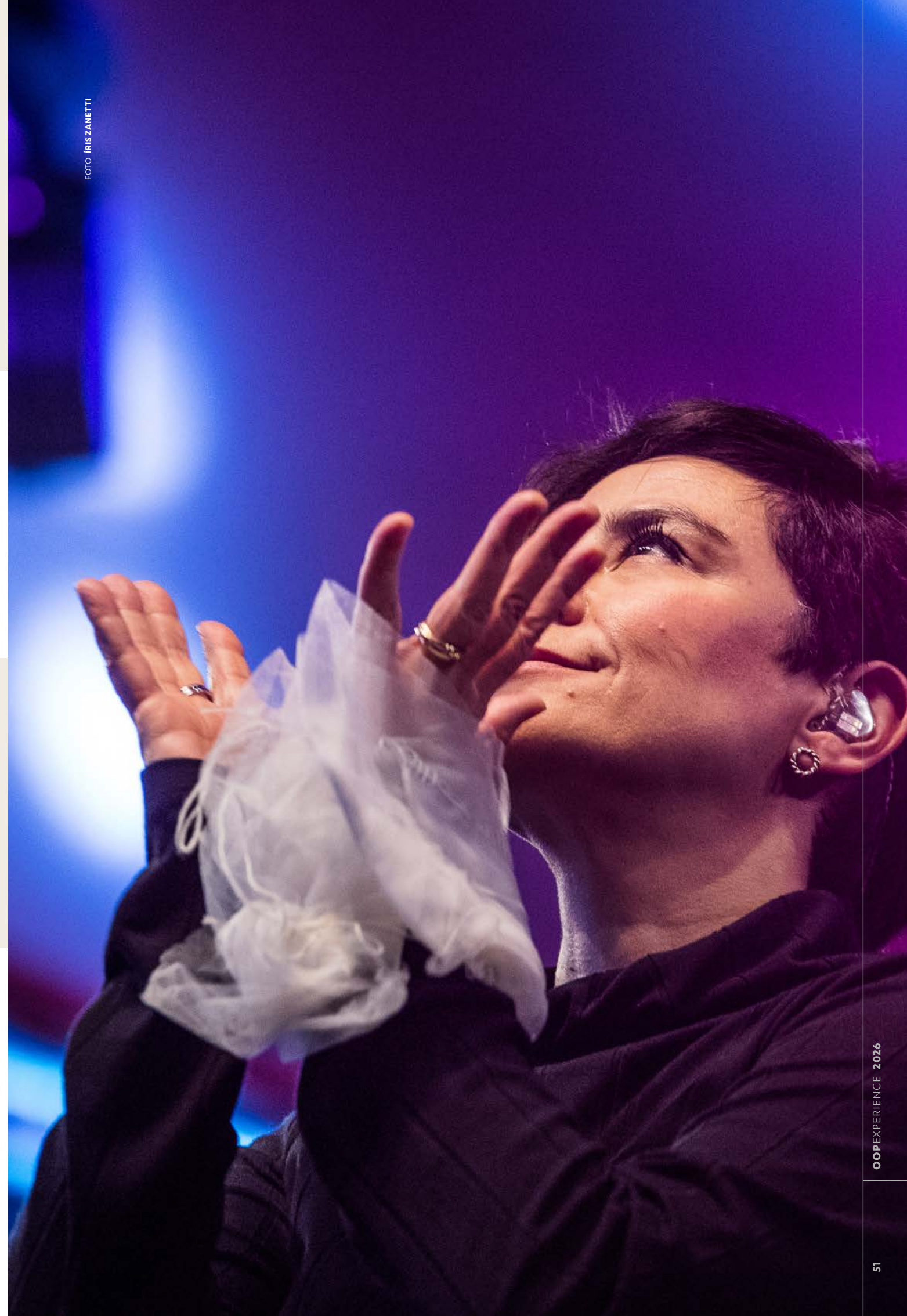
**Título:** Rotorquestra de Liquidificafu: Pato Fu e Orquestra Ouro Preto

**Ano:** 2024 **Gravadora:** Rotomusic (com distribuição da OneRPM)

O encontro com o Pato Fu é uma celebração do hibridismo anárquico e da vanguarda mineira. Gravado ao vivo, o álbum transita pelos 30 anos de carreira da banda com arranjos surpreendentes de Paulo Malheiros, que desafiam expectativas.

Do sotaque de *Simplicidade* à ousadia de *Rotomusic de Liquidificapum*, o disco é uma jornada sonora “fora da caixa”. A orquestra assume uma postura audaciosa, integrando-se organicamente às invenções do grupo liderado por Fernanda Takai, John Ulhoa e Ricardo Koctus. O trabalho consagra o compromisso das duas formações com o experimentalismo, provando que a música de concerto e o pop alternativo podem habitar o mesmo espaço.

FOTO: IRISZANETTI





**Título:** Academia Jovem Orquestra Ouro Preto: Holst, Bartók, Ayres e Travassos  
**Ano:** 2024 **Gravadora:** Independente (com distribuição internacional pela Naxos)

O registro inaugural da Academia Jovem é um documento de renovação e vigor técnico. Com a produção minuciosa de Ulrich Schneider, novos talentos encaram o modernismo europeu e a nova produção brasileira com uma energia contagiante. O álbum é o ápice de um projeto social e pedagógico pioneiro, que prepara instrumentistas para o mercado global sem abrir mão da sensibilidade artística e humana.

O repertório articula o rigor de Holst e Bartók com obras inéditas de Nelson Ayres e Alexandre Travassos, criando um arco que viaja da *Suíte Saint Paul* às memórias nordestinas de *A Morte do Bode Tião*. A qualidade técnica atingida pelos jovens músicos surpreende pela maturidade, reafirmando a função educadora da Orquestra.



**Título:** Auto da Compadecida, a Ópera  
**Ano:** 2024 **Gravadora:** MSK Records

Transformar a obra máxima de Suassuna em uma ópera-bufa brasileira foi um dos lances mais arrojados da trajetória do grupo. Com música de Tim Rescala e libretto assinado pelo compositor e por Rodrigo Toffolo, o projeto funde o universo lírico à oralidade sertaneja. João Grilo e Chicó ganham contornos operísticos que, em vez de os distanciarem do público, sublinham a agilidade e a graça dessas figuras imortais da literatura nacional.

O álbum reúne um elenco estelar do canto lírico e do teatro, garantindo uma organicidade teatral rara em estúdio. A orquestração inventiva sustenta a comédia e o drama com igual competência, provando que o gênero erudito pode ser contemporâneo e profundamente conectado à alma do povo.



**Título:** Villa-Lobos, Piazzolla e Mehmari  
**Ano:** 2025 **Gravadora:** Independente (com distribuição internacional pela Naxos)

Em comemoração aos seus 25 anos, a Orquestra entrega uma triangulação estética transamericana de altíssima sofisticação. O disco articula a herança de Villa-Lobos, a revolução rítmica de Piazzolla e o frescor contemporâneo de Mehmari em um discurso de absoluta coesão. A interpretação das *Bachianas Brasileiras nº 9* exibe uma precisão cirúrgica, enquanto as cordas mergulham com paixão nos arranjos de José Carli para a obra do mestre portenho.

A peça inédita de Mehmari, *Canções para as Estações*, traz a voz luxuosa de Marília Vargas para personificar uma ponte afetiva entre o barroco de Vivaldi e o presente. Com citações que viajam de Gershwin a Schubert, a obra resume a visão de mundo do grupo: um respeito profundo pelo passado, atravessado por uma vontade incessante de criar o novo.



**Título:** Gonzaga: Concerto para Cordas e Trio Pé de Serra  
**Ano:** 2025 **Gravadora:** MSK Records

Tratado com o mesmo rigor técnico dedicado a Vivaldi, Haydn ou Mozart, o repertório do Rei do Baião revela uma complexidade harmônica e melódica fascinante sob os arranjos especialmente encomendados a Mateus Freire.

Clássicos como *Asa-Branca* e *Assum-Preto* ganham contornos épicos e delicados, provando que a música de Gonzaga é atemporal e suporta expansões formais ambiciosas. Captado com a sensibilidade técnica de Bruno Corrêa, o álbum é uma celebração da identidade brasileira em sua forma mais depurada. Ao tratar a tradição nordestina com tamanha seriedade e refinamento, a Orquestra ratifica sua missão de democratização cultural. ■

# Energias que impulsionam vidas

Na Aliança reforçamos nosso compromisso com a cultura e com tudo aquilo que faz a vida vibrar. Porque quando energia e arte se encontram, impulsionamos vidas.

*Esse é o nosso propósito.*



ALIANÇA



FOTO: RAFFA GARCIA

**DISCOGRAFIA**  
POR SAULO RIOS

## ENTRE A FICÇÃO E A MÚSICA DE CONCERTO

**Novo álbum da Orquestra Ouro Preto transforma o cancionário do Rei do Baião em experiência orquestral que alia imaginação à excelência e à versatilidade – diferenciais que marcam a trajetória de 25 anos do grupo**

No livro *João Guimarães Rosa: a ficção à beira do nada* (2021), o filósofo francês Jacques Rancière afirma que a ficção, esta forma que também abarca nossa faculdade de imaginar, “(...) não é o lugar dos sonhos onde se vai descansar da vida ordinária”. Ao contrário. Para ele, a ficção “é a negação radical da vida ordinária; é a verdadeira vida, aquela a que é preciso se dedicar inteiramente”. Isto é, ficcionalizar a vida não é inventar ou representar suas minúcias única e exclusivamente, uma vez que a ficção faz parte da nossa maneira de fazer e vivenciar isso que chamamos de mundo.

No mesmo ensaio, o filósofo lembra de entrevista concedida por Guimarães Rosa a um crítico alemão, em que o autor mineiro julga ser um escritor do sertão, aquele que trabalha a língua ordinária para afastá-la do lugar que uma certa *intelligentsia* legou a ela: o da miséria social, econômica e cultural. Ora, trazendo essa reflexão da literatura para a música popular brasileira, se Rosa foi escritor do sertão, não seria nenhum absurdo dizer que Luiz Gonzaga foi seu grande trovador.

Você deve estar se perguntando: mas o que a ficção, o Rei do Baião e a Orquestra Ouro Preto têm em comum? É que *Gonzagão: Concerto para Cordas e Trio Pé de Serra*, mais recente trabalho do grupo, lançado no final de 2025 – e que já conta com quase 700 mil visualizações no YouTube e mais

de 150 mil ouvintes na principal plataforma de *streaming* de música –, é inspirado, do conceito ao produto final, nesses pilares, somados à excelência e à versatilidade que estão no DNA da formação orquestral.

Com direção musical e regência do maestro Rodrigo Toffolo e arranjos inéditos assinados por Mateus Freire, o álbum é fruto do espetáculo homônimo que já passou por cidades do Nordeste e do Sudeste do país. “Em 2016, lançamos uma série de concertos para cordas de um dos mais importantes nomes da música: Antonio Vivaldi, compositor que tem papel crucial na formação de orquestras e músicos de cordas em geral. Quase 10 anos depois, imaginamos, meio que reverberando a força desse trabalho, como seria um concerto de cordas genuinamente brasileiro. A primeira coisa que passou pela nossa cabeça é que talvez um trio pé de serra junto com uma orquestra de câmara seria a melhor configuração. E, quando você entra na seara de um trio pé de serra, Gonzagão está ali, sussurrando suas canções, tão presentes em nossa memória coletiva musical e, por que não, em nosso coração”, lembra Toffolo.

A escolha da forma “concerto”, que inspira o próprio título do trabalho, orienta a organização do material sonoro. O virtuosismo das cordas convive com a expressividade da sanfona, da zabumba e do triângulo, em alternâncias que evidenciam timbres e funções sem estabelecer hierarquias fixas. O resultado é uma escuta contínua, orgânica, em que os diferentes planos se integram em uma única materialidade sonora.

É interessante perceber que *Gonzagão: Concerto para Cordas e Trio Pé de Serra* propõe não só uma outra forma de expressar a obra de Luiz Gonzaga, fazendo dialogar o popular com o erudito, mas também de ouvi-la, já que a ideia é transpor o universo do artista para uma sala de concerto, proporcionando uma forma distinta de fruição. Se, no dia a dia, a música



FOTOS: RAPHA GARCIA

Orquestra reunida para a gravação do disco e do audiovisual

do artista pernambucano costuma estar associada à festa, à dança ou à convivência, como reflete Toffolo, no álbum ela se apresenta sob o regime de uma escuta mais atenta. “Quando você senta para escutar, você é levado a produzir novos sentidos sobre a música de Gonzagão. A mudança de contexto e a roupagem de excelência, própria de uma formação orquestral, além de revelarem camadas de construção, variações de timbre e relações que, muitas vezes, passam despercebidas na obra de Luiz Gonzaga, a universalizam. Mas, ainda assim, o movimento do corpo continua, em estado de latência, pronto para despertar”, comenta o maestro.

O álbum reúne 12 faixas (*Assum-Preto, Sabiá, Paraíba, A Vida do Viajante, Qui Nem Jiló, Respeita Januário, Asa-Branca, O Xote das Meninas, Boiadeiro, Numa Sala de Reboco, Pau de Arara e Vem Morena*) e percorre um território musical que se confunde com a própria ideia de Brasil. Os arranjos reconhecem a riqueza melódica das músicas e sua poesia, mesmo sem a palavra cantada. Essa ausência não busca deslocar o centro das canções, mas mantê-las. Como explica Mateus Freire: “A preocupação central foi fazer com que as cordas e o trio pé de serra soassem como um só instrumento, um verdadeiro organismo. O protagonismo precisava ser da própria música de Gonzaga. A orquestra entra como expansão poética, ampliando cores, texturas e emoções, enquanto o trio permanece como o coração pulsante do trabalho”.

Talvez por isso a escuta do disco promova um efeito saboroso: a sensação de que as letras continuam ali. Em muitos trechos, o ouvinte pode se pegar completando mentalmente os versos, como se o instrumental estivesse, de algum modo, convidando para cantar. Esse fenômeno confirma a dimensão poética da obra de Gonzaga e evidencia o quanto sua criação ultrapassa o campo do registro para se tornar uma experiência cultural compartilhada.

Destaque também para a presença da música armorial e de elementos do universo musical nordestino, que se manifestam em *Paraíba, O Xote das Meninas* e *Asa-Branca*. Esta, em determinado momento, evoca *O Ovo*, de Geraldo Vandré e do saudoso Hermeto Pascoal, que nos deixou recente-

mente. O repertório faz emergir ainda boa parte do cancionário do Rei do Baião para além das faixas selecionadas. Mesmo quando não aparecem de maneira expressa, algumas de suas canções são evocadas na textura de arranjos como *Carolina*, que dá as caras em *Sabiá*; e *Baião*, que encerra *Asa-Branca*.

Em recente entrevista ao podcast *Mano a Mano*, Alceu Valença, parceiro de longa data da Orquestra Ouro Preto, conta a Mano Brown como foi seu primeiro encontro com Luiz Gonzaga após tê-lo como espectador privilegiado em um de seus shows. E por que não imaginar a reação de Gonzagão ao se deparar com a homenagem da Orquestra Ouro Preto? Para Rodrigo Toffolo, talvez ele sentisse falta de alguém declamando sua poesia. “Mas a música é uma linguagem universal e consegue passar alegria, tristeza, carinho, tensão, relaxamento... A impressão que eu tenho é que ele ia curtir, sim, ia gostar de ver. E já pensou a Orquestra tocando com ele? Enfim, são sonhos que ficam pelo passado”, brinca Rodrigo.

Em resumo, *Gonzagão: Concerto para Cordas e Trio Pé de Serra* é um trabalho que amplia os modos de fruição da obra do Rei do Baião, por meio da ficção, sem afastar a música do artista de sua natureza. É um álbum que convida a escutar, a lembrar, a sorrir, a se emocionar. E que também preserva o gesto primário dessas canções, capaz de conduzir o ouvinte de volta ao seu território de origem: o da festa, da celebração, do encontro e dos corpos em dança. Afinal, quando o assunto é Orquestra Ouro Preto, versatilidade e excelência são conceitos inseparáveis, andam juntos. Ou melhor, estão sempre dançando. ■

## ONDE A CULTURA CRESCE, O LEGADO ACONTECE.

Em seu primeiro ano, o Instituto AngloGold Ashanti fortalece um legado pensado para durar, e a cultura é parte essencial desse caminho. Ao lado da Orquestra Ouro Preto, o Instituto intensifica o fomento cultural e amplia o acesso à educação musical nos territórios onde atuamos. Uma parceria que valoriza tradições, inspira novos públicos e transforma encontros em futuro com diálogo, presença e compromisso.

**1 ANO**  
UM LEGADO  
EM CONSTRUÇÃO



APONTE  
A CÂMERA  
PARA  
SABER MAIS.



FOTO: RAPHA GARCIA

## MUITO ALÉM DE NÚMEROS

Onde a música encontra gente, os números viram histórias

Os infográficos a seguir mostram crescimento e circulação. Para a Orquestra Ouro Preto, porém, cada dado tem rosto e escuta. Por trás de cada visualização há alguém que interrompeu o próprio ritmo para encontrar a música. É nesse encontro que tudo começa e se renova.

Em 2025, a Orquestra percorreu diferentes países e reuniu grandes públicos nas salas de concerto e nas plataformas digitais. Levou consigo uma identidade brasileira, inquieta e plural. Sua música atravessou fronteiras e se afirmou como linguagem comum, capaz de aproximar pessoas diversas em uma mesma experiência sensível. Cada aplauso, cada mensagem recebida, cada compartilhamento ampliou o campo de possibilidades artísticas.

Para o diretor de Comunicação e Marca, Luiz Abreu, os resultados precisam ser lidos para além das métricas. “Mais do que celebrar números que posicionam a Orquestra entre as principais formações do mundo, é essencial reconhecer a dimensão das entregas realizadas. Trata-se de um trabalho que democratiza o acesso à música de concerto, constrói um legado de referência e contribui para romper a ideia de que a orquestra é um espaço restrito. Esse percurso nasce da confiança dos patrocinadores, ganha forma na direção artística e se consagra no encontro com um público cada vez maior.”

Nesse contexto, os números revelam vínculos. Indicam confiança, continuidade e pertencimento. Funcionam como sinais de um afeto coletivo que se expressa na escuta e projeta novos caminhos. “Há histórias que cabem em planilhas. Outras só fazem sentido quando lembramos que, por trás de todo o movimento, existe alguém que parou para escutar”, afirma Luiz.

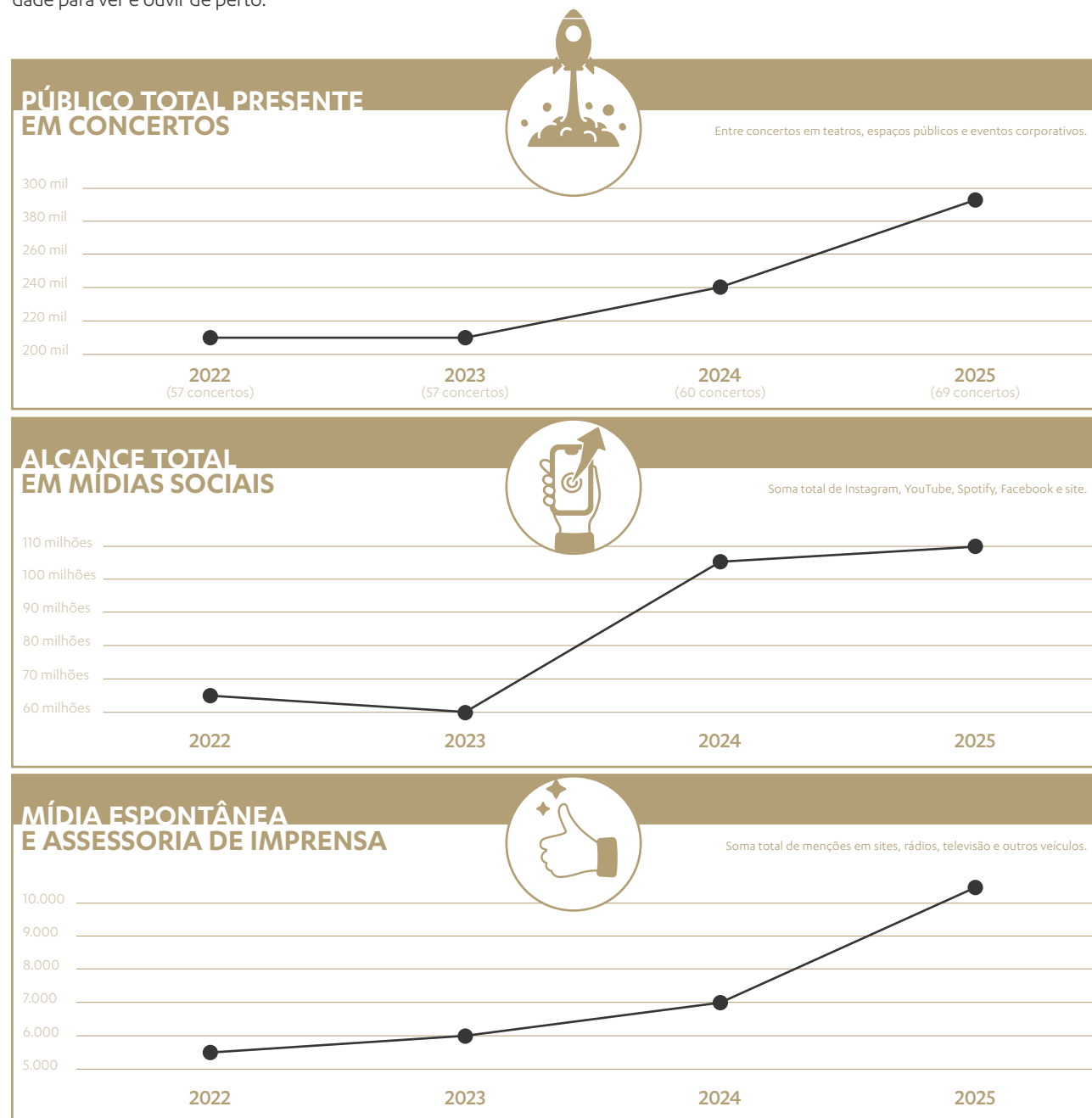
## TEMPORADAS DE OURO

Entre 2022 e 2023, a orquestra manteve um ritmo estável de circulação. Foi um período de base sólida. Cidades revisitadas, públicos que retornaram, ouvintes que chegaram pela primeira vez. Em 2024, a agenda foi ampliada, o público ultrapassou 240 mil pessoas e o projeto ganhou intensidade. Em 2025, o avanço se tornou evidente. Mais concertos, mais salas cheias, quase 290 mil presenças somadas. Não apenas mais apresentações, mas mais gente disposta a viver a experiência ao vivo.

No ambiente digital, a trajetória seguiu outra dinâmica. Depois de um ajuste em 2023, o alcance nas redes cresceu de forma decisiva e superou 100 milhões de visualizações e interações. São números que falam de telas e sobretudo de proximidade. Pessoas que encontraram a música em casa, no trabalho, no intervalo do cotidiano e que depois decidiram atravessar a cidade para ver e ouvir de perto.

A presença na imprensa acompanhou esse percurso. As menções cresceram ano a ano e registraram forte avanço em 2025. Mais reportagens, mais convites ao diálogo público, mais atenção à produção artística. Sinal de relevância cultural crescente.

Observado em conjunto, o movimento é claro. A escuta *online* amplia o interesse. O interesse leva às salas de concerto. As apresentações geram histórias que circulam e convidam novos públicos. Um ciclo contínuo de presença e partilha.



## ENTRE AS MAIORES DO MUNDO

Nas mídias sociais, um impulso decisivo ocorreu durante a pandemia, quando as transmissões ao vivo abriram novas formas de escuta e aproximaram pessoas que seguiam isoladas. As comunidades formadas naquele período permaneceram ativas, cresceram e consolidaram um ecossistema digital consistente, com audiência recorrente e forte interação.

Esse movimento se traduz em presença internacional. A Orquestra é, hoje, a mais ouvida da América Latina e está entre as 15 mais vistas no YouTube em seu segmento. No Spotify, a audiência mensal estável confirma a escuta frequente e a fidelidade de novos ouvintes.

Mais do que ampliar métricas, a presença digital integra a missão artística e formativa do grupo. Ampliar o acesso à música de concerto, conectar territórios e reunir uma comunidade que transita com naturalidade entre o palco e o ambiente *online* orientam essa trajetória. O resultado é uma expansão sustentada, nascida do encontro virtual e reafirmada, dia após dia, por um público cada vez maior.

No fim, o que permanece não é apenas o alcance, mas também o laço. A música segue encontrando pessoas e, em cada encontro, algo se transforma com delicadeza e permanência. É um gesto de cuidado compartilhado, um convite à escuta que se renova a cada apresentação. Porque, antes de qualquer número, existe a experiência humana de estar junto. E é desse estar junto, simples e profundo, que a história continua a ser escrita. ■





FOTO RAPHA GARCIA

## UMA TEMPORADA INESQUECÍVEL

**Orquestra Ouro Preto atravessa fronteiras com versatilidade, lota salas e arrasta multidões, reafirma a força da ópera e amplia o alcance da música de concerto em uma temporada memorável**

A temporada 2025 da Orquestra Ouro Preto foi daquelas que não cabem em números, embora eles impressionem. Foi um ano de travessia ampla, de contrastes férteis, de encontros que confirmam uma vocação rara: a de dialogar com muitos mundos sem perder a própria identidade.

De um inverno europeu que levou a música brasileira a palcos históricos, a um verão vibrante em praças e praias, a Orquestra percorreu um arco expressivo que poucos conjuntos conseguem sustentar. Londres, Paris, Utrecht, Berlim, Porto, Lisboa. Salas lotadas, silêncio atento, aplausos que reconhecem não apenas a excelência, mas a singularidade de um som que nasce da mistura. Logo depois, esse mesmo som ecoa em Copacabana ou em São Vicente, alcançando dezenas de milhares de pessoas. A mesma orquestra, o mesmo rigor, outra paisagem, outro tipo de escuta. E tudo faz sentido.

Há algo de profundamente simbólico em ver a música de concerto atravessar esses territórios. Não como concessão, mas como afirmação. Levar repertórios, formatos e ideias, que muitas vezes parecem restritos a grandes centros, para o interior do país é mais do que circulação. É construção de pertencimento. É dizer, com clareza, que essa música também é daqui.

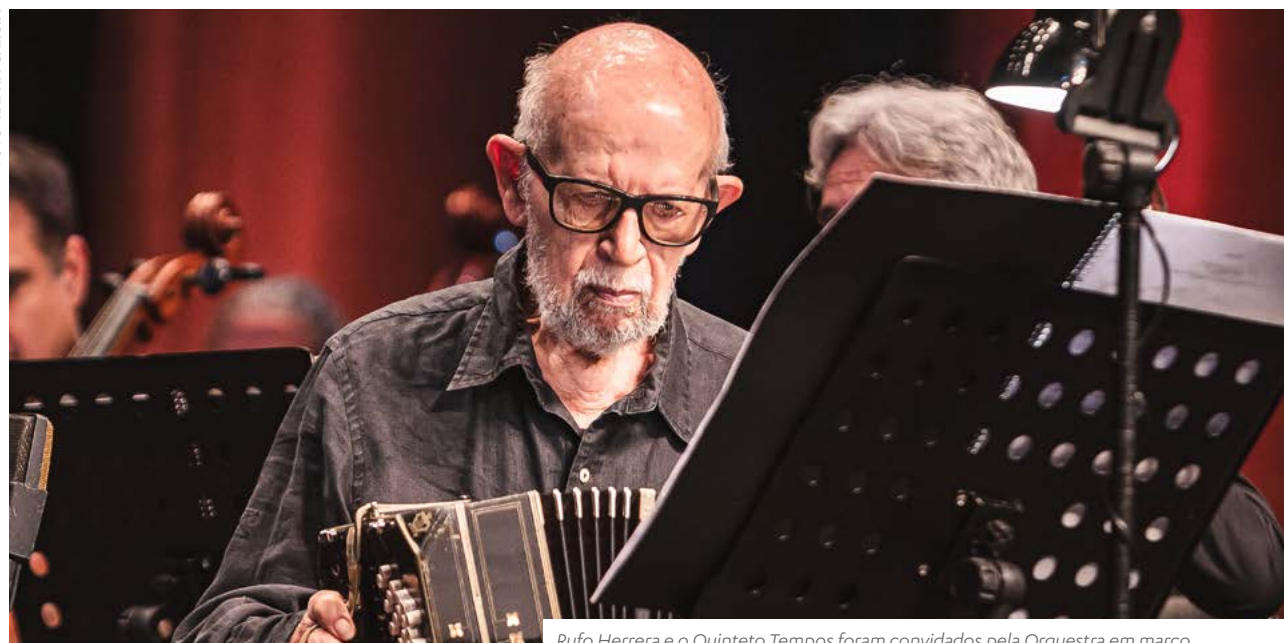
Ao mesmo tempo, a temporada reafirma a versatilidade como marca essencial. Beatles, Nirvana, A-Ha, Gonzagão. Parcerias com artistas de universos diversos. Concertos didáticos, projetos sociais, apresentações intimistas e grandes espetáculos ao ar livre. Uma orquestra que transita com naturalidade entre linguagens sem diluir sua essência, mas expandindo suas possibilidades.

E, no meio de tudo isso, um gesto de coragem e afirmação estética. A presença da ópera. Não uma, mas duas turnês. Num cenário em que a produção operística é sempre desafiadora, insistir nesse formato é um posicionamento. É investir na complexidade, na narrativa, na potência de um gênero que exige muito e entrega ainda mais. É também formar público, criar repertório, ampliar horizontes.

## TEMPORADA 2025

Data	Concerto	Motivo	Local	Público
30/01/25	Alceu Valença e Orquestra Ouro Preto	EuroTour 2025	Londres, Reino Unido The Barbican Centre	1.949 Sold out
01/02/25	Alceu Valença e Orquestra Ouro Preto	EuroTour 2025	Paris, França Salle Pleyel	2.136 Sold out
03/02/25	Alceu Valença e Orquestra Ouro Preto	EuroTour 2025	Utrecht, Países Baixos TivoliVrandenburg	1.717 Sold out
04/02/25	Alceu Valença e Orquestra Ouro Preto	EuroTour 2025	Barcelona, Espanha Paralel 62	900 Sold out
06/02/25	Alceu Valença e Orquestra Ouro Preto	EuroTour 2025	Berlim, Alemanha Funkhaus	2.123 Sold out
08/02/25	Alceu Valença e Orquestra Ouro Preto	EuroTour 2025	Porto, Portugal Casa da Música	1.238 Sold out
09/02/25	Alceu Valença e Orquestra Ouro Preto	EuroTour 2025	Lisboa, Portugal Centro Cultural de Belém	1.451 Sold out
13/03/25	Repertório Diverso	Inauguração Sicredi	Conselheiro Lafaiete, MG Nova Agência Sicredi	300 Evento fechado
17/03/25	Repertório Diverso	Lançamento Temporada	Ouro Preto, MG Casa da Ópera	120 Evento fechado
23/03/25	Orquestra Ouro Preto convida Rufo Herrera e Quinteto Tempos	Domingos Clássicos	Belo Horizonte, MG Sesc Palladium	1.150 Sold out
11/04/25	Alceu Valença e Orquestra Ouro Preto	Show	Sorocaba, SP Floresta Convenções	2.500 Sold out
12/04/25	Alceu Valença e Orquestra Ouro Preto	Show	São Paulo, SP Vibra	5.468 Sold out
13/04/25	Orquestra Ouro Preto: The Beatles	Domingos Clássicos	Belo Horizonte, MG Sesc Palladium	1.150 Sold out
02/05/25	Carlinhos Brown e Orquestra Ouro Preto	AngloGold Ashanti	Belo Horizonte, MG Palácio das Artes	1.468
03/05/25	Carlinhos Brown e Orquestra Ouro Preto	AngloGold Ashanti	Belo Horizonte, MG Palácio das Artes	1.598
11/05/25	Orquestra Ouro Preto: A-Ha	Domingos Clássicos	Belo Horizonte, MG Sesc Palladium	1.150 Sold out
17/05/25	Orquestra Ouro Preto: Lendas do Rock	Aliança Energia	Perdões, MG Praça Pública	4.000 Estimativa
20/05/25	Concerto Didático para Escolas Públicas de BH	Social	Belo Horizonte, MG Sesc Palladium	993
21/05/25	Concerto Didático para Escolas Públicas de BH	Social	Belo Horizonte, MG Sesc Palladium	938
24/05/25	Alceu Valença e Orquestra Ouro Preto	Instituto Cultural Vale	Ouro Preto, MG Praça Tiradentes	45.000 Estimativa
31/05/25	Orquestra Ouro Preto: Gonzagão	Show	Itabira, MG Praça do Areão	5.000 Estimativa
08/06/25	Orquestra Ouro Preto: Música Para Cinema	Domingos Clássicos	Belo Horizonte, MG Sesc Palladium	1.150 Sold out

FOTO: RAPHA GARCIA



Rufo Herrera e o Quinteto Tempos foram convidados pela Orquestra em março

FOTO: RAPHA GARCIA



Festa no Palácio: Carlinhos Brown e Orquestra Ouro Preto, em Belo Horizonte

FOTO: NATY TORRES



Alceu Valença e Orquestra em maio, na Praça Tiradentes de Ouro Preto



O Grande Governador da Ilha dos Lagartos: entremez foi apresentado no Sesc Palladium



Concha Acústica de Salvador lotada para celebrar a Afrossinfonicidade



No interior do Rio Grande do Norte, a Orquestra desembarcou com Gonzagão

Data	Concerto	Motivo	Local	Público
20/06/25	Vanessa da Mata e Orquestra Ouro Preto	SulAmérica	Curitiba, PR Ópera de Arame	1.258 Sold out
28/06/25	Feliz Ano Velho	Instituto Cultural Vale	Rio de Janeiro, RJ Praia de Copacabana	5.000 Estimativa
29/06/25	Mart'nália e Orquestra Ouro Preto	Instituto Cultural Vale	Rio de Janeiro, RJ Praia de Copacabana	16.000 Estimativa
29/06/25	Bloco do Sargento Pimenta e Orquestra Ouro Preto	Instituto Cultural Vale	Rio de Janeiro, RJ Praia de Copacabana	11.000 Estimativa
05/07/25	Carlinhos Brown e Orquestra Ouro Preto	Prefeitura de Ouro Preto	Ouro Preto, MG Estacionamento da UFOP	25.000 Estimativa
06/07/25	O Grande Governador da Ilha dos Lagartos	Domingos Clássicos	Belo Horizonte, MG Sesc Palladium	1.150 Sold out
09/07/25	Alceu Valença e Orquestra Ouro Preto	Kinross Paracatu	Paracatu, MG Largo do Rosário	12.000 Estimativa
16/07/25	Orquestra Ouro Preto: Lendas do Rock	Instituto Cultural Vale	Mariana, MG Praça da Sé	3.000 Estimativa
19/07/25	Duda Beat e Orquestra Ouro Preto	SulAmérica	Rio de Janeiro, MG Arcos da Lapa	10.000 Estimativa
27/07/25	Alceu Valença e Orquestra Ouro Preto	SulAmérica	Belo Horizonte, MG Praça da Liberdade	40.000 Estimativa
01/08/25	Orquestra Ouro Preto: Lendas do Rock	AngloGold Ashanti	Caeté, MG Praça Dr. João Pinheiro	3.500 Estimativa
03/08/25	Orquestra Ouro Preto: Nirvana Nevermind	Domingos Clássicos	Belo Horizonte, MG Sesc Palladium	1.150 Sold out
08/08/25	Hilda Furacão	Petrobras	São Paulo, SP Theatro Municipal	1.478 Sold out
09/08/25	Hilda Furacão	Petrobras	São Paulo, SP Theatro Municipal	1.478 Sold out
16/08/25	Orquestra Ouro Preto: Lendas do Rock	Aniversário Minas Tênis Clube	Belo Horizonte, MG Rua da Bahia	1.000 Evento fechado
17/08/25	Kvsh e Orquestra Ouro Preto	AngloGold Ashanti	Nova Lima, MG Alphaville	6.500 Estimativa
22/08/25	Feliz Ano Velho	Instituto Cultural Vale	Belo Horizonte, MG Palácio das Artes	1.367
23/08/25	Feliz Ano Velho	Instituto Cultural Vale	Belo Horizonte, MG Palácio das Artes	1.472
29/08/25	Caretada dos Amaros e Orquestra Ouro Preto	Kinross Paracatu	Paracatu, MG Largo do Rosário	8.000 Estimativa
29/08/25	Vanessa da Mata e Orquestra Ouro Preto	Kinross Paracatu	Paracatu, MG Largo do Rosário	10.000 Estimativa
07/09/25	Orquestra Ouro Preto convida Wilson Dias e Déa Trancoso	Domingos Clássicos	Belo Horizonte, MG Sesc Palladium	1.001
13/09/25	Diogo Nogueira e Orquestra Ouro Preto	SulAmérica	São Paulo, SP Ibirapuera	12.000 Estimativa

Data	Concerto	Motivo	Local	Público
13/09/25	Carlinhos Brown e Orquestra Ouro Preto	SulAmérica	São Paulo, SP Ibirapuera	12.000 Estimativa
18/09/25	Hilda Furacão	Petrobras	Belo Horizonte, MG Palácio das Artes	1.680 Sold out
19/09/25	Hilda Furacão	Petrobras	Belo Horizonte, MG Palácio das Artes	1.680 Sold out
27/09/25	Hilda Furacão	Petrobras	Rio de Janeiro, RJ Cidade das Artes	1.100 Sold out
28/09/25	Hilda Furacão	Petrobras	Rio de Janeiro, RJ Cidade das Artes	1.100 Sold out
05/10/25	Fernão Capelo Gaivota	Domingos Clássicos	Belo Horizonte, MG Sesc Palladium	1.150 Sold out
15/10/25	Fernanda Takai e Orquestra Ouro Preto	Aniversário Fundação Torino	Belo Horizonte, MG Sala Minas Gerais	1.400 Evento fechado
19/10/25	Carlinhos Brown e Orquestra Ouro Preto	Show	Salvador, BA Concha Acústica	4.321
22/10/25	Hilda Furacão	Petrobras	Curitiba, PR Teatro Guaíra	1.800 Sold out
23/10/25	Hilda Furacão	Petrobras	Curitiba, PR Teatro Guaíra	1.800 Sold out
31/10/25	Hilda Furacão	Petrobras	Boa Vista, RR Teatro Municipal	1.000
01/11/25	Hilda Furacão	Petrobras	Boa Vista, RR Teatro Municipal	1.100
08/11/25	Antonônio Vaz Lemes e Orquestra Ouro Preto	Sesc Geek	Belo Horizonte, MG Sesc Palladium	780 Evento fechado
09/11/25	Maurício Tizumba e Orquestra Ouro Preto	Domingos Clássicos	Belo Horizonte, MG Sesc Palladium	1.150 Sold out
22/11/25	Orquestra Ouro Preto: Gonzagão	Aliança Energia	São Vicente, RN Praça Métopia Fernandes	2.500 Estimativa
29/11/25	Kvsh e Orquestra Ouro Preto	Aniversário Obra Pavoniana BH	Belo Horizonte, MG Palácio das Artes	1.680 Sold out
07/12/25	Orquestra Ouro Preto: Gonzagão	Domingos Clássicos	Belo Horizonte, MG Sesc Palladium	1.150 Sold out
08/12/25	Auto de Natal	AngloGold Ashanti	Nova Lima, MG Teatro Municipal	695 Sold out
11/12/25	Reinauguração do Ógão Arp Schnitger	Prefeitura de Mariana	Mariana, MG Basílica de Nossa Senhora	400 Estimativa

Os números ajudam a dimensionar. Plateias lotadas em série, milhares de pessoas reunidas em espaços abertos, uma soma que ultrapassa facilmente as centenas de milhares durante todo o ano. Mas talvez o mais importante esteja no que não se mede. Na escuta transformada. No primeiro contato. No retorno de quem volta. Na memória que fica. ■



Quando a arte toca,  
histórias são transformadas.



Na Anglo American, acreditamos na música como instrumento de inclusão, educação e expressão da cultura brasileira. É por isso que apoiamos ações que aproximam comunidades, arte e novas oportunidades.

Ao celebrar o trabalho da Orquestra Ouro Preto, reafirmamos nosso compromisso com a ampliação do acesso a experiências culturais.

Por meio de investimentos como esse, promovemos um futuro que valoriza o que temos de mais precioso: as pessoas e suas histórias.



## ORIGINAIS ORQUESTRA OURO PRETO

POR SORAYA BELUSI

# UMA ORQUESTRA COM ASSINATURA PRÓPRIA

**Orquestra Ouro Preto e sua vocação para transformar originalidade em assinatura, criando um jeito próprio de existir e de ser destaque no cenário musical**

Há orquestras que interpretam repertórios. E há orquestras que propõem, encomendam, criam, inventam e constroem novos repertórios. A Orquestra Ouro Preto pertence, com convicção, ao segundo grupo.

Em 25 anos de estrada, o conjunto construiu algo raro no universo sinfônico: uma identidade reconhecível antes mesmo de soar a primeira nota. Como uma espécie de carimbo artístico, um selo, uma marca registrada. Uma assinatura estética que atravessa projetos, parcerias e formatos, do barroco ao pop, do teatro musical à ópera, do universo infantil ao festival para multidões. O que une todos é a maneira de a Orquestra Ouro Preto fazer e pensar música. Quando anuncia uma estreia, o público já questiona: qual novidade vem por aí?

“Falamos de uma maneira própria de enxergar o papel da orquestra no mundo”, diz o maestro Rodrigo Toffolo. “Um papel mais amplo, sem barreiras, capaz de se integrar onde for chamada e de produzir uma paisagem sonora única.”

Essa visão esteve presente desde o início da trajetória da formação mineira. A Orquestra nasceu, em 2000, já com a ideia de não ocupar apenas o lugar tradicional de intérprete do repertório clássico. Não se tratava de modernizar a embalagem, mas de repensar a função da orquestra. “Desde a formação, a gente buscava uma identidade própria, criando repertório personalizado e traba-

lhando fortemente a formação de público. A Orquestra já nasceu com esse DNA”, conta o maestro. Se existisse um manual invisível, uma das regras provavelmente seria fugir do óbvio. Ao longo dos anos, o grupo concebeu projetos e parcerias singulares que o levaram a um lugar de reconhecimento no cenário nacional e internacional justamente por, independentemente dos estilos e gêneros, trazerem a sua assinatura.

Movida por esse espírito propositivo, a Orquestra transformou o universo dos Beatles em sinfonia, sendo a primeira formação orquestral do mundo a performar na International Beatleweek. Um ímpeto que levou o grupo, há mais de 10 anos, a buscar Alceu Valença para protagonizarem, juntos, um encontro que virou referência no entendimento do que é a união entre a música de concerto e a popular. E não para por aí. Ao se unir a Carlinhos Brown, a Orquestra não se contentou em apenas executar de forma primorosa o repertório do cantor e compositor baiano; ela propôs um projeto conjunto, verdadeiramente coletivo, que (re)pensa, amplia e mergulha nas mais diversas possibilidades em um encontro de *Afrossinfonicidade*. Duda Beat, além de encantar com seus grandes sucessos, aceitou o convite de emprestar sua interpretação a clássicos do Mangubeat, num projeto que tem a assinatura da Orquestra. Sem voltar demais no tempo, o mesmo ocorreu no convite a Fernanda Takai para viver as canções de Jobim. Tudo isso faz parte da infinidade de arranjos que só a Orquestra Ouro Preto tem.

É esse mesmo motor que levou à criação de espetáculos cênico-musicais artisticamente concebidos pela direção artística da Orquestra, como *Fernão Capelo Gaivota* e *O Pequeno Príncipe*, sendo que este último ainda ganhou uma versão com áudio registrado em inglês. Motor que também fez o grupo mineiro desenvolver projetos inéditos de óperas brasileiras, uma série de encontros musicais que exaltam artistas mineiros e ainda concertos temáticos que misturam dramaturgia, arranjo e conceito, como o tributo *Nevermind*.



FOTO NATY TORRES

The Beatles: repertório original, sucesso de público e crítica, segue em cartaz há mais de 15 anos

A lista é grande, mas nada é aleatório. Cada projeto nasce com uma clara ideia artística por trás. “Existe, sim, um modo Orquestra Ouro Preto”, afirma Rodrigo. “Nosso público já espera esse algo diferente. Isso vem da nossa sonoridade, dos arranjos, mas principalmente do conceito que envolve tudo o que fazemos”, analisa. Essa autenticidade se manifesta tanto nas escolhas estéticas quanto na gestão e na relação com a plateia. A comunicação é direta: o teatro, a praça, a praia, todos os espaços viram ponto de encontro. O concerto vira uma experiência única. “Queremos que o público se sinta parte da Orquestra porque, na verdade, ele é”, diz o maestro.

É assim que nascem espetáculos, projetos, parcerias com assinatura clara, que carregam uma identidade que os torna imediatamente reconhecíveis. “Quando alguém fala ‘isso é a cara da Orquestra Ouro Preto’, é o maior elogio que a gente pode receber”, conta Rodrigo. “Não queremos afirmar nada ou caber em rótulos. Queremos apenas fazer nosso trabalho com o nosso espírito. E isso naturalmente nos distingue.”

Essa coerência que atravessa tudo o que a Orquestra Ouro Preto propõe é o que a tornou referência. A mesma formação que grava Mozart, Haydn ou Villa-Lobos com rigor histórico é capaz de propor encontros improváveis com a música popular ou criar projetos híbridos, teatrais, pedagógicos. “Somos excelência e versatilidade sempre. Somos clássicos quando é preciso ser clássico. E livres quando a ideia pede liberdade”, diz o regente.

Sair constantemente da zona de conforto, abrir caminhos, propor novas possibilidades envolve sempre correr riscos. Ainda mais quando não se segue uma fórmula. “Originalidade é uma tarefa árdua”, ressalta o maestro. “Exige estudo, tempo e coragem. A gente nunca sabe como o pú-

blico vai reagir. Nem sempre vamos acertar. Mas propor algo novo faz parte de quem somos.”

Talvez por isso a Orquestra tenha conseguido algo que muitas instituições centenárias ainda perseguem: renovar plateias. Seus concertos reúnem jovens, famílias inteiras e até mesmo pessoas que nunca tinham pisado num teatro. Gente que chega por curiosidade, que volta sempre por pertencimento. “Também dialogamos com quem não frequentava concertos e transformamos esse público em público de orquestra. A formação de plateia sempre foi um pilar nosso”, afirma o maestro.

Depois de duas décadas e meia, a Orquestra Ouro Preto parece ocupar um espaço que ela mesma criou para si no mapa da música orquestral brasileira. Se a história consolidou a marca, o futuro exige reinvenção constante. Ainda mais para quem nunca se contentou em seguir fórmulas. “A originalidade não é algo que você conquista e guarda. Precisa ser renovada o tempo todo”, destaca Rodrigo. “Envolve risco, pesquisa e vontade de propor caminhos que ainda não existem.”

Para 2026, a ideia é aprofundar ainda mais essa assinatura autoral, garante Rodrigo. “E que, ao fim de cada espetáculo, as pessoas saiam pensando: só a Orquestra Ouro Preto faria assim.” ■



FOTO RAPHA GARCIA

Nirvana e Shakespeare no mesmo palco: a assinatura original da Orquestra Ouro Preto

## ENTRE INSPIRAÇÕES E PLANILHAS

Em parceria com o Sebrae, a Orquestra Ouro Preto compartilha a experiência de 25 anos de estrada para fortalecer carreiras e cenas musicais pelo estado como empreendimento cultural

Por muito tempo, o mito do músico genial que sobrevive apenas de talento ajudou a romantizar e precarizar carreiras inteiras. Em Minas Gerais, uma orquestra ousou não seguir esse roteiro e preferiu desmontar essa fantasia na prática. Depois de 25 anos construindo um modelo próprio de sustentabilidade artística, circulação estadual, nacional e internacional, grandes produções e formação de público, a Orquestra Ouro Preto agora transforma sua trajetória em aula.

O resultado é o Programa de Inovação Musical Sebrae, iniciativa que une gestão, estratégia e criação para mostrar a músicos, artistas e agentes culturais em geral que inspiração também se planeja. O exemplo vem da experiência do próprio grupo mineiro, reconhecido por aliar excelência artística, logística robusta e pensamento empreendedor.

A Orquestra Ouro Preto funciona como um estudo de caso real: não apenas um conjunto sinfônico, mas uma verdadeira engrenagem cultural que produz turnês, óperas ao ar livre, festivais, concertos com artistas populares, temporadas temáticas e projetos educativos de larga escala. Uma operação que exige planejamento, comunicação, captação de recursos, produção executiva e visão de mercado. Essa vivência virou conteúdo pedagógico.

Realizado em parceria com o Sebrae Minas no decorrer de 2025, o programa compartilha a expertise acumulada pela formação mineira com bandas, artistas independentes e profissionais da cultura em diversas regiões do estado. “Um dos principais desafios dos músicos é atravessar a barreira entre a criatividade e o talento musical e passar a enxergar a carreira também como um negócio. O que a gente tenta mostrar é que, sem planejamento, a carreira vira tentativa. Com gestão, ela vira trajetória. E a Orquestra Ouro Preto acabou se tornando o exemplo mais concreto disso”, afirma Nayara Bernardes, coordenadora de Economia Criativa do Sebrae Minas. “Utilizamos a inovação que a Orquestra tem, tanto na gestão quanto na forma como ela se posiciona no mercado. A partir dessa experiência, construímos uma solução de inovação musical para empresas mineiras.”

Em vez de suposições abstratas, os participantes veem a estratégia funcionando na prática. Para o



maestro Rodrigo Toffolo, o Programa sintetiza a essência da formação. “Desde o começo, entendemos que não dava para esperar que as coisas simplesmente acontecessem. Precisamos inventar nossos próprios caminhos. Aprendemos a ser músicos, mas também gestores, produtores, empreendedores. Foi errando, ajustando e insistindo em fazer música de forma sustentável e inovadora que conseguimos construir um projeto bem-sucedido. Compartilhar isso é quase uma obrigação de devolver ao setor o que a estrada ensinou pra gente.”

Os encontros contam com a presença direta do regente e do diretor de Comunicação e Marca, Luiz Abreu. “Isso faz toda a diferença quando se fala de estratégia, quando ela é mostrada por quem realmente faz. E a participação do maestro Rodrigo Toffolo em todo esse processo pesa muito para demonstrar que a visão empreendedora é parte do fazer artístico. Isso encanta os participantes. Vai muito além da teoria”, enfatiza Nayara.

Cinco cidades sediaram a primeira edição da parceria entre Sebrae e Orquestra Ouro Preto: Diamantina, Uberaba, Araguari, Varginha e Três Pontas. Foram oferecidas formações gratuitas em módulos como: Empreender na Música, Luteria como Negócio, Oficina Quinteto, Crescer em Conjunto e Residência Criativa. Cada território recebeu uma abordagem diferente.

A estratégia parte do princípio de que música não é apenas produto cultural, mas também um vetor econômico que pode impulsionar turismo, movimentar cadeias produtivas, gerar empregos técnicos, formar público e fortalecer identidades regionais. Quando conectada a outros setores, a cena musical deixa de ser periférica e passa a ser estruturante. “O programa é adequado para cada região. O sul de Minas, por exemplo, já tem uma vocação musical muito forte. Cidades como Varginha têm uma identidade consolidada. Nosso trabalho foi modular o desenvolvimento a partir dessa realidade local”, conta Nayara.

## BASTIDORES VIRAM SALA DE AULA

Existe um universo invisível aos olhos da maioria das pessoas antes de qualquer concerto. Enquanto o público toma um café ou enfrenta o trânsito a caminho do teatro, alguém já está carregando caixas, esticando cabo, resolvendo contrato, afinando instrumento, checando luz, separando partitura, ligando para o fornecedor. Antes disso, alguém reservou a data no espaço; planejou toda a logística de transporte, alimentação e cronogramas dos músicos; planejou, criou e divulgou a performance que só então vai se materializar diante do público.

A música ainda nem começou, mas o trabalho já está a todo vapor. É nesse intervalo, longe do glamour e da emoção das apresentações, que a Orquestra Ouro Preto reforça as bases que fundamentaram sua história, ciente de que muita coisa acontece antes e também depois do aplauso.

Talvez por isso um dos momentos mais simbólicos do programa seja a Residência Criativa, realizada em Belo Horizonte e em Ouro Preto. Durante três dias, artistas selecionados acompanharam o cotidiano de ensaios, montagem de palco, produção, passagem de som, articulação de equipes, decisões de comunicação. Nada romantizado, apenas o corre-corre real, em que os participantes presenciaram como um espetáculo nasce e quanto trabalho invisível existe antes de a primeira nota soar. A experiência incluiu ainda visitas a espaços históricos de Ouro Preto, reforçando a conexão entre patrimônio, território e identidade cultural.

Abrir os bastidores da Orquestra é parte essencial dessa troca proposta pelo programa, segundo Toffolo. “Quando a gente recebe esses artistas aqui dentro, mostra a rotina, a montagem, as decisões, eles percebem que a música não nasce só do talento. Ela nasce de planejamento, de equipe, de visão de futuro. O palco é o resultado de muito trabalho que ninguém vê.”

Para Nayara, se há um mantra que atravessa o programa é a ideia de que talento, sozinho, não sustenta carreira. “A orquestra nos inspira justamente nisso: pensar a música como negócio, saber se posicionar, planejar. Não é possível ter uma trajetória tão longa e bem-sucedida sem gestão”, enfatiza.

Essa mudança de mentalidade é o principal resultado esperado, possibilitando que os profissionais da arte envolvidos entendam de cachê, público-alvo, marca, portfólio, planejamento financeiro e parcerias com a mesma naturalidade com que falam de acordes e arranjos. O programa desmis-

tifica uma crença antiga do meio artístico de que falar de planilha, estratégia ou posicionamento “tira a poesia” da música. A experiência da Orquestra Ouro Preto prova o contrário.

Planejar é o que permite ousar repertórios, arriscar formatos, experimentar parcerias improváveis. A segurança da gestão abre espaço para a liberdade estética. Ao transformar a própria história em ferramenta pedagógica, a Orquestra Ouro Preto amplia seu papel no ecossistema cultural e deixa de ser apenas protagonista artística para se tornar também agente de desenvolvimento.

O programa continua em 2026, com a meta de expandir a metodologia e fortalecer cadeias musicais locais, consolidando a música como ferramenta de impacto econômico, cultural e social. Num estado onde a vocação sonora atravessa montanhas, igrejas barrocas, festivais e estúdios caseiros, a iniciativa aponta um caminho menos romântico e muito mais sustentável.

“O talento é essencial, claro”, diz Nayara. “Mas sozinho ele não sustenta uma carreira. Quando você estrutura esse talento como negócio, aí sim consegue viver dele.” ■

FOTOS: WAGNER PENA



FOTO: CRIA7 AGÊNCIA

FOTO: DANIEL LIOTTI



FOTOS: CRIA7 AGÊNCIA



FOTOS: ROBERTO JÚNIOR





FOTO ANE SOUZ

## NÚCLEO DE APOIO A BANDAS

POR FÁBIO CORRÊA

# A VANGUARDA DE UMA TRADIÇÃO

Do dobrado às novas práticas de ensino, um projeto que preserva identidades e amplia horizontes

Antes de o sol nascer, os 10 mil habitantes do distrito de Santo Antônio do Salto, a 35 quilômetros de Ouro Preto (MG), são despertados com um som que vem das estradas de terra e das matas da região. Ninguém reclama; pelo contrário. Simplesmente porque, em vez de barulho, é tudo música. Nesses momentos, chamados de “alvorada”, é a Sociedade Musical 13 de Junho, banda da localidade, que convida os conterrâneos a começarem o dia com as melodias que unem a tradição da religiosidade com as vozes de trombones e bombardinos.

São manifestações desse tipo que sobrevivem, muitas vezes, em povoados distantes e de difícil acesso, que fazem das bandas de música um importante componente da vida social e cultural. Mas os recursos nem sempre são ideais. Instrumentos largados por falta de manutenção, dificuldade na formação de músicos e falta de auxílio do poder público são alguns dos desafios que as formações regionais precisam enfrentar.

Foi no intuito de agir como um ponto de apoio para esses grupos que a Orquestra Ouro Preto criou, há 17 anos, o embrião do que é hoje o

Núcleo de Apoio a Bandas (NAB). Atualmente, o projeto fornece assistência, tanto presencialmente quanto *online*, para 21 formações, beneficiando aproximadamente mil músicos. E não só em Minas Gerais. A iniciativa está presente no município litorâneo de Icapuí, no Ceará; em Santana dos Matos, na região central do Rio Grande de Norte; em Baixo Guandu, na parte capixaba do Rio Doce; e segue em expansão.

Neste ano de 2026, o NAB prepara a concretização de um material didático voltado exclusivamente para os músicos e maestros das bandas tradicionais. São livros impressos, com repertório, exercícios de técnica e lições que também vão acompanhadas de um QR Code, pelo qual o aluno pode acessar as aulas gravadas na plataforma *online*. Cada volume aborda um tema específico: regência e prática de ensaio; percussão; madeiras (flautas e clarinetes, por exemplo); e metais (trompetes, trombones, bombardinos).

As bandas também vão receber visitas dos professores que desenvolveram os livros didáticos para que o método seja consolidado e o aprendizado ocorra da melhor forma. “A gente tem que treinar cada maestro para a aplicação desse material. Por isso, vamos levar o professor, que é o autor também, para explicar como funciona”, afirma o músico João Paulo Moreira, coordenador do NAB, juntamente com o maestro Rodrigo Toffolo, da Orquestra. João Paulo Moreira lembra que, hoje em dia, há muito material de ensino de música disponível na internet. Esse conteúdo, no entanto, é fragmentado e dificulta que o aluno construa um aprendizado sozinho, com metodologia apropriada.



Maestro Washington, de Mariana/MG, recebe seu exemplar de Metodologia



Todos atentos em Nova Lima/MG



Por todo o país: banda de Tenente Laurentino Cruz, Rio Grande do Norte, recebe instrutores da Orquestra Ouro Preto

Além disso, Moreira ressalta a importância de os volumes também estarem disponíveis no formato impresso. “Para a música, não tem nada que substitua o livro físico. Não dá para olhar só numa tela; tem que pegar, anotar”, observa.

Já como repertório, o NAB fez uma escolha que casa diretamente com o intuito de preservar as manifestações culturais brasileiras. No livro sobre prática de regência, conta Moreira, as partituras são de cantigas de roda – como *Cai, Cai, Balão* e *Pirulito que Bate, Bate*. “Precisamos tentar manter algo muito bonito da nossa cultura, que está se acabando, que são essas canções”, pontua o músico que também deu os seus primeiros passos do ofício em uma banda de música, na cidade de Arujá (SP).

Um dos autores do material didático do NAB é o professor Samuel Pompeo, doutor pela Universidade de Aveiro (Portugal) e pela Universidade Estadual Paulista (Unesp). “O foco é levar uma informação consistente, séria e de alta qualidade, porém que seja inteligível da forma mais simples possível por pessoas que nunca tiveram a oportunidade de estudar música formalmente, em conservatórios ou universidades, mas que continuam se dedicando à música de forma constante”, explica ele, que também é saxofonista, arranjador e compositor, somando colaborações com nomes como Gilberto Gil e Ivan Lins.

Pompeo explica que o objetivo não é ensinar os integrantes das bandas a tocar “do zero”, mas proporcionar uma estrutura para que esses músicos desenvolvam habilidades técnicas para executar o repertório – que, ressalta ele, é exigente e difícil. Isso tudo sem a presença constante de um professor ou do corpo técnico de um conservatório, por exemplo. “Tem que ser um material simples e eficaz. Porque essas pessoas vão muitas vezes estudar sozinhas”, diz o professor. “Tem que ser feito de uma forma que, mesmo simples, não deixe de ser eficiente e traga resultados para o desenvolvimento daqueles alunos, daqueles músicos.”

Já para os que estão começando nos instrumentos, o NAB está levando, às 21 formações musicais que atende pelo Brasil, uma nova forma

de musicalização: o método de ensino coletivo. Muito utilizado em escolas dos Estados Unidos, a abordagem tem como foco as práticas em grupo, com exercícios de socialização por meio da música. “Com esse método”, diz João Paulo Moreira, “uma criança já consegue tocar uma musiquinha nos primeiros 30, 40 dias”.

### MÃO NA MASSA

O apoio do NAB também vem auxiliando os integrantes de bandas de música a colocar a mão na massa. Há alguns anos, a iniciativa da Orquestra Ouro Preto identificou que a manutenção dos instrumentos era uma das maiores necessidades desses grupos. “A gente chegava em uma banda e havia 10, 15 instrumentos parados. Eles diziam que não tinham dinheiro para arrumar, que não conseguiam consertar, que tinham de esperar uma verba”, lembra Moreira. Foi então que veio a solução: a ideia de criar um curso de luteria para ensinar os integrantes a resolver esses problemas.

“Em plena pandemia, criamos um curso de pequenos reparos e pequenos concertos, com 20 aulas online. Eles adoraram. Deu muito certo; mas aí eu pensei: está faltando algo”, diz o coordenador do NAB. O próximo passo veio ainda mais a calhar, com a criação de uma caixa com 50 ferramentas, entregues a cada uma das bandas beneficiadas pelo projeto da Orquestra. “São todas ferramentas para luteria, para instrumentos de sopro”, descreve João Paulo Moreira. “Foi uma ideia muito certa. Porque, às vezes, o instrumento está parado por causa de

uma mola, por causa de algo para vedar, de uma cortiça, ou porque o tubo está muito amassado.”

Os impactos do acompanhamento do núcleo foram imediatos, por exemplo, na Sociedade Musical 16 de Julho. A banda de Mariana (MG), que está completando 24 anos em 2026, resolveu um dos gargalos diários justamente com a capacitação dos seus integrantes em luteria. “Nossa região é carente de profissionais que deem manutenção; e a gente sabe que esses profissionais também não cobram barato para consertar”, afirma o maestro do grupo, Washington Luiz Gonçalves. “As oficinas de luteria do NAB praticamente zeraram esses custos. Hoje, nós mesmos fazemos a manutenção dos nossos instrumentos. Além disso, aprendemos técnicas de manuseio e cuidado”, acrescenta ele.

O maestro de Mariana sublinha o desenvolvimento que o NAB possibilitou a ele na regência, por meio das oficinas e do acompanhamento com professores. “Ajudou muito na minha formação, na questão de harmonia e no aprofundamento teórico. Isso tudo contribuiu, no final das contas, para uma melhor sonoridade da banda, já que os músicos têm acesso a conhecimentos que muitas vezes só teriam na academia, em uma universidade ou em uma escola mais aprofundada”, resume Gonçalves.

São vitórias como essas que pavimentam a cada ano o caminho para uma missão maior – a manutenção desse símbolo cultural e social que são as bandas tradicionais, cuja importância ultrapassa a própria música. De acordo com o coordenador, uma das preocupações do núcleo é não interferir nas parti-

cularidades de cada grupo. “Queremos fortalecer e manter a tradição de cada local, de cada banda, de cada povoado, pois ela é muito importante. E essas bandas são muito diferentes, tanto em Minas quanto nos estados da região Nordeste”, diz João Paulo Moreira. Mesmo com a variedade de ritmos e melodias, ele diz que uma coisa está sempre presente: os dobrados, estilo que pode ser considerado uma espécie de “marcha brasileira”. No entanto, é no caráter social que Moreira enxerga o papel mais importante das pequenas formações, como aquela de Santo Antônio do Salto com suas alvoradas. “A banda de música faz parte da história do Brasil. Você vai a um distrito que só tem igreja, casa paroquial e algumas casinhas, mas lá está a sede da banda. Brinco que a banda tradicional é o DJ de outra época, é quem animava as festas, que colocava um teor realmente festivo nesses lugares”, afirma Moreira. “E há outra coisa: essas bandas quase sempre têm uma sede social. Ali são realizadas reuniões, festas, casamentos; então acaba que a banda vira uma estrutura muito importante dentro da sociedade, principalmente naquelas localidades menores.”

E estar longe de centros urbanos não significa que não haja renovação. O coordenador do NAB diz que, nas ruas das pequenas cidades, é comum ver arranjos de canções atuais dividindo o repertório das formações com dobrados do início do século passado ou com peças escolhidas especialmente para festividades como a Semana Santa.

Para Moreira, a tradição desses grupos revela talvez a faceta mais importante da arte: o humanismo e a busca por um mundo em que haja harmonia entre diferentes classes, cores e gerações. “As bandas já vêm com algo de vanguarda desde o início. Porque a banda de música tem o branco, tem o preto, tem o pobre e tem aquele que vive em uma situação um pouco melhor financeiramente. Tem aquele que tem 8 anos de idade, aquele que tem 80 anos. É um convívio, uma democracia ímpar. É onde todos acabam tendo a mesma força, a mesma voz. Isso é uma coisa que o mundo vem buscando há muito tempo”, sintetiza o coordenador do NAB. ■



FOTO RAPHA GARCIA

## CONCERTOS DIDÁTICOS

POR FERNANDO VIERI

# MÚSICA PARA TODOS

Série Concertos Didáticos expande horizontes e leva música de concerto a crianças da rede pública

É notório que a algazarra e a aprendizagem caminham juntas no ambiente escolar, onde o conhecimento divide espaço com o barulho saudável de jovens reunidos. Mas há um instante, para além dos dias de prova, em que tudo silencia. Soam os primeiros acordes e, logo em seguida, surgem os olhos atentos. Centenas de jovens – a grande maioria sentada diante de uma orquestra pela primeira vez – acompanham admirados a arte acontecendo, ao vivo, ali e agora.

“Se há silêncio, é porque a coisa está indo bem”, observa Rodrigo Toffolo, maestro e diretor artístico da Orquestra Ouro Preto, sublinhando que o diálogo com a plateia e a quebra da “quarta parede” entre palco e público são a alma do projeto Concertos Didáticos. “Falamos de música, de como ela funciona e de seu papel como linguagem. Ou seja, sobre como a música é capaz de transmitir as mesmas sensações da palavra escrita ou falada: alegria, amor, raiva, tensão, saudade.” Essa é a visão do maestro quanto à iniciativa que se consolidou, em Minas Gerais, como uma plataforma de educação, inclusão e acesso à cultura.

Em 2025, os Concertos Didáticos alcançaram 1.800 alunos da rede municipal de ensino de Belo Horizonte. Com o apoio da prefeitura e do Sesc, foram realizadas duas apresentações no Grande Teatro do Sesc Palladium, que recebeu cerca de 900 crianças em cada sessão. “É algo que nos emociona profundamente, pois os Concertos Didáticos fazem parte da nossa história desde a fundação”, conta a violinista Marina Toffolo. Ela ressalta que a série do ano passado teve um sabor especial devido ao aniversário da Orquestra Ouro Preto, que completou um quarto de século. “Nessa temporada comemorativa, estar com essas crianças e ver a continuidade desse encontro por 25 anos é celebrar o passado, o presente e o futuro da Orquestra.”

Este universo lúdico remonta ao ano 2000, quando o projeto foi desenhado. “Iniciamos concertos em escolas e igrejas dos distritos de Ouro Preto, criando uma troca cultural vital para todos nós”, recorda Rodrigo Toffolo. Segundo ele, o espírito permanece o mesmo de 25 anos atrás: apresentar ao público jovem a magia da orquestra e formar novas plateias. Para despertar o interesse dos jovens, o maestro aposta em repertórios que mesclam peças clássicas e populares.

Durante as apresentações, a interação é constante. O regente explica o funcionamento dos instrumentos e as nuances das composições. Como define a violinista Mara Toffolo: “É um espaço para compreender a música, seus processos e até seus segredos”.

## ARTE COMO TRANSFORMAÇÃO E PROFISSÃO

Para Rodrigo Toffolo, também responsável pedagógico do projeto, iniciativas artísticas alinhadas à educação são imprescindíveis para a transformação social. “A arte sempre foi a mola propulsora de qualquer civilização. Afinal, a primeira lembrança de um povo é sua arte – na música, na pintura, na literatura ou na arquitetura. Temos infinitos exemplos de como a arte transforma o ser humano”, destaca o maestro.

Além da apreciação estética, o projeto reforça a música como uma carreira viável. “As crianças percebem aquele instante como um espaço de possibilidade e conquista”, descreve Mara Toffolo, coordenadora do projeto. Para ela, o contato desperta sonhos e amplia perspectivas, permitindo que a música seja vista também como profissão e ofício.

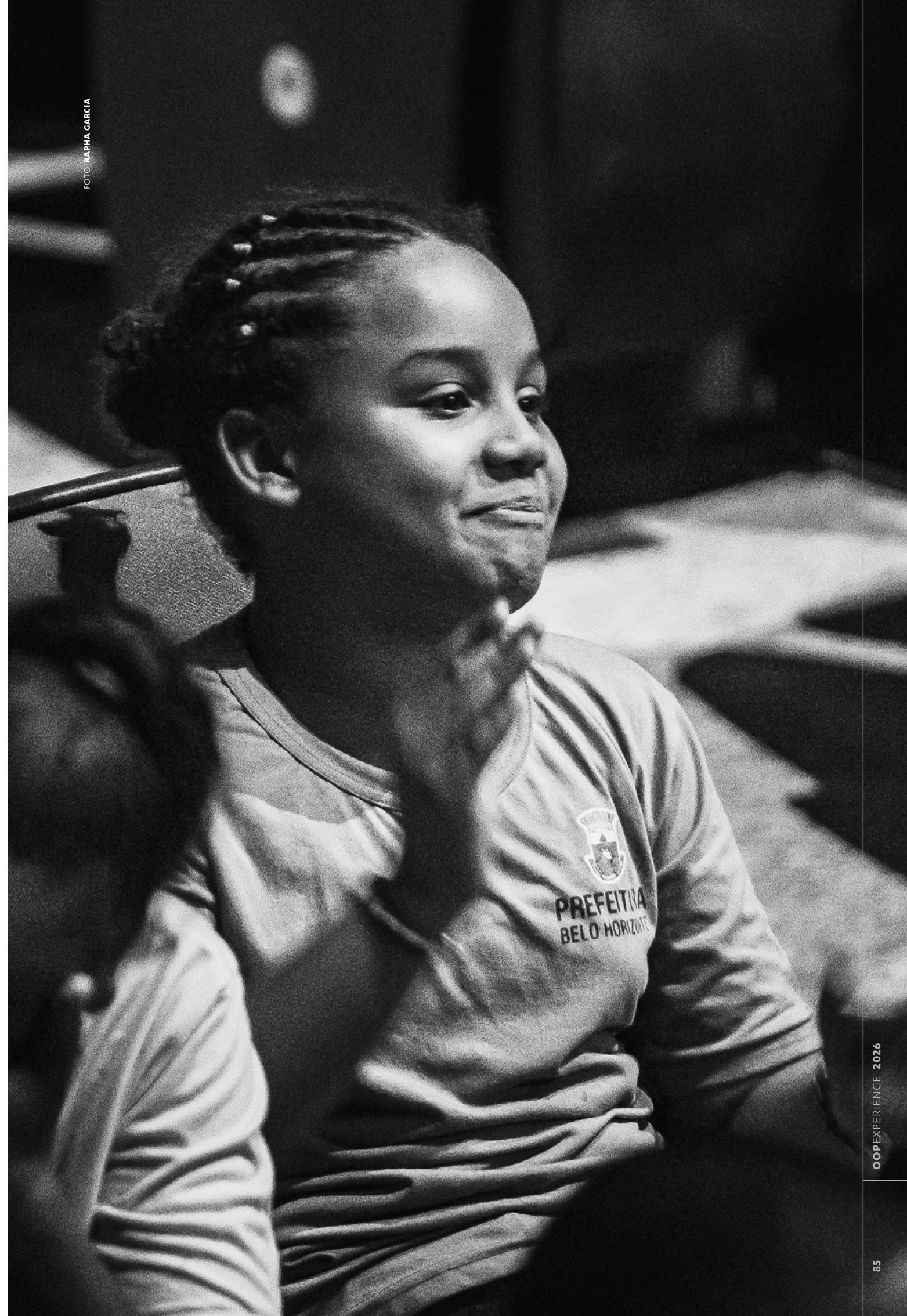
Marina Toffolo aponta que, em uma era dominada por estímulos tecnológicos, a experiência do teatro é transformadora. “De cima do palco, é emocionante assistir às reações das crianças. Elas interagem, perguntam, se surpreendem. Trazem olhares tão puros que nos atravessam. É como se devolvessem para nós a alegria e a esperança naquilo que fazemos todos os dias.”

Para 2026, a meta é ambiciosa: o projeto Concertos Didáticos prevê dobrar o alcance, levando música e conhecimento a mais de 3.500 meninos e meninas. Para quem deseja participar ou apoiar as próximas edições, Rodrigo Toffolo garante: as portas estão sempre abertas. ■

FOTOS: RAPHA GARCIA



FOTO: RAPHA GARCIA



CONVITE ESPECIAL  
POR FÁBIO CORRÊA

## MILTON + ESPERANZA

Finalista do Grammy Awards, disco conta com a participação especial da Orquestra Ouro Preto

Minas Gerais se transformou desde que Milton Nascimento chegou por aqui. Já faz algum tempo, pouco mais de 80 anos, que o garoto nascido no Rio de Janeiro fixou o pé na pequena Três Pontas. De lá, para Belo Horizonte. Depois, para o mundo. Desde então, Milton virou Minas. No vocabulário da música, não é exagero dizer, ambos são, hoje, sinônimos de harmonia, mistério e perfeição.

Filha da mesma terra, a Orquestra Ouro Preto também é outra depois de Milton Nascimento. Primeiro, pela proximidade gravitacional, natural a qualquer formação musical que já tenha compartilhado as mesmas montanhas que Bituca. Segundo, por ter entrado na mesma órbita de Bituca – nos palcos e no estúdio. Terceiro, por ter sido alçada a novos patamares pelas mãos de Milton e de sua parceira no último álbum, a jazzista americana Esperanza Spalding.

Antes de falarmos de *Milton + Esperanza*, disco indicado ao Grammy Awards em 2025 e consagrado pela crítica internacional, é preciso explicar que as coisas não aconteceram por acaso. E voltar a 2021, quando o mundo ainda enfrentava as mazelas da pandemia do coronavírus e do isolamento social.

Milton Nascimento estava há 20 meses sem subir em um palco. Algo precisava ser feito, pois uma data muito importante se aproximava: os 40 anos do *Clube da Esquina* – disco duplo com o saudoso Lô Borges (falecido em 2025) e considerado o mais importante álbum da história da música brasileira.

Foi assim que ocorreu o primeiro contato entre Bituca e a Orquestra. Milton admirava a formação mineira não apenas pela excelência musical e pelas características em comum, mas também por causa do trabalho social executado pela formação, há vários anos, com os jovens músicos mineiros. “E quando surgiu a oportunidade de fazer esse projeto em comemoração ao *Clube da Esquina* junto com eles, foi uma realização muito grande para todos nós”, declarou o artista na ocasião.

Em 29 de dezembro de 2021, Milton Nascimento e a Orquestra subiram ao palco do Cine-Theatro Central, em Juiz de Fora, para um concerto homenageando o repertório do *Clube da Esquina*, de 1972, e do *Clube da Esquina 2*, de 1978 – com regência do maestro Rodrigo Toffolo, direção artística de Augusto Nascimento, direção musical de Wilson Lopes e cenário ilustrado pela dupla Os Gêmeos (Otávio e Gustavo Pandolfo).

A apresentação, que não pôde ter a presença de público por causa dos protocolos sanitários vigentes na pandemia, atingiu mais de meio milhão de acessos no YouTube. O trem da parceria já estava nos trilhos. “Orquestra Ouro Preto, bem-vinda ao Clube!”, sacramentou o fundador de um dos movimentos mais importantes da música brasileira.

FOTO: DIVULGAÇÃO



Esperanza Spalding entre músicos e equipe da Orquestra Ouro Preto

## UM CAIS INTERNACIONAL

No ano seguinte, já com o público de volta aos eventos artísticos, Milton pôs o pé na estrada para a despedida dele dos palcos. Era o que parecia ser a consagração final de um artista que representa, como bem descreveu Elis Regina, “a voz de Deus”. A turnê do show *A Última Sessão de Música* lotou estádios por todo o Brasil, atravessou continentes e passou pelos Estados Unidos e por países da Europa.

Esperanza Spalding já havia se apresentado com Milton no Rock in Rio em 2011. Na turnê de *A Última Sessão de Música*, a americana se juntou novamente ao brasileiro nos concertos realizados em Boston e Nova York. Mas o amor pela música de Milton veio antes de conhecê-lo pessoalmente. A cantora e baixista, uma das principais representantes do jazz contemporâneo no mundo, tinha se apaixonado pelo compositor ainda na faculdade de música, quando escutou, quase por acaso, *Native Dancer* em um jantar com colegas. O disco, lançado por Bituca e o saxofonista americano Wayne Shorter em 1975, arrebatou Esperanza, que nunca mais foi a mesma depois da experiência.

Foi também em um jantar – algo bem à mineira, diga-se de passagem – que o filho e empresário de Milton, Augusto Nascimento, deu a ideia: Esperanza e Bituca tinham que fazer um álbum juntos. E era preciso ser rápido, aproveitar que a voz do cantor ainda estava em forma por causa das turnês.

A americana aceitou e deu início ao projeto. Juntou um time dos mais aclamados da música mundial, unindo revelações e veteranos: nomes como Paul Simon, Diane Reeves, Lianne Las Havas, Maria Gadú, Guinga, Tim Bernardes e Carolina Shorter. E, claro, a Orquestra Ouro Preto, que participa em 6 das 16 faixas do álbum, indicado ao Grammy Awards 2025 como melhor álbum vocal de jazz.

## COMPARTILHANDO UMA EXISTÊNCIA

A formação mineira, com Rodrigo Toffolo conduzindo os músicos nos arranjos sinfônicos de Samuel Kardos, está presente tanto em canções inéditas, como *The Music Was There*, *Wings for the Thought Bird* e *Um Vento Passou (Para Paul Simon)*, quanto nas já conhecidas do público, como no cover *Earth Song*, de Michael Jackson, ou em *Morro Velho* e *Cais*, monumentos do cancionário brasileiro compostas por Milton Nascimento.

Como deveria ser, *Milton + Esperanza* arrancou elogios da crítica especializada de todo o mundo. O jornal britânico *The Guardian* deu nota máxima para o disco; e o *The New York Times* dedicou uma extensa reportagem sobre o trabalho.

“Ficamos muito contentes de estar junto de tantos nomes incríveis; foi a coroação de 25 anos dedicados à música de concerto e à música brasileira também”, diz o maestro Rodrigo Toffolo sobre a experiência de estar na vitrine da *world music* mundial. Para o diretor da Orquestra Ouro Preto, o álbum consolida uma nova etapa do trabalho da formação sinfônica, que agora atravessa fronteiras para aterrisar ao lado de artistas internacionais.

O disco foi gravado no Rio de Janeiro, mais especificamente na casa de Milton Nascimento, e em Belo Horizonte. Segundo o maestro, a oportunidade de participar foi um combustível para elevar



Time de peso: Esperanza, Toffolo e os engenheiros de som Bruno Corrêa e Arthur Luna

ainda mais a excelência técnica e musical da Orquestra Ouro Preto. “Nossa participação foi um presente dado por Milton e Esperanza”, descreve Rodrigo Toffolo.

Além do presente, teve presença. A americana desembarcou dos Estados Unidos na capital mineira para estar junto dos músicos da orquestra. “Como superação, queríamos deixar uma boa impressão nela, que veio até Belo Horizonte, onde passamos dois dias gravando no estúdio. Para nós, da Orquestra Ouro Preto, foi uma escola ter a oportunidade de ouvi-la e perceber o pensamento musical de uma musicista do nível da Esperanza”, complementa o maestro da formação mineira sobre Spalding, que, além de ser considerada atualmente uma das melhores artistas do jazz, foi a mais jovem professora a lecionar na prestigiada Berklee College of Music, em Massachusetts.

São atributos que dão o tom do tamanho de Esperanza. Mas a sensibilidade e a compreensão de que a música é um encontro de almas, em que o prazer e a arte estão em primeiro lugar, trouxeram a leveza típica de Bituca às sessões com a Orquestra Ouro Preto.

“Esperanza foi muito delicada conosco, e a troca foi muito intensa. Gravação é um processo árduo de busca pelo melhor de cada um de nós, e a pre-

sença dela foi, além de tudo, um combustível emocional para a busca desse melhor. Saímos dessa gravação maiores que entramos”, recorda o maestro Rodrigo Toffolo.

Os arranjos para orquestra ficaram por conta de Samuel Kardos, pianista, compositor e regente brasileiro radicado nos Estados Unidos e que já havia trabalhado com a americana anteriormente. Assim como com Milton e Esperanza, Toffolo se entendeu com Kardos rapidamente. Mesmo à distância, o diálogo entre os dois foi harmônico como um acorde de Bituca. “O processo junto com o arranjador Samuel Kardos, que mora em Nova York, foi muito legal e fluido. A linguagem da música facilita muito a comunicação. Samuel é um grande músico, compositor e arranjador. Trocamos e-mails, falamos por telefone e, aos poucos, o material foi sendo finalizado. Tivemos participação em seis músicas do álbum, e várias delas são célebres, como *Cais* e *Morro Velho*. Esse projeto é uma alegria que carregaremos até o fim da vida”, diz o maestro.

Para ele, a anunciada despedida de Bituca dos palcos não significa que o artista deixará a criação de lado e nem que *Milton + Esperanza* seja o disco derradeiro de uma carreira que moldou a música mineira e mundial.

“Se será o último, eu sinceramente espero que não. Tomara que tenhamos novos registros de alguém da dimensão de um Milton Nascimento, que é um dos maiores músicos que pisou em Minas Gerais, no país e no mundo. Já sou grato por compartilhar a existência com ele. Ter gravado, então, é algo que faz toda uma vida de estudos e de privações que a música pede valer a pena”, declara o regente.

Como o próprio Milton afirma no disco: música é amizade. “Amor, crianças, oceano e a vida.” E Esperanza. ■

PROTAGONISMO  
POR FÁBIO CORRÊA

# ÓPERA COM DNA BRASILEIRO

Da Praia de Copacabana aos grandes teatros, a Orquestra reinventa o gênero  
e aproxima a ópera do público brasileiro



FOTO RAPHA GARCIA

Falar de ópera, no Brasil, pode evocar uma certa liturgia, um quê de tradicionalismo. Mozart, Wagner, Puccini. Montagens suntuosas, em alemão ou italiano, em salas de concerto cheias de pompa. Não para a Orquestra Ouro Preto. A cada ano que passa, a formação mineira vem mostrando que a ópera também é coisa nossa. E que é possível contar histórias tão próximas do público brasileiro como *Hilda Furacão*, *Auto da Compadecida* e *Feliz Ano Velho* com o primor de um gênero que deu vazão a clássicos como *A Flauta Mágica*, *La Bohème* ou *Tristão e Isolda*.

Ainda por cima, com o pé na areia. Em junho de 2025, milhares de pessoas estiveram na Praia de Copacabana, no Rio de Janeiro, para assistir à primeira apresentação de *Feliz Ano Velho*, ópera baseada no livro homônimo do premiado escritor brasileiro Marcelo Rubens Paiva. A estreia também culminou na comemoração dos 25 anos da Orquestra.

A narrativa autobiográfica do jovem Marcelo, que perde o movimento das pernas após um acidente em uma cachoeira, é a terceira ópera da formação mineira. Assim como em *Hilda Furacão* e *Auto da Compadecida*, partitura e libreto foram encomendados pelo maestro Rodrigo Toffolo, que assina a direção musical, a Tim Rescala, um dos mestres do gênero no Brasil. A diferença, desta vez, foi o texto, que acabou também tendo participação do maestro da Orquestra Ouro Preto.

Cada uma das montagens tem um universo sonoro diferente, que conversa com os cenários nos quais cada uma das histórias se passa. Em *Hilda Furacão*, baseado no romance do mineiro Rober-

to Drummond, as composições de Rescala remetem à música popular dos anos 1950 e 1960, ao bolero e à era dos cantores de rádio. *Auto da Compadecida*, classificada como uma ópera-bufa, remete ao contexto da música armorial e dos sons nordestinos que habitam o planeta dramático do escritor paraibano Ariano Suassuna.

“No caso de *Feliz Ano Velho*, também procurei absorver o que o texto do Marcelo trazia das influências dele, da própria convivência dele com a música, das opções estéticas dele. E isso fez com que naturalmente a música assumisse um caráter diferente”, explica Tim Rescala. Nesse caso, um dos trunfos acabou sendo um dos personagens do livro – Arrigo Barnabé. O artista, um dos principais expoentes da vanguarda paulista e do experimentalismo na música brasileira, aparece no texto original de Rubens Paiva.

“Por acaso o Arrigo é um grande amigo meu. Quando eu vi que ele era personagem do livro, enxerguei uma oportunidade de trazer o próprio estilo musical do Arrigo para essa ópera”, comenta Rescala. E mais: Barnabé subiu ao palco para interpretar a si mesmo em *Feliz Ano Velho*. A ópera, que tem direção cênica de Julliano Mendes, também foi apresentada ano passado no Palácio das Artes, em Belo Horizonte.

Os ensaios em São Paulo tiveram uma grata surpresa: o próprio Marcelo Rubens Paiva. Emocionado, ele descreveu a sensação de ver a sua vida retratada por músicos e atores. “Fiquei completamente atordoado; nunca imaginei que chegaria a esse ponto de virar uma ópera. É um ápice na vida de uma pessoa. Duas coisas que nos fazem acreditar que a gente chegou lá: você ser tema de palavras cruzadas e virar uma ópera. Consegui os dois”, contou ele.

A trama de *Feliz Ano Velho* fala de sonhos e de juventude, apesar dos pesares – tudo num Brasil que tenta se distanciar de um passado repressivo na caminhada em direção ao reestabelecimento democrático. Temas como esses falam diretamente ao público, de forma simples, direta. Mesmo que os desafios de transformá-los na linguagem da ópera sejam muitos, a empreitada tem atraído cada vez mais ouvintes.

O barítono Johnny França no papel de Marcelo Rubens Paiva



FOTOS RAPHA GARCIA

Marcelo coloca o papo em dia com Arrigo Barnabé, maestro Rodrigo Toffolo e Luiz Abreu



Cerca de 10 mil pessoas em Copacabana para assistir ao *Auto da Compadecida*Em 2025 foi a vez de *Feliz Ano Velho* ganhar as areias da Praia de Copacabana

A turnê do *Auto da Compadecida*, a Ópera, por exemplo, aportou em Manaus. Entretanto, em um país continental, um entrevero aconteceu. Na trecho logístico fluvial para chegar à capital amazonense, o barco que levava o cenário atrasou por conta do volume do rio, e a Orquestra Ouro Preto teve que se virar para reconstruir, em tempo recorde, a aventura de João Grilo e Chicó no sertão, no palco do Teatro Amazonas. Foi com emoção, mas no fim deu certo.

“É um trabalho de logística colossal”, diz o maestro sobre a aposta numa linguagem que mescla concerto e dramaturgia, lançando mão de todos os detalhes técnicos e artísticos, como cenários, iluminação e um elenco extenso de artistas e músicos. “Mas tudo vale a pena quando observamos que, de Curitiba a Boa Vista, os teatros estão lotados; e o carinho do público, ao final das récitas, faz com que a palavra ‘ópera’ tenha outro significado, caindo no gosto das pessoas e transformando vidas.”

Para o maestro e diretor musical dos espetáculos, a missão é fazer com que histórias e músicas que traduzam um Brasil contemporâneo levem a linguagem a um novo paradigma no país. “A ópera é uma arte total: tem música, teatro, figurino, visagismo, iluminação e tantos outros aspectos artísticos que se encontram nessa arte máxima. A Orquestra Ouro Preto sugere um caminho de uma nova ópera brasileira, com a nossa língua e nossas histórias – mais conectadas com o tempo atual e com nossa cultura”, destaca Toffolo.

#### UMA PONTE DE SUASSUNA A VERDI

A missão tem sido concluída com sucesso. O êxito da montagem de *Auto da Compadecida*, por exemplo, virou um disco, que chegou às plataformas digitais em outubro de 2023. O interesse é cada vez maior, revela Toffolo. Segundo ele, é mais do que possível transformar a ópera em um hábito comum do brasileiro. “Muitas pessoas me perguntam qual a próxima montagem ou se vamos gravar *Hilda Furacão*, por exemplo. Já temos, mesmo que ainda incipiente, uma mudança na percepção do público sobre o que é uma ópera – mais um projeto que tem a assinatura original da Orquestra Ouro Preto”, arremata o maestro.

Por sinal, a versão da história de Hilda, que rompe com o tradicionalismo de uma Belo Horizonte do meio do século XX para viver em um hotel na zona boêmia da capital mineira, teve mais um capítulo em 2025 executado pela Orquestra. O ano contou com a realização da turnê nacional do espetáculo, patrocinado pela Petrobras, que passou por São Paulo, Belo Horizonte, Rio, Curitiba e Boa Vista.



A história do Brasil desfila como protagonista em óperas construídas a partir da literatura e da contemporaneidade



Para o compositor e autor do libreto de *Hilda Furacão*, Tim Rescala, levar enredos como o da personagem de Roberto Drummond para os palcos é também marcar uma posição clara sobre o fazer artístico. “Sabemos que a ópera tem, no mundo inteiro, um perfil mais conservador”, explica Rescala, lembrando que, no Velho Continente, há muitas montagens modernas, mas de óperas tradicionais e com menos espaço para compositores contemporâneos. “Então é quase lógico abordar um tema que seja interessante para o público, que ele se veja em cena de alguma forma. Acho que uma ópera com DNA brasileiro é uma ópera que fala da nossa realidade. Isso, pra mim, é fundamental”, sublinha o músico.

Isso não significa que as óperas brasileiras existam em detrimento dos grandes clássicos europeus; pelo contrário. O objetivo da Orquestra Ouro Preto é criar um público que seja capaz de apreciar ambas as vertentes, da mesma forma. Se, num primeiro momento, *Tristão e Isolda* pode parecer quase inatingível para um novo ouvinte, pela complexidade do tema e da música de Richard Wagner, a intenção

é que, aos poucos – e por meio das montagens da formação mineira – essa distância se dissolva. Afinal, a ópera é uma arte inesgotável.

“A Orquestra Ouro Preto se impõe pela criação e pela direção artística dessas óperas”, lembra Rodrigo Toffolo. “A escolha das histórias e a conexão com nosso público é o caminho para uma ópera popular brasileira. Popular porque as pessoas gostam, consomem e querem mais. Isso pode levar as pessoas a aumentarem a experiência nesse gênero, fazer com que se interessem por Mozart, Verdi, Puccini e ter na vida delas a maravilha que as óperas podem nos promover”, explica o maestro.

Toffolo tem razão para citar a excelência da Orquestra no gênero. Além do sucesso de público, as óperas brasileiras levadas de norte a sul pela formação mineira chamam a atenção dos principais críticos do país. Um deles é Nelson Rubens Kunze, diretor-editor da revista *Concerto*, a principal publicação especializada em música erudita no cenário nacional.

“Tem ópera de todos os tipos. Há aquelas que são mais experimentais, há as que se ligam à tradição do grande repertório histórico, há óperas de caráter popular e há muitas outras, todas legítimas”, diz Kunze. “Acho que, dentro desse grande arco, as óperas da Orquestra Ouro Preto ocupam um lugar próprio e bem-definido, por estimularem uma linguagem musical e formal que dialoga tanto com a tradição erudita quanto com elementos populares e narrativas brasileiras.”

Segundo o crítico, um dos pontos fortes das montagens da formação mineira é o modo de abordar o gênero com uma linguagem comunicativa, prendendo a atenção do espectador por se basear em obras literárias brasileiras contemporâneas, ou seja, com temática atual e que conversam diretamente com o público de uma maneira mais ampla.

Kunze também aponta a excelência das composições como um dos fatores principais, já que, segundo o crítico, todas as peças da Orquestra Ouro Preto têm “tratamento musical de grande fluência, rico, inspirado e consistente, como é a música de Tim Rescala”.

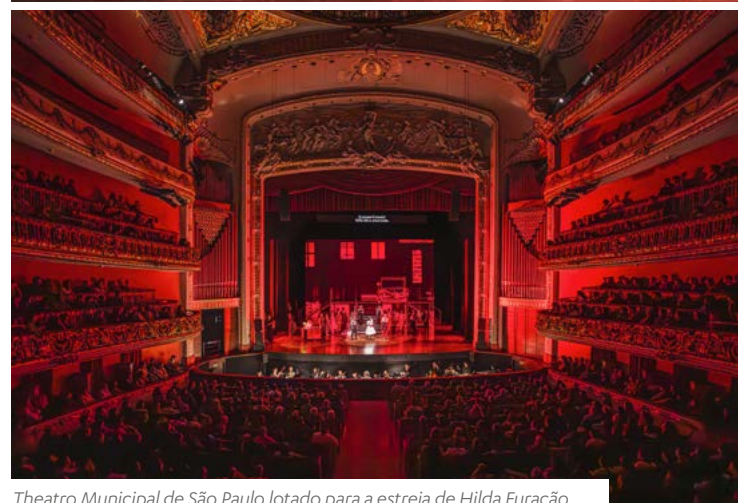
O editor da revista *Concerto* não tem dúvida de que desconstruir os tabus que ainda cercam a linguagem é necessário. “Creio que obras como *Feliz Ano Velho* e *Auto da Compadecida* contribuem para a formação de um novo público de ópera no Brasil, pois quebram um pouco a barreira que afasta as pessoas da ópera tradicional”, diz ele.

“A música fluente e inspirada de Tim Rescala, junto com uma temática atual e conhecida, faz com que as produções sejam acessíveis e compreensíveis, despertando o interesse de espectadores que, se não fosse por isso, talvez não frequentassem o teatro. A linguagem musical comunicativa, o diálogo com elementos da música popular e a apresentação das óperas em espaços variados ajudam a desmistificar o gênero, favorecendo a ampliação e a diversificação do público”, conclui Kunze.

E que venham mais. ■



FOTOS: RAPHA GARCIA



Theatro Municipal de São Paulo lotado para a estreia de *Hilda Furacão*



FOTO: RAPHA GARCIA





FOTO DIVULGAÇÃO

DIRETO DO CANDEAL

POR SORAYA BELUSI

## SINCRETISMO MUSICAL

Carlinhos Brown fala sobre “Afrossinfonicidade”, projeto em parceria com a Orquestra Ouro Preto que se consolidou em 2025 e traz novos capítulos este ano

Há algo de mágico em *Afrossinfonicidade*. Numa apresentação na Avenida Paulista, no coração de São Paulo, a chuva que castigou a cidade por dias cessou minutos antes de o espetáculo começar e voltou assim que a última nota caiu. Em outra ocasião, num ensaio aberto no Candéal, em Salvador, bastou Brown cantar “ô chuva vem me dizer” para o céu imediatamente responder. Para o cantor e compositor baiano, isso acontece porque a natureza é a grande orquestra, e a música é só mais um de seus instrumentos.

Entre o tambor e o violino, o terreiro e o teatro, Minas e Bahia, as igrejas e as ruas, Carlinhos Brown enxerga continuidade. O jornalista Pedro Bial, ao apresentar o projeto na abertura de seu programa de entrevistas, desenhou essa ponte, que dissipa as fronteiras entre Minas e Bahia, com imagens precisas: “Quando o Sul encontra seu Norte, o longe chega perto, o alto se abaixa e o baixo se eleva. Assim, quando se desfaz a divisão tantas vezes arbitrária entre *high* e *low*, o popular e o erudito falam a mesma língua numa conversa que só enriquece quem fala e quem escuta”.

Para Brown, *Afrossinfonicidade*, parceria com a Orquestra Ouro Preto, é a síntese de um Brasil que soa como orquestra expandida, com seus atabaques, cordas, vozes, corpos, igrejas barrocas e terreiros vibrando na mesma frequência. É esse idioma comum que o une à formação mineira que ele descreve nesta conversa.

***Afrossinfonicidade* soa como palavra-manifesto. Quando você criou esse nome, o que exatamente queria dizer com ele? Ele traz embutido uma ideia de estética, filosofia, movimento?**

**Brown** - Quando criei o neologismo *Afrossinfonicidade* foi uma ideia de fazer soar algo além de mim. O conceito idiófono se refere a instrumentos cuja sonoridade é obtida sem a necessidade de cordas para soar melódico – como o agogô, o triângulo, o timbal, o surdo, etc. Toda manifestação percussiva no Brasil passa por um outro tipo de orquestração, que é a orquestração idiofônica. Ou seja, da mesma forma que existe “sinfonia”, existe “idiofonia”. Não é um termo muito usado. Muitas vezes, quando a gente vai se aprofundar, falam em “idiofonismo” a partir de um toque de triângulo. Mas o que eu busco afirmar com isso é que a “idiofonia” é melódica, só que feita por rítmicas, melodias essas que você pode identificar a partir do toque percussivo. É assim que os ritmos perduraram. E eles perduraram justamente por essa contínua afinidade melódica do que não precisa estar na escala de Pitágoras. Ou seja, tudo o que antecede a pitagórica organização musical. E essa música se aproxima mais do conceito



A estreia em São Paulo: Avenida Paulista lotada para assistir ao primeiro encontro

pentatônico, que são as primeiras identificações das músicas primais de Jubal e Anfião. Traduzimos pela oralidade o inconsciente coletivo das estéticas adquiridas pelo legado ancestral. Posso dizer que é uma estética sim; e que filosoficamente se movimenta em torno de prestar atenção em um país onde a educação básica de músicos iniciantes passa pela ideia também barroco-sinfônica. Villa-Lobos instituiu para as escolas do Brasil uma ideia de que nós somos sinfônicos. Em especial, lugares e origens importantes, sobretudo os que levam a bandeira da nação bantu – como a Portela, os Filhos de Gandhi, a Timbalada, entre outros grupos étnicos em que a percussão brasileira termina absorvendo e misturando. Identifico, no Amapá, o Sairé, o Marabaixo, a Zimba e o Batuque com essa noção de vivência e de manutenção cultural organizada por famílias. Não é diferente de mim, da família Teixeira de Freitas, junto com a família Gonçalves dos Santos, que me gerou isso. Meu ouvir, minha brasilidade, passa por essa melódica rítmica, mas tem uma apuração espontânea da melodia. E veja o Brasil: da mesma forma que a gente tem uma estrutura densa, florestal, regada de flora com frutos deliciosos, a melodia é mais uma das delícias que o Brasil tem na sua natureza. E isso é único em nosso país.

**Em várias entrevistas, você fala do projeto como “mais que um concerto, uma celebração da vida”. O que existe nele que vai além da ideia tradicional de show e nos leva à ideia de celebração?**

**Brown** - Por estrutura, os shows tradicionais têm uma quantidade reduzida de músicos. Uma orquestra coletiviza em número e grau maior. E é por excelência o soar dos céus e dos anjos. A Orquestra Ouro Preto tem isso de juntar gente; e tem algo importante que eu considero celebração, porque tem toda contemplação. É uma música que você pode contemplar, que você vai a lugares que parece que nunca foi convidado, mas que são seus. A gente viaja e viaja junto com todo esse som mágico.

**Agora que já são quase dois anos de parceria no palco, o que mais surpreendeu você e segue surpreendendo no som da Orquestra nesse encontro com sua percussão ao vivo?**

**Brown** - A Orquestra tem algo especial. Não adianta ter apenas arranjos incríveis, pois ela vai soar diferente em cada lugar. Tem encontros, né? Quando um adianta, o outro atrasa, geram comas que não estão na partitura. Um sincronismo por causa do tempo humano e que é uma magia a cada momento. Realmente, a Orquestra nunca soa igual. Você pode até recordar um tema escrito, mas os contracentos são extremamente intuitivos a título de se renovar a cada concerto.

**No decorrer desse período de parceria, foram muitos concertos especiais e relatos de momentos realmente mágicos, de fazer chover até abrir as nuvens do céu para o sol passar. Conta um pouquinho desses casos pra gente?**

**Brown** - Estar com a Orquestra Ouro Preto é estar diante também da preciosa religiosidade do Brasil. Nós viemos de lugares muito parecidos. Ouro Preto tem uma camada importante, viva, da colonização brasileira, por meio de seus casarios, cúpulas, igrejas, assim como temos aqui na Bahia. Então, essa música que soa nos campanários, nos réquiens ou nas missas, quem ouve volta para casa influencia-



Para todos: ensaio aberto no Candeal



Em família: maestro Rodrigo conhece a mãe de Brown, a querida Dona Madá

do. Esse tipo de estética faz parte da gente. O que eu quero dizer com isso é que a espiritualidade está instalada ali. Por isso não vai ser difícil abrir as nuvens do céu para o sol passar. Não vai ser difícil que chova por uma canção, enquanto a gente derrama a emoção. A natureza conversa, ela é uma orquestra gigantesca, e a música é apenas um dos seus instrumentos. A música conversa com o vento, com o som das águas, com o som das flores, porque tudo é música. E, de acordo com a harmonia planetária, as manifestações naturais se dão na nossa frente. E a Orquestra Ouro Preto traz isso.

**Existe um momento do espetáculo que você considera o coração do Afrossinfonicidade? Ou que toca, comove de maneira especial?**

**Brown** - Um momento que considero o coração do Afrossinfonicidade é quando tocamos *Frases Ventias*. Acho que aquilo é absolutamente forte e liga a ideia de Castro Lobo com Castro Alves, com Villa-Lobos, com meu desejo sempre de ser sinfônico. É muito acertado. É potente e mostra essa mistura bonita. E essa música foi gravada no *Alfagamabetizado*, que faz 30 anos agora. Até nisso eu dou sorte com a Orquestra, porque eu termino celebrando também esse meu primeiro álbum e trazendo para as pessoas uma estética completamente inovadora, muito familiar, mas de uma forma que não foi executada ainda.

**O Afrossinfonicidade ganhou um registro ao vivo e, em breve, o álbum será lançado. Você já gravou nos melhores estúdios do mundo, com parceiros de enorme grandeza. Como foi gravar ao vivo, na Concha Acústica, com a Orquestra Ouro Preto?**

**Brown** - O que os melhores estúdios do mundo buscam é boa vibração, energia verdadeira e alguém que esteja fazendo música com sua verdade. Isso é impressionante. E a Orquestra Ouro Preto tem um mundo em suas mãos, porque se consagrou, saiu da caixinha para apenas existir, servir como um plano de existência da música sinfônica; e acredito que deva e que precise, sim, existir e resistir, mas que a gente também busque novos horizontes, novas possibilidades. Eu acredito nisso. Por isso gravamos, por isso registramos. E vem aí o melhor de nós.

**Nos bastidores, esse encontro foi muito além dos palcos. Você veio com sua esposa a Ouro Preto, conheceu toda a família Toffolo, mergulhou na história do grupo. Ao mesmo tempo, a Orquestra mergulhou na sua vivência em Salvador, viveu o Candeal. O que a Orquestra tem de especial que fez você sentir essa conexão tão forte?**

**Brown** - A Orquestra tem uma coisa: todo mundo toca muito, são grandes músicos, e todos têm a simplicidade e a humildade das grandes pessoas. Isso é muito bom na nossa convivência. E o fato de eu não ler partituras, mas intuir, traz uma força enorme, porque ambos se respeitam. Então, uma nota, uma melódica, é respeitada pelo orquestrador; e muitas coisas que eu arranjo melodicamente ou ritmicamente fazem parte também de um repertório experimental dentro da orquestra, o que só fica mais rico. Isso é uma conexão muito forte. Foi bom tê-los aqui em Salvador vivendo minha experiência; foi bom eu poder mergulhar também na experiência de cidade, de convivência, onde a Orquestra reside.





Uma amizade que vem arrebatando grandes plateias por todo o país

**Algumas palavras acabam sendo banalizadas no uso comum, mas “brasilidade”, “baianidade” e “mineiridade” são conceitos que estão atrelados ao projeto. Qual é a sua reflexão sobre cada um deles?**

**Brown** - Eu acho que a brasilidade nunca vai ser banal. Ela une a mineiridade e a baianidade. E essa coexistência traz algo mais importante, que é a eternidade da nossa vivência cultural. Esses conceitos, atrelados ao projeto, enriquecem muito e deixam tudo mais fácil, né? Porque a brasilidade mostra que nós podemos unir e que é de alcance de todos; não é apenas de um lugar. O Brasil é rico em música!

**Se tivesse que resumir o Afrossinfonicidade em uma imagem ou palavra, qual seria?**

**Brown** - Eu resumo Afrossinfonicidade em uma imagem sim: sabe aqueles anjinhos barrocos que sustentam as cúpulas das igrejas? Eles desceram dos Céus para serem a Orquestra Ouro Preto e soarem coletivamente, aproximando todos os seres humanos como eu das coisas de Deus, com beleza e simplicidade.

**Depois de tantos encontros musicais na sua vida, o que ainda o emociona quando a primeira nota da orquestra começa?**

**Brown** - Orquestra tem algo célebre. Quando ela começa a soar, ela aprofunda a gente na nota mais importante da música, que é o silêncio. A gente para pra ouvir a Orquestra; em consequência, você termina se ouvindo. E a sinfônica, uma orquestra soando, tem algo importante no psicológico, porque ativa pontos mediúnicos importantes. O mais bonito da sonoridade humana está na orquestra sinfônica, esse soar coletivo. ■



# TRADIÇÃO MINEIRA EM COPACABANA

O Orquestra Ouro Preto Vale Festival chega ao quinto ano e se torna referência na agenda cultural da Cidade Maravilhosa

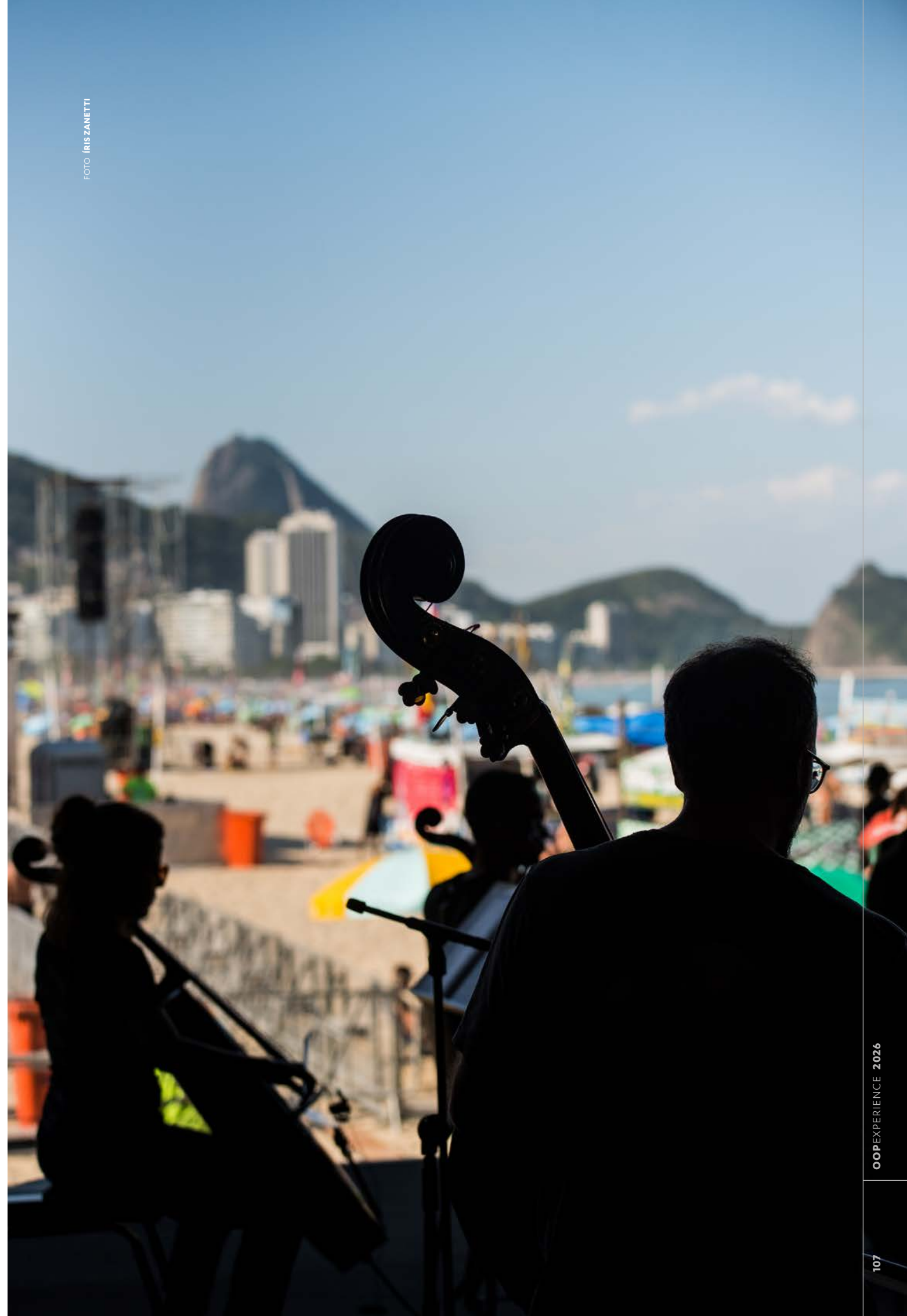
Os mais de 400 quilômetros que separam as históricas ladeiras de Ouro Preto e o icônico calçadão da Praia de Copacabana tornaram-se um caminho habitual para a Orquestra Ouro Preto. Do sonho de levar a música de concerto ao público de massa nasceu o Orquestra Ouro Preto Vale Festival, um evento gratuito que exalta a brasilidade e que chega, em 2026, ao seu quinto ano, consolidado como um dos mais interessantes eventos do calendário cultural da cidade do Rio de Janeiro. “Por ser na praia, é um projeto disruptivo: é totalmente democrático, aberto a todo e qualquer público, realizado em um ambiente totalmente popular, onde todos se sentem parte do concerto”, define o maestro Rodrigo Toffolo, diretor artístico do grupo camerístico mineiro.

O festival, que tem patrocínio da Vale, surgiu em 2022, no período pós-pandemia, com o objetivo de lançar o segundo disco da parceria com Alceu Valença, gravado dois anos antes na cidade do Porto, em Portugal. E só um ambiente ao ar livre como a Praia de Copacabana seria capaz de receber um grande número de pessoas ávidas por diversão. “Depois de tanto tempo escondidos em casa, a gente quis montar um palco para que todo mundo pudesse ver aquilo. Foi um sucesso gigante”, recorda Luiz Abreu, diretor de Comunicação e de Marca da Orquestra. “Até hoje a gente tem dúvida sobre a contabilidade, se foram 80 mil ou 90 mil pessoas. Mas, de qualquer forma, são números muito expressivos e que geraram a continuidade que chega ao quinto ano”, acrescenta.

Em 2023, o evento passou a ocorrer em dois dias. No primeiro dia, uma ópera, que naquele ano foi o *Auto da Compadecida*, a *Ópera*; no segundo, Diogo Nogueira, num *line-up* composto por um espetáculo clássico e um concerto com um artista popular. Mas a consolidação como festival vem em 2024, quando a Orquestra apresentou o concerto *Gonzagão - Concerto para Cordas e Trio Pé de Serra* e mais dois concertos especiais: as parcerias com o Pato Fu e o multi-instrumentista Carlinhos Brown.

Já a edição de 2025 ficou marcada por um feito artístico sem precedentes: a estreia absoluta de uma ópera nas areias de Copacabana. *Feliz Ano Velho*, baseada no livro homônimo de Marcelo Rubens Paiva, foi um sucesso. Uma estrutura operística na praia, que, mesmo enfrentando a concorrência de grandes eventos esportivos e condições climáticas adversas, conseguiu reunir milhares de pessoas. “Milhares de pessoas assistindo a uma orquestra na praia é sempre muito notável; é um público que muitas vezes é pego até desprevenido. Estão ali passeando com a família e, de repente, veem um entretenimento de primeira grandeza”, sublinha Luiz Abreu, mencionando ainda os concertos com Mart’nália e o Bloco Sargento Pimenta, duas apresentações que completaram a mais recente edição do festival. O crescimento contínuo do público e a diversidade artística reforçam o papel do evento como uma plataforma relevante de democratização do acesso à música de concerto.

O êxito de um formato que reúne, no mesmo evento, uma ópera e artistas populares é motivo de muita celebração para o maestro Rodrigo Toffolo. Ele considera que o sucesso estrondoso do *Auto da Compadecida*, bem como o da estreia de *Feliz Ano Velho*, mostrou que o gênero ópera é para todos, e que este festival é, de fato, uma festa onde a brasilidade é a principal convidada. “Esta é a goma que une todos em Copacabana – a brasilidade”, afirma o regente titular da Orquestra.





Sucesso em todas as edições, o festival já soma mais de 200 mil espectadores com o pé na areia

Segundo Marize Mattos, líder de patrocínios e projetos do Instituto Cultural Vale, a inovação foi fator alavancador para o projeto, que ganhou corpo e sequência depois do sucesso inaugural. “O diálogo com o público por meio da diversificação da programação, da valorização de diferentes ritmos e da democratização do acesso foi decisivo para a manutenção do projeto, que hoje faz parte da agenda cultural carioca”, diz.

#### UM FESTIVAL PARA FICAR

A consolidação do Orquestra Ouro Preto Vale Festival num dos endereços mais famosos do mundo é fruto da sólida parceria com o Instituto Cultural Vale, que sempre acreditou no propósito de excelência e versatilidade do grupo. “O festival dialoga diretamente com o que a Vale acredita. A cultura é para todos. A democratização de apresentações unindo a excelência da Orquestra a grandes nomes da música brasileira aproxima o público da música de concerto, formando plateias. A iniciativa não só democratiza o acesso como valoriza diferentes ritmos e expressões culturais do nosso país”, afirma Marize Mattos.

Para Luiz Abreu, consistência é prova de confiança: “Você ter um evento durante quatro anos com o mesmo patrocinador, que acredita no projeto, que estimula que a gente faça esse projeto, é muito bonito. A Vale é um excelente parceiro. Para nós, a gratidão é imensa”.

Para 2026, o Orquestra Ouro Preto Vale Festival já sabe qual repertório vai levar para Copacabana, mas, por enquanto, a única coisa que pode ser dita é que será uma obra que mantém a tradição de dialogar com a identidade brasileira. “É um dos grandes pontos do ano para a música de concerto brasileira. A perspectiva para este ano é um evento ainda mais pujante, ainda mais vibrante”, ressalta Luiz Abreu, acreditando que o festival está no caminho certo para se tornar uma tradição dos mineiros em Copacabana. Nesse contexto, a escolha do repertório reforça não apenas o compromisso artístico da Orquestra, mas também sua vocação para dialogar com diferentes públicos.

Aliás, Copacabana é vista como um palco mágico pelo maestro Rodrigo Toffolo: “A cidade do Rio de Janeiro guarda uma magia que tem que ser sentida na pele; só estando lá para perceber o quão especial a cidade é. E temos essa imensa felicidade de chegar ao quinto ano do nosso festival nas areias de Copa. É uma honra para toda a vida”. É justamente essa atmosfera única que faz do festival um encontro tão aguardado a cada nova edição. ■





**Sesc**

CNC | Fecomércio MG  
Sindicatos Empresariais | Senac

Sesc, integrado  
ao Sistema  
**Fecomércio MG**

# Domingos Clássicos: uma década de valorização da música de concerto

Há dez anos integrando a programação cultural do **Sesc Palladium**, o projeto **Domingos Clássicos** se consolidou como um encontro marcante entre o público mineiro e a música de concerto.

Nesse período, mais de 100 apresentações proporcionaram experiências sinfônicas a diferentes gerações, contribuindo para a formação de plateia e a valorização de talentos.

Realizado pelo **Sistema Fecomércio MG**, por meio do **Sesc em Minas**, o projeto segue ampliando o diálogo com o público em 2026. Além dos sucessos de repertório e homenagem aos 15 anos do Sesc Palladium, a **Série Alma Mineira** marca a temporada celebrando toda a riqueza da identidade musical de Minas Gerais.

Saiba mais em



## DOMINGOS PARA OS OUVIDOS

Projeto que há 11 anos transforma as manhãs de domingo em Belo Horizonte apresenta, em 2026, uma temporada que vai dos Beatles ao sertanejo de raiz

Experimentação no conforto de casa. É esse espírito que vem embalando os domingos de manhã no centro de Belo Horizonte. Rock, MPB, pop e baião; cinema, videogame e literatura: a cada mês, uma surpresa diferente, um convite para ouvir os mais diferentes gêneros e vertentes de uma forma completamente nova. Tudo a preço popular e com uma das melhores estruturas do Brasil em termos de espetáculo sonoro.

Em 2026, a série Domingos Clássicos – projeto que transformou o Sesc Palladium, um dos pontos culturais mais importantes da história da capital mineira, no lar belo-horizontino da Orquestra Ouro Preto – completa 11 anos. E já ocupa lugar cativo na agenda dominical do público mineiro, ao lado do Mercado Central, da Feira Hippie e do futebol.

De acordo com o maestro e diretor da Orquestra Ouro Preto, Rodrigo Toffolo, “orgulho” é a palavra que descreve todos esses anos de parceria com o Sesc Palladium. “É um trabalho em conjunto, um combo em prol da arte e da cultura mineira”, diz.

Segundo ele, o programa de 2026 terá como foco os trabalhos da Orquestra cujos arranjos e abordagens autorais vêm inspirando inclusive outros grupos e produtores. “Será um ano com projetos pensados originalmente pela linha artística da Orquestra Ouro Preto”, acrescenta Toffolo.

## DO ROCK AO SERTANEJO

A nova temporada começa em 8 de março, com os Beatles. Segue na energia do *rock and roll* em 12 de abril, quando a Orquestra recebe Túlio Mourão – pianista, compositor e ex-integrante de bandas icônicas como Mutantes e Som Imaginário – para a série Alma Mineira. Em 10 de maio, será a vez dos *hits* da banda norueguesa A-Ha, num dos concertos de maior sucesso da história da Orquestra.

Em junho, a Orquestra Ouro Preto incorpora o suingue nordestino de um dos maiores compositores brasileiros, Luiz Gonzaga, tema do disco e audiovisual *Gonzagão: Concerto para Cordas e Trio Pé de Serra*. O programa, que vai aos palcos do Palladium no dia 14, celebra a obra do Rei do Baião em linguagem instrumental.

Em 12 de julho, a Orquestra entra no ritmo do jazz e da música popular com o Alma Mineira, estrelando o baterista Lincoln Cheib e o guitarrista Nelson Faria, dois dos mais importantes instrumentistas da atualidade.

O cinema também não fica de fora. Em 3 de agosto, uma segunda-feira, a Orquestra interpreta a trilha original de um dos mais belos filmes da história da sétima arte: *O Garoto*, de Charles Chaplin. A data pulou do domingo para a segunda-feira para celebrar o aniversário da casa, exatamente na data de fundação do antigo Cine Palladium.

Em 20 de setembro, será a vez da Orquestra Ouro Preto Geek Experience, ao lado de Antonio Vaz Lemes – pianista fenômeno das mídias sociais, criador do Piano Que Toca –, apresentar releituras sinfônicas de games que marcaram gerações, numa celebração para o público de todas as idades. E a fabulação chega ao ápice no mês seguinte, com Franz Kafka, um



Alma Mineira: Orquestra Ouro Preto convida Tullio Mourão



Repertório Geek: destaque para a música feita para games

dos autores mais inventivos da história da literatura. Em 11 de outubro, o Palladium recebe o concerto infantojuvenil *A Metamorfose*, que mescla música e dramaturgia em uma arrojada interpretação da história de Gregor Samsa, o caixeiro-viajante que acorda, numa bela manhã, transformado num inseto gigante.

Na penúltima apresentação do ano, em 8 de novembro, a série *Concertos Brasileiros* destaca obras dos compositores Rufo Herrera, Harry Crowl e Leonardo Gorosito, ressaltando o diálogo entre solistas e conjunto e explorando instrumentos como vibrafone, oboé e bateria. Uma homenagem ao melhor da música brasileira contemporânea.

Para fechar 2026, uma novidade bem ao estilo da Orquestra Ouro Preto: o popular e o erudito se unem, em 6 de dezembro, no concerto *Raiz Sertaneja*. Com novos arranjos, a tradição e a memória da música de raiz dão vazão a criações inéditas de um dos gêneros mais queridos do país, ainda pouco explorado pelas formações sinfônicas. “É um gênero amado pelo brasileiro e que apresenta, em sua raiz, clássicos lindos, que merecem ser orquestrados à maneira da Orquestra Ouro Preto”, ressalta o maestro Rodrigo Toffolo. “É mais um passo importante na tese que sempre defendemos: o poder ilimitado da orquestra.”

Segundo o regente, a série *Domingos Clássicos* é o “combustível de criação” da Orquestra; é quando a formação leva ao público novos concertos e celebra a sua trajetória. “É quando também medimos a temperatura dos nossos projetos; por exemplo, o *Alma Mineira*. Muito do que foi lançado nacionalmente teve sua estreia nos *Domingos Clássicos*”, destaca Toffolo.

O fundador da Orquestra Ouro Preto aponta como fundamental o papel do Sesc na democratização do acesso e na descentralização da arte em Minas Gerais. “Isso tem dado frutos e mudado a percepção de todo o nosso estado, fazendo do Palladium um local de encontros, trocas e valorização da arte e cultura”, complementa.

Para Priscila D’Agostini, gerente do Sesc Palladium, a Orquestra é motivo de orgulho pelo destaque no cenário nacional e internacional e pela singularidade técnica e temática. “Isso faz dela uma grande influenciadora para o surgimento de outras orquestras em Minas Gerais”, diz.

D’Agostini acredita que o sucesso dos *Domingos Clássicos* está diretamente ligado a esses atributos. “Os concertos têm capacidade de atingir um público diverso, tanto o já interessado em música orquestral quanto aqueles que têm menos familiaridade e que podem usufruir o caráter didático da proposta. Além disso, os ingressos são populares e alguns concertos são exclusivos para escolas públicas, contribuindo para a ampliação do acesso cultural”, finaliza a diretora do Sesc Palladium. ■





FOTO: RAPHA GARCIA

**INOVAÇÃO**  
POR FÁBIO CORRÊA

## A MÚSICA ELETRÔNICA NA SALA DE CONCERTO

**Parceria entre DJ Kvsh e Orquestra Ouro Preto transforma beats em sinfonia e leva a música eletrônica à sala de concerto**

A música eletrônica e a sinfônica remetem, hoje em dia, a dois universos distintos. Realmente, para quem vê de fora, é difícil colocá-las na mesma gaveta. Enquanto os *beats* produzidos por máquinas e computadores costumam embalar longas noites em boates e festivais de música eletrônica, as orquestras mantêm quase sempre uma linguagem tradicional, performada nas salas de concerto, com instrumentos quase 100% acústicos e repertórios que reverenciam compositores de outros séculos.

Entretanto, nem sempre foi assim. Poucos sabem, mas foi no universo das orquestras, chamado por alguns de “erudito”, que surgiram as primeiras experimentações eletrônicas, ainda no pós-guerra. Foram compositores da música sinfônica, entre eles o alemão Karlheinz Stockhausen (1928-2007), que manipularam, pela primeira vez, sons provenientes de equipamentos de rádio e fitas magnéticas e desenvolveram a técnica que criou os sintetizadores – geradores de frequências sonoras que, hoje, podem ser considerados os precursores das baterias eletrônicas.

Muita coisa mudou desde então. Os *beats* saíram das salas de concerto para se tornarem onipresentes na música pop. Nas últimas décadas, o sucesso do gênero foi ainda mais longe, com o surgimento do computador portátil e de programas de produção musical, que democratizaram o acesso à composição e à divulgação de peças eletrônicas de altíssima qualidade.

Esse movimento permitiu o surgimento de artistas como o mineiro Luciano Ferreira, mais conhecido como DJ Kvsh. Aos 32 anos, o produtor e empresário de música eletrônica, nascido em Nova Lima (MG), vem se destacando pela excelência em suas composições, que já atingiram o topo das paradas no Brasil e vêm agradando o público de pistas internacionais. O sucesso foi tanto que, em 2021, Kvsh foi incluído na lista da prestigiada revista *Forbes* para personalidades de destaque com menos de 30 anos – a *Forbes Under 30*.

Para Kvsh, até então, apresentar-se no Palácio das Artes, a casa de espetáculos mais nobre de Belo Horizonte, parecia um sonho distante. “Como mineiro, principalmente, quem passa ali, na Avenida Afonso Pena, acha que nunca vai tocar naquele lugar; pensa que é impossível”, conta o DJ. Talento para isso não faltava, dada a carreira consolidada do artista. Como o tempo mostrou, era preciso apenas encontrar um parceiro ideal, uma sinergia capaz de unir novamente esses dois universos aparentemente distantes. E ninguém quebra paradigmas de forma mais certa que a Orquestra Ouro Preto.

A junção da formação sinfônica com os *beats* eletrônicos ocorreu pela primeira vez no ano passado. Em junho, o *single* *Potter 3.0*, do DJ Kvsh com a Orquestra Ouro Preto, chegou às plataformas digitais com sucesso de público imediato.

E o projeto não parou por aí. O segundo passo foi uma apresentação conjunta. A princípio, com a Orquestra ocupando o espaço das *raves*. Em 29 de julho de 2025, o encontro foi em um palco montado no Alpha-ville, na Lagoa dos Ingleses, em Nova Lima, para um concerto a céu aberto. O evento – que contou com patrocínio da AngloGold Ashanti, por meio da Lei Rouanet – revisitou obras canônicas do repertório clássico com o toque de vanguarda das pistas de dança. A experiência arrebatou não só o público de mais de 6 mil pessoas e o DJ, mas também o maestro

Rodrigo Toffolo e os músicos da Orquestra. E trouxe novos aprendizados, relacionados a novos estilos musicais, à iluminação, à disposição do palco e à acústica em locais abertos.

“Nosso projeto com Kvsh foi desafiador em todos os sentidos: da performance no palco até a proposta de unir a música eletrônica à música de concerto”, conta o maestro Rodrigo Toffolo. “Mas o desafio é uma força vital tanto para a Orquestra Ouro Preto quanto para o DJ; e propor este projeto em ambientes tão diversos foi algo revelador. Hoje sabemos que é possível, sim, estar em ambos os lugares, tocar para ambos os públicos e saber que cada um vai curtir a seu modo.”

Poucos meses depois, foi a vez de a Orquestra Ouro Preto receber o DJ Kvsh justamente naquele local em que o produtor mineiro acreditava ser quase inalcançável: o Palácio das Artes. Os dois universos, que surgiram de um mesmo impulso da criatividade, voltavam a ser um só. E na sala de concerto. “Brinco que isso foi o Luciano consagrando o sonho dele de ser músico e tocar num palco que representa tanto Minas Gerais como é o Palácio das Artes. É o Luciano de 32 anos falando para o Luciano de 13, 14 anos: ‘deu certo’. E isso foi graças a uma junção que muita gente acha inesperada, impossível, que é misturar a música eletrônica com a música clássica”, agradece Kvsh. O concerto no Palácio das Artes foi viabilizado pela Obra Pavoniana de Belo Horizonte, instituição que é referência em acolhimento há mais de 65 anos.

Para o produtor musical, a sintonia entre as duas vertentes, para ficar livre de ruídos, precisa passar pela construção de um vocabulário em comum. “É como se todo mundo tivesse essa linguagem própria”, explica Luciano.

“Os palavreados, as expressões usadas na música clássica, são completamente diferentes das da música eletrônica. Assim como o pessoal do funk, do rock tem a sua linguagem, a Orquestra tem a dela e a música eletrônica também.”

Contudo, as diferenças desapareceram quando DJ e maestro se encontraram. “A gente entendeu que estava falando a mesma língua. Por mais que sejam mundos distintos, no final tudo se resume à música, que é o que nos toca, o que nos move”, afirma Kvsh. A união também significou um novo capítulo na trajetória da Orquestra. Desde o início, o regente da Orquestra Ouro Preto tinha em mente a conexão histórica entre música eletrônica e música de concerto e tentou encontrar um ponto em comum para que isso voltasse a se traduzir nos concertos com Kvsh. “O passo inicial foi pensar uma maneira que pudesse uni-las de volta, que fosse possível uma performance conjunta em que as variáveis fossem controladas para que a música pudesse florescer”, diz o maestro. “E assim fizemos. A parceria com Luciano, o DJ Kvsh, envolve desde a composição da batida eletrônica para temas clássicos da música de concerto até a orquestração de canções dele. É um enorme desafio que estamos vivendo e aprimorando com o tempo, um projeto muito interessante e complexo.”

Mesmo calcada em computadores, sintetizadores e *samplers*, a trajetória de Kvsh na música tem origem nos instrumentos “tocados” e na performance orgânica. “Esse sempre foi o meu core, a minha paixão, porque eu vim deste mundo”, explica o mineiro. “Toco bateria desde os seis anos, já tive bandas de pop rock, de punk rock... Isso sempre fez parte do meu mundo. Desde o início eu gravava amigos que tocavam guitarra, baixo e os trazia para dentro da música eletrônica.”

O DJ também ressalta o desenvolvimento da vertente dos *beats* que, como ele aponta, vem incluindo cada vez mais os sons naturais. “Ela já deixou de ser 100% eletrônica há muito tempo. Surgiu do humano criando uma música através das máquinas, mas, ao longo da última década, foi se mesclando com outros instrumentos que não são apenas máquinas criando aquele tipo de sonoridade. A gente já vê diversos DJs, produtores, fazendo essa conexão com outros vocalistas, outros intérpretes, musicistas”, acrescenta Kvsh.

Em janeiro de 2026, a parceria gerou mais um fruto. A *Tocatta*, executada pela Orquestra Ouro Preto e pelo DJ Kvsh, já disponível em todas as plataformas digitais. Enquanto *Potter 3.0* foi o desdobramento do *hit* de Kvsh criado a partir de um *sample* do filme

*Harry Potter*, *Tocatta* remete diretamente ao mundo erudito, sendo uma das peças mais famosas do compositor barroco Johann Sebastian Bach (1685-1750). É a via de mão dupla enriquecendo ambos os universos.

“Os *singles* são uma mostra dos dois caminhos: arranjamos uma obra consagrada de Kvsh e apresentamos uma versão nossa para a *Tocatta*, de Bach, um tema mundialmente conhecido”, diz Rodrigo Toffolo. “Isso mostra como o projeto foi pensado e como esses dois mundos se encontram em nossa concepção. Estamos felizes com o projeto, muito, e esperamos que nosso público e o do Kvsh também estejam.”

De acordo com o DJ Kvsh, não há dúvida quanto a isso. “Todos os dias praticamente as pessoas comentam, perguntam. E, para mim, como músico, produtor e DJ, o mais legal é a gente inspirar as outras pessoas. Toda ideia é possível, toda ideia a gente consegue executar, desde que a gente consiga acreditar nela”, diz. Ele confessa já estar ansioso com o próximo encontro com a Orquestra: “A repercussão foi incrível e, com certeza, teremos outras parcerias. Já estamos desenhando algumas coisas”.

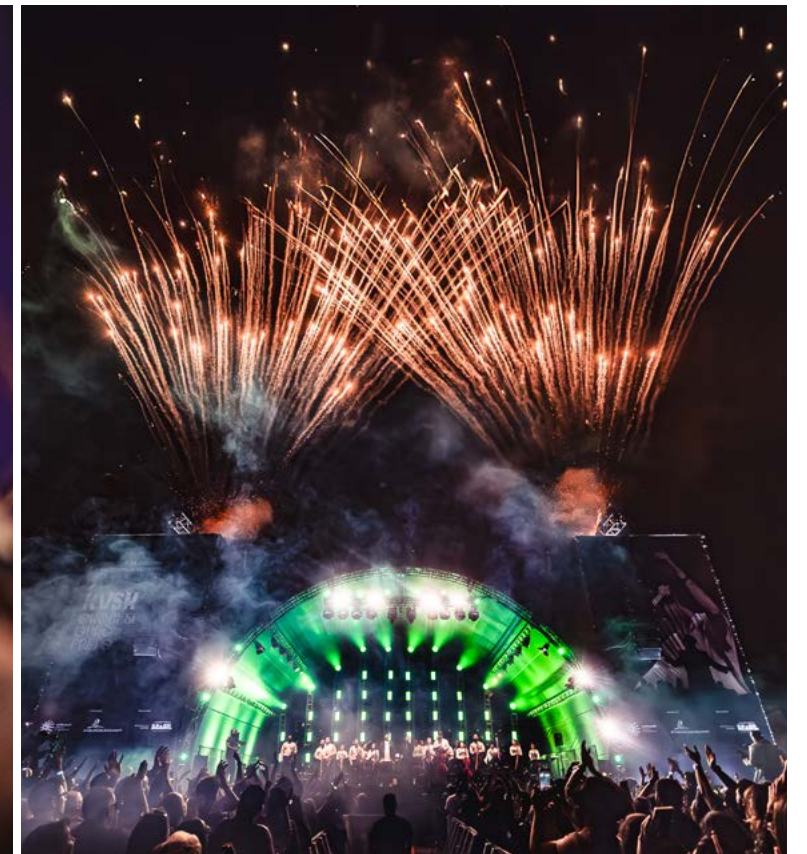
Kvsh encerra com uma afirmação: “Assim como a música eletrônica molda de maneira ativa o futuro musical, a Orquestra Ouro Preto também. Essa instituição me abraçou muito e quero continuar criando com eles, continuar levando ideias. Este ano de 2026, com certeza, vai ser um ano de muita criação, de muita arte”.

A sala de concerto e as pistas das baladas mal podem esperar. ■

FOTOS RAPHA GARCIA



FOTOS RAPHA GARCIA



## DUDA EM ESTADO SINFÔNICO

O encontro entre o pop eletrônico da cantora pernambucana e a Orquestra Ouro Preto, atravessado pelo Mangubeat, encantou um mar de gente

A primeira memória que vem à mente de Duda Beat sobre os Arcos da Lapa, cartão-postal do Rio de Janeiro, é totalmente visual. Ela conta sobre a sensação de subir ao palco, respirar fundo diante de uma multidão e, antes mesmo de soar a primeira nota, se deparar com um mar de gente. Uma maré comprimida entre os arcos coloniais, ocupando cada fresta, esperando não apenas um show, mas uma experiência única ao lado da Orquestra Ouro Preto.

Segundo Duda, o coração disparou naquela noite de 19 de julho de 2025: “Lembro que fiquei muito surpresa quando subi ao palco e vi o tamanho daquilo tudo. Os Arcos estavam lotados de gente pra ver a Orquestra Ouro Preto e eu cantando ali. Foi muito emocionante”, recorda a cantora.

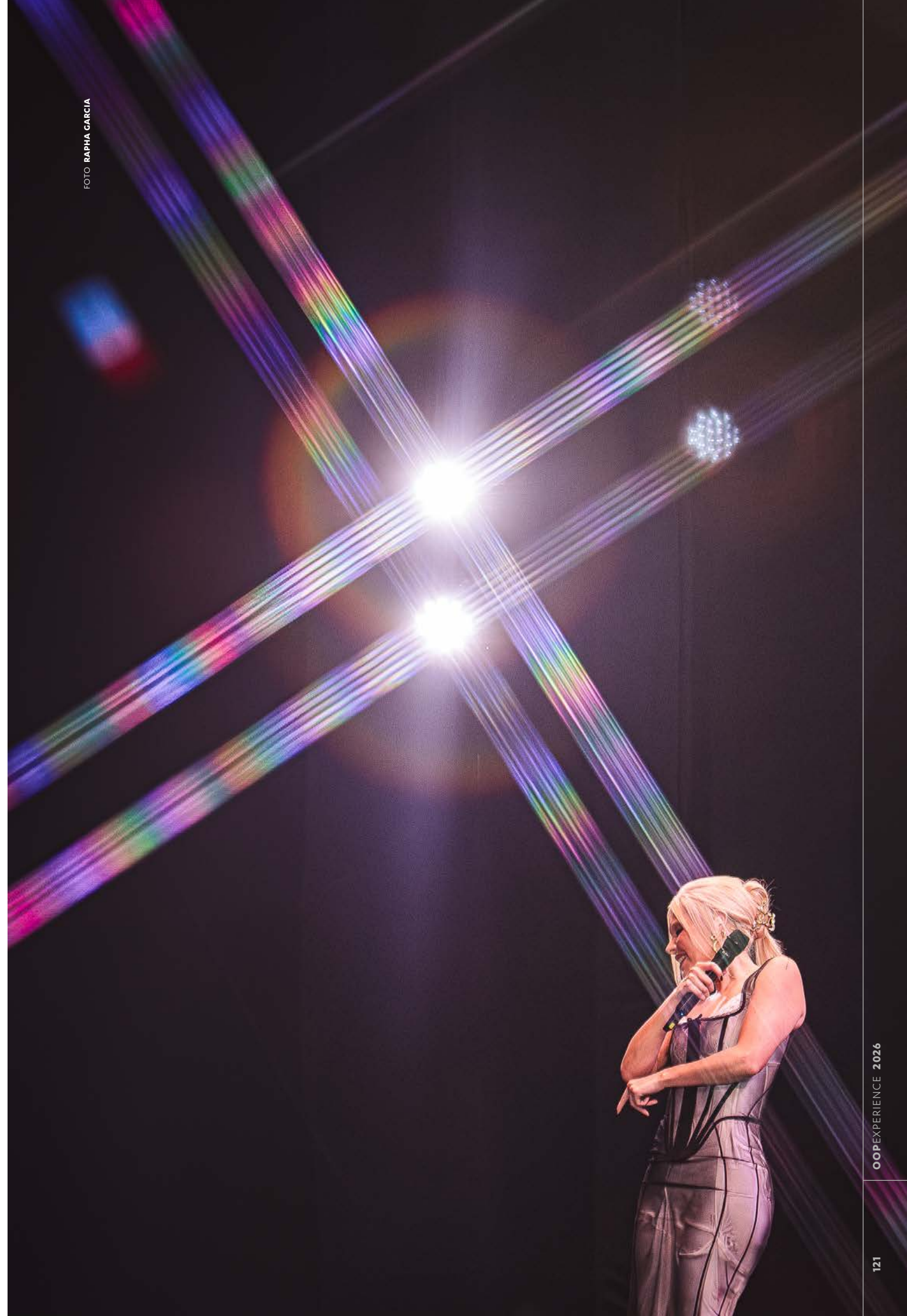
“Muitas coisas me marcaram nessa apresentação. Primeiro, ter tocado num lugar icônico do Rio de Janeiro, que são os Arcos da Lapa, né? Foi maravilhoso, ainda mais com a Orquestra. E alguns momentos em especial – cantar *Meu Coração*, por exemplo, que é uma canção minha, ali, naquele lugar, foi muito mágico. Senti isso também ao cantar *Da Lama ao Caos*. Foram duas canções que eu me lembro de ficar extremamente emocionada enquanto eu estava vivendo aquilo tudo ali. Então, essa apresentação ocupa um lugar muito especial no meu coração. Quero fazer mais vezes, em lugares icônicos do Brasil todo, se eu puder desejar alguma coisa”, profetiza Duda.

O encontro transporta os *beats* dos maiores sucessos da cantora pernambucana, além de clássicos de Chico Science & Nação Zumbi, homenageados no projeto, para a sonoridade orquestral. Os arranjos de Paulo Malheiros, interpretados pela formação mineira, apresentam ao público uma Duda Beat em estado sinfônico.

“Cantar com a Orquestra, com o maestro Rodrigo Toffolo regendo, pra mim foi uma honra gigante. Quando me chamaram pra esse projeto, eu fiquei extremamente emocionada. Extremamente mesmo. Parecia um sonho”, diz Duda. “E é bem diferente como a música fica no final. A Orquestra traz texturas que não existem na versão original. São muitas camadas, muitos detalhes. Coisas que eu nunca tinha escutado nas minhas músicas. Ver minhas canções e as do Chico (Science) virando violinos, violoncelos, foi superlindo. Eu ficava arrepeliada assistindo aos ensaios”, recorda.

Segundo a cantora, esse trânsito entre o pop sentimental e eletrônico e a música de concerto,

FOTO RAPHA GARCIA



atravessado pelo Mangubeat, gera não apenas uma mudança estética. “Modifica muito a minha performance no palco, porque você sente os instrumentos acontecendo ali, do seu lado”, ressalta. “É tudo mais orgânico. Não tem retorno eletrônico te segurando. Você canta junto com eles, respira junto. Mexeu muito comigo, muito mesmo.”

Para Duda, essa experiência reverbera inclusive na sua forma de pensar a própria arte. “Me influenciou completamente. Eu quero trazer mais esses instrumentos pro meu som. Depois que você canta com a Orquestra, você nunca mais escuta suas músicas do mesmo jeito.”

Sucessos como *Meu Pisêro* e *Bixinho* ganharam arranjos amplos, quase cinematográficos. As batidas secas e os sintetizadores se prolongaram nas cordas. “*Meu Coração*, por exemplo, do meu segundo disco, tem um arranjo de violinos. E eu só faço essa música com a Orquestra Ouro Preto; eu não costumo cantá-la nos meus shows. Então, ficou de uma delicadeza absurda. Parece que a música tinha nascido pra isso”, elogia Duda.

Esse projeto carrega também uma grande responsabilidade. Porque, além do próprio repertório, Duda assume as canções de Chico Science

& Nação Zumbi, uma de suas máximas referências na carreira. “Eu fiquei muito nervosa, confesso. Sou muito fã. Chico é a minha grande inspiração. Cantar *A Cidade* e *Da Lama ao Caos* com aquela massa de cordas atrás de mim... foi uma força que veio de outro lugar”, enfatiza.

Na entrevista, ela pausa a resposta numa breve respiração, como quem ainda sente o impacto da própria fala. E continua: “São músicas que já têm um peso social enorme. Quando a Orquestra entra, parece que tudo fica maior, mais dramático, mais urgente. Foi muito emocionante. De verdade”.

Talvez o que mais tenha surpreendido Duda nesses encontros com a Orquestra seja a descoberta de que essas canções conversam naturalmente com o universo sinfônico. “Descobri que as minhas melodias funcionam nesse lugar clássico. Ver coisas que eu fiz em casa, com meus produtores,

sendo tocadas por instrumentos que eu nunca imaginei, é muito especial. Dá uma sensação de eternidade, sabe? Como se as músicas virassem clássicos também.”

A Orquestra, segundo Duda, tem essa capacidade de ampliar não apenas a percepção do som, mas também do tempo. As canções deixam de pertencer só ao presente para ganhar uma dimensão quase histórica. “Eu fico muito feliz de ver minha música dialogando com o mundo do clássico. Parece que ela atravessa outras gerações”, afirma Duda. “Ter tocado com a Orquestra mais de uma vez aprofundou muito a minha conexão com elementos, principalmente da música erudita brasileira. Ver, de fato, a música se transformando e indo pra esse lugar é incrível. E não só as minhas, né? As músicas do Chico também. É a música popular brasileira se transformando em erudita de certa forma. É de uma grandiosidade incrível.”

Se depender da vontade de Duda, essa parceria tem tudo para se aprofundar ainda mais no tempo e no espaço, chegando a outras praças ao redor do país. “Por mim, eu faria uma turnê inteira com a Orquestra Ouro Preto pelo Brasil. Esse show é lindo, impecável. Quero levar pra Recife, pra Ouro Preto, pro Norte do país... Imagina, cantar no Teatro Amazonas? Seria um sonho”, diz ela, já projetando o futuro. “Tenho muita vontade que esse projeto continue, inclusive com outras músicas minhas; até coisas que ainda estão para lançar. Acho que ainda tem muita coisa linda pra acontecer.”

E, para comprovar que está realmente pensando nisso, Duda deixa duas sugestões para o maestro Rodrigo Toffolo agregar ao repertório das próximas apresentações com a Orquestra Ouro Preto: “Olha, uma música minha que ainda não entrou nesse projeto, mas que eu acho que ficaria linda, seria *Na Tua Cabeça*. Acho que eles fariam um arranjo muito bonito. E uma outra também que eu escolheria seria *Por Aí, Mozão*. Nossa, eu acho que ia ficar extremamente arrepiante no palco junto com a Orquestra”. ■

FOTOS: RAPHA GARCIA



**NÃO ME DEIXE SÓ**  
POR SORAYA BELUSI

## UM RIO CHAMADO CANÇÃO

**Vanessa da Mata e Orquestra Ouro Preto propõem uma travessia sonora pela música popular brasileira e sua discografia**

Em junho do ano passado, um espaço icônico foi palco do primeiro capítulo de mais um projeto original com a assinatura da Orquestra Ouro Preto. Naquela noite de inverno curitibano, o público que esgotou os ingressos para a Ópera de Arame testemunhou a música popular ganhar contornos sinfônicos com Vanessa da Mata e a formação mineira lado a lado, recriando repertórios, ampliando sentidos e reafirmando a vitalidade da canção brasileira.

A estreia naquele espaço simbólico, um dos palcos mais singulares do país, funcionou como o nascimento de um projeto que foi idealizado com cuidado para permitir que a obra de Vanessa, marcada pela força melódica, fosse atravessada pela densidade, pela dinâmica e pela dramaticidade de uma formação orquestral. O resultado não se limita a uma versão de seus sucessos, no sentido convencional; é um diálogo vivo, orgânico, em que nenhum dos lados abre mão de sua identidade.

Canções como *Não Me Deixe Só* e *Boa Sorte/Good Luck* permanecem como pontos altos do espetáculo. “São duas músicas da minha carreira que não podem ficar de fora dos meus shows; são clássicos do meu repertório e que meus fãs sempre pedem”, explica Vanessa. Ao serem revisitadas, elas não se distanciam do público; ao contrário, ganham novas camadas de escuta. “Ter a oportunidade de subir ao palco e apresentar essas músicas com arranjos sinfônicos é mostrar toda a diversidade e riqueza da música brasileira para o público. Os arranjos ampliam a força das músicas”, analisa a cantora e compositora.

Essa ampliação, segundo Vanessa, não se dá apenas no volume ou na grandiosidade sonora, mas na possibilidade de revelar detalhes antes sutis, como linhas harmônicas escondidas, tensões emocionais prolongadas pelas cordas, respirações que se estendem no tempo. É como se a canção fosse observada de perto e, ao mesmo tempo, à distância.

O repertório do projeto foi pensado como um território de equilíbrio. Sucessos consagrados convivem com músicas mais recentes e com homenagens a compositores fundamentais da música brasileira, como Belchior, Guilherme Arantes e Tom Jobim, costurando passado e presente. “Escolher o repertório para os concertos com a Orquestra Ouro Preto foi uma verdadeira libertação artística”, afirma a cantora. “Me apresentar com a Orquestra é sempre algo libertador, porque permite uma nova abordagem de um repertório que é popular.”

Esse sentimento também se manifesta na forma como a artista ocupa o palco. Há um gesto de escuta constante, um ajuste fino entre voz e orquestra. Em termos de criação e performance, o desafio se converte rapidamente em prazer, afirma Vanessa, ressaltando o desejo antigo de se aventurar no universo da música de concerto. “Acho que minha voz tem uma certa combinação com a música de concerto”, diz ela.

A relação não surge por acaso. Desde a infância, a cantora nutre uma ligação afetiva com o canto lírico e com a música clássica: “Sempre foi um sonho cantar óperas e músicas clássicas acompanhada por uma orquestra. Flerto com o canto lírico desde criança”. No palco, isso se materializa. “É um momento de muita alegria e realização encaixar a minha voz em arranjos tão ricos. Acredito que é um casamento perfeito”, diz a cantora.

FOTO RAPHA GARCIA





Ópera de Arame lotada para conferir o primeiro encontro com a Orquestra



O Largo do Rosário parou em apresentação durante o FliParacatu 2025



**TRADIÇÃO**  
POR FERNANDO VIERI

## ANCESTRALIDADE, CULTURA E MEMÓRIA

**O encontro histórico com a tradição da Caretagem, em Paracatu, vai virar um livro para a posteridade**

Vanessa reconhece que a presença de dezenas de músicos em cena, essa força coletiva que a Orquestra tem, altera a própria dinâmica do espetáculo. “Quando você sobe ao palco com tantos instrumentos atrás de você, muda tudo. É uma energia diferente e que me renova”, garante.

Para o público, essa energia se traduz em novas emoções, que têm o poder de transformar a canção, deslocando sentidos, criando atmosferas inesperadas, revelando nuances que podiam passar despercebidas. Algumas músicas, inclusive, retornam à própria autora com novos significados. “A Orquestra traz todas as informações sonoras de um grande movimento, como se fosse um rio”, descreve Vanessa. “Você consegue ouvir todos os detalhes.”

A metáfora do rio ajuda a entender o espírito do projeto, com ideias como fluxo, correnteza, profundidade. As canções seguem reconhecíveis, mas nunca idênticas a si mesmas. Essa experiência também deixa marcas para além do palco. “Quando você tem metais numa banda, já é um luxo. Cantar com uma orquestra é ter cordas, percussão, guitarras, bateria e tantos outros instrumentos em uma sintonia perfeita”, afirma a cantora.

Não por acaso, Vanessa reconhece o impacto positivo dessas apresentações sobre seus processos criativos futuros. “É uma experiência única, um verdadeiro banho musical e uma purificação auditiva.”

Para além de celebrar uma sólida carreira ou re-visitatar sucessos, o projeto Vanessa da Mata e Orquestra Ouro Preto se inscreve como um gesto que reafirma a potência da música brasileira como linguagem plural, capaz de circular sem perder força, emoção ou identidade. Ao unir uma das vozes mais importantes da canção contemporânea a um conjunto orquestral que fez da experimentação sua marca, o projeto constrói pontes entre públicos, gerações e tradições musicais.

Se fosse um filme, como imagina a própria artista, seria “um filme de aventura, com um toque de romance e drama”. No palco, essa história é contada em forma de som, com uma narrativa que exalta uma música brasileira viva, grandiosa e em constante reinvenção. A estreia na Ópera de Arame – repartida em seguida em um concerto aberto ao público em Paracatu – foi apenas o primeiro capítulo de um percurso que segue em movimento, expandindo repertórios, sentidos e horizontes. Como um rio que continua correndo em direção ao mar. ■

A Orquestra Ouro Preto e a Caretagem dos Amaros protagonizaram, em 2025, um encontro histórico na cidade de Paracatu, numa fusão artística que enalteceu a cultura mineira e emocionou quem assistiu ao concerto. Depois de tocar com o Congado de Araxá, em 2022, a formação liderada pelo maestro Rodrigo Toffolo voltou a abraçar a tradição popular, desta vez com a família dos Amaros, continuando assim os seus objetivos de valorizar a cultura dos locais por onde passa e de reverenciar o som que é feito na terra.

O concerto, que resultou da parceria com a Caretagem dos Amaros, foi apresentado no dia 29 de agosto, no Largo do Rosário, durante o Festival Literário Internacional de Paracatu – FliParacatu. No encontro, a Orquestra Ouro Preto e o grupo fizeram uma versão orquestral inédita das chamadas *Sete Danças*, que são a base rítmica e performática

da Caretagem. “Foi uma noite linda, em que a música e a dança puderam mostrar todo seu esplendor”, resumiu o maestro Rodrigo Toffolo, defendendo a importância dos projetos artísticos que valorizam a preservação da memória cultural dos povos.

Do ponto de vista técnico, o regente da Orquestra Ouro Preto revelou que a melhor parte de realizar esse projeto foi o desafio de achar o ponto de interseção entre dois mundos; neste caso, a liberdade do popular e o controle da música de concerto. Já para Júlio Rodrigues de Sousa, capitão da Caretagem dos Amaros, um dos destaques deste emocionante encontro foi o prestígio que a Orquestra Ouro Preto demonstrou pela tradição local, pelo grupo e pela cidade de Paracatu, com ouro-pretanos e paracatuenses unidos com o propósito de celebrar e resgatar a resistência da família dos Amaro.

Júlio assinalou também o ineditismo da parceria e a oportunidade que foi dividir o palco com músicos de alta performance, apontando os valores que unem a Orquestra Ouro Preto e Caretagem dos Amaros: ambos trabalham com responsabilidade, dedicação e muito amor.

## A CARETAGEM

A Caretagem é uma dança ancestral dos descendentes de africanos do noroeste mineiro e está diretamente ligada ao sincretismo religioso brasileiro. Em Paracatu, a tradição é passada de geração a geração, com o objetivo de manter viva a memória da ancestralidade da população negra que resistiu e viveu naquela região. A dança exige dos participantes fé e muita resistência física. “Durante a noite de São João, no dia 24 de junho, 24 homens se vestem com máscaras e roupas com fitas coloridas e saem cantando e dançando pelas ruas da cidade. A dança dura 24 horas ininterruptas”, explica Júlio. “Além dos dançantes, a festa conta com quatro ou cinco instrumentistas, que tocam sanfona, pandeiro, caixa, violão e triângulo. É uma beleza.”

Para Júlio, a Caretagem também é símbolo de fé, cultura e resistência, cuja manifestação fortalece os laços comunitários e a preservação do patrimônio cultural de Paracatu. “A minha alegria é saber que pude contribuir para o resgate de uma cultura tão linda, trazendo-a para os olhos das novas gerações e levando alegria através da dança, das coreografias e das nossas músicas”.

## MEMÓRIA DOCUMENTADA

De acordo com o diretor de Comunicação e Marca da Orquestra Ouro Preto, Luiz Abreu, o objetivo desse projeto não é apenas realizar um espetáculo e depois ir embora; é também juntar a música de concerto à tradição popular e fazer com que essa arte seja ainda mais perene. Luiz Abreu explica que, por ser uma tradição oral, passada de geração a geração, a arte da Caretagem corre o risco de desaparecer, mesmo com os esforços para mantê-la viva: “Quando você vai perdendo um pouco do apego à terra, a tradição vai sumindo”.

Para exemplificar sua fala, Abreu dá conta de que, das 14 ou 15 músicas originais cantadas pela família dos Amaros, restam apenas sete. Então, a solução para ajudar a salvaguardar essa tradição passa pela transformação dessa sonoridade em partituras. “Quando você coloca a música em uma pauta, ela entra para a história; você tem um registro que pode ser consultado por outras gerações”, afirma.

No entanto, o registro documental não ficará apenas nas partituras. O encontro da Orquestra Ouro Preto com a dança da Caretagem dos Amaros será immortalizado num livro fotográfico. O livro vai se chamar *Sete Danças*, em referência às danças que resistiram ao tempo. “É uma iconografia visualmente rica”, adianta Luiz Abreu. “As fotos estão maravilhosas, fotos artísticas – é um livro de arte”, acrescenta.

As imagens do livro são todas assinadas por Heber Bezerra. “Fotógrafo de primeira grandeza, dono de uma visão gigantesca, em que cada foto vira uma poesia”, descreve Luiz Abreu. O livro, ainda de acordo com o diretor de Comunicação e Marca da Orquestra Ouro Preto, não estará disponível para venda; ele vai ser distribuído gratuitamente em Paracatu. “A gente quer que esse livro fique para todos; então, não faz sentido colocar um limite nisso”. E, para que essa iniciativa seja viável do ponto de vista econômico, o projeto conta com o patrocínio da Kinross Paracatu.

Sobre o encontro com a Caretagem dos Amaros e o livro *Sete Danças*, Rodrigo Toffolo sintetiza que a salvaguarda de patrimônios imateriais brasileiros é um braço que a Orquestra Ouro Preto vem desenvolvendo, ficando suas implicações para sempre na história. “É uma alegria enorme deixar uma contribuição deste monte, ao lado dos integrantes atuais da família dos Amaros”, celebra o maestro, ressaltando que a Orquestra Ouro Preto traz a versatilidade na veia. Uma ideia que é colocada em prática dia após dia, de modo que encontros desse tipo mantenham acesa a chama do respeito e da convivência pacífica e respeitosa entre as pessoas. ■



FOTOS: RAPHA GARCIA



FOTO: RAPHA GARCIA

**VALENCIANAS**  
POR JULIO MOURA

## DAS LADEIRAS DE VILA RICA ÀS DE MARIM DOS CAETÉS

**Do encontro de ladeiras ao triunfo nos palcos do mundo, a história de como Alceu e a Orquestra Ouro Preto uniram sotaques em uma travessia musical entre Minas e Pernambuco**

Os frequentadores do restaurante Bené de Flauta se admiraram quando Alceu Valença pediu um copo de água sem gelo ao sentar-se à mesa da varanda naquela noite de julho de 2010, em Ouro Preto. O estranhamento dos clientes, habituados a aquecer as noites de inverno entre dedos de prosa, vinhos finos ou uma boa cachacinha mineira, além da caprichada gastronomia, apenas conferia uma dose extra de mística ao alvoroço causado pela presença do cantor na cidade.

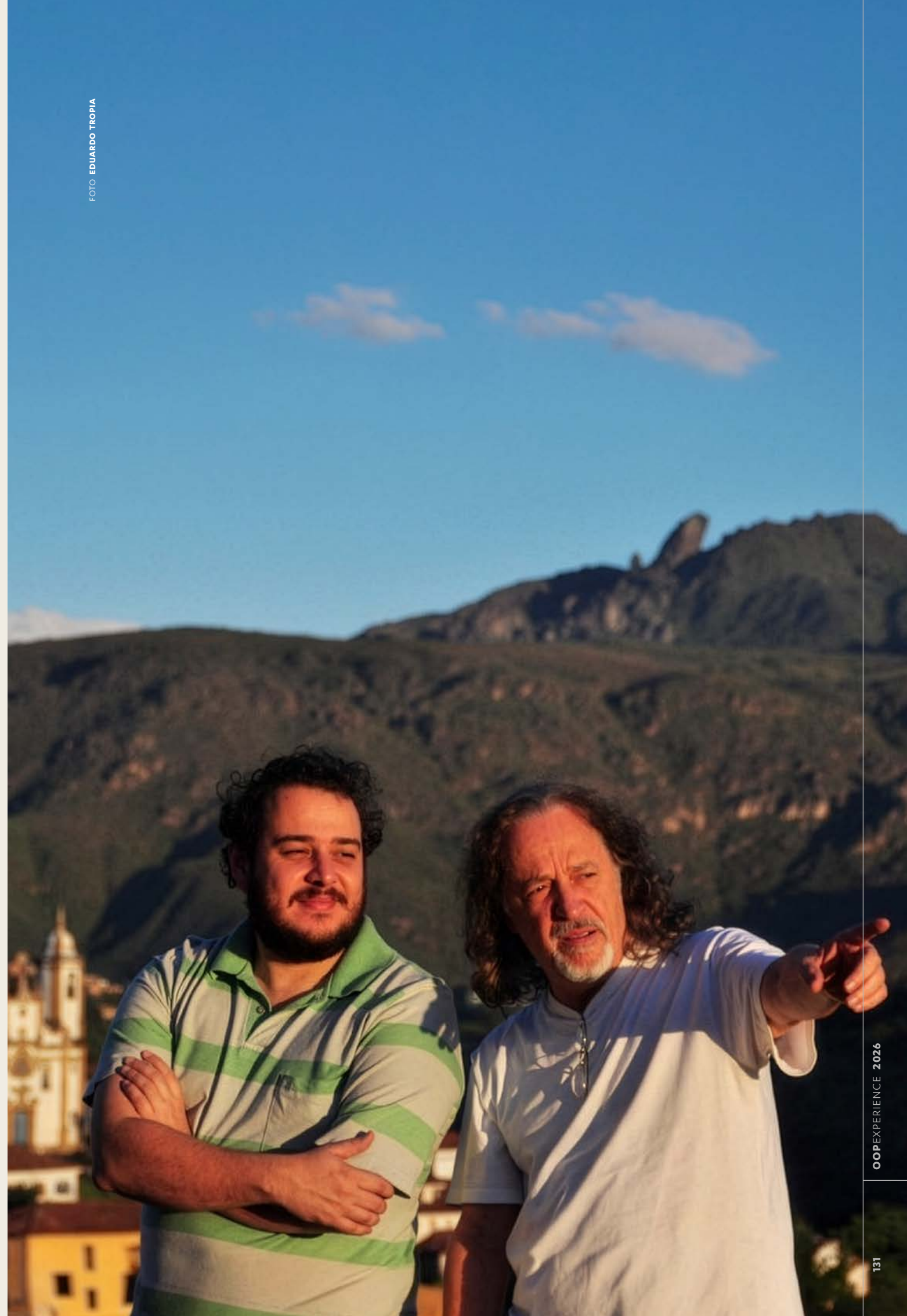
Abstêmio há duas décadas, Alceu visitava o tradicional reduto boêmio de Vila Rica com a finalidade de encontrar o maestro Rodrigo Toffolo, diretor da Orquestra Ouro Preto. Era a primeira aproximação entre o compositor e o regente, apresentados pelo produtor cultural Paulo Rogério Lage, que há tempos acalentava a ideia de adaptar a obra de Alceu para a música de concerto. Naquela noite, ali na esquina da Igreja de São Francisco, onde há quase três séculos resplandecem as obras de Aleijadinho e Mestre Ataíde, as *Valencianas* começavam a ser gestadas.

O encontro seguinte deu-se em Olinda, em janeiro de 2011. Rodrigo Toffolo e o arranjador Mateus Freire desembarcavam no sítio histórico de Marim dos Caetés rumo à casa do compositor, no auge de sua temporada de verão em Pernambuco. O objetivo da visita era apresentar ao compositor e à sua produtora e esposa Yanê, parte das orquestrações desenvolvidas pela dupla nos meses anteriores. As músicas haviam sido selecionadas pelo próprio Alceu em Ouro Preto.

Com os fones no ouvido, o exigente criador arregalou os olhos, arrebatado pelos arranjos de Mateus Freire. Nascido em João Pessoa e então radicado em Belo Horizonte, o arranjador, também violinista, conhecia bem os caminhos da música do nordeste profundo. Maestros como Cussy de Almeida, Guerra-Peixe e Heitor Villa-Lobos, entre outros eruditos que se dedicaram a cruzar as fronteiras do erudito com o repertório popular nordestino, faziam parte do cardápio de Freire desde sempre. Assim como o canceiro de Alceu.

Nessa coletânea, havia naturalmente canções que não podiam ficar de fora: *Belle de Jour*, *Girassol*, *Coração Bobo*, *Anunciação*, *Tropicana*; esta, numa versão dolente e delicada, dosando a energia com que a canção costuma ser apresentada nos palcos e realçando as sutilezas da melodia criada por Vicente Barreto e letrada por Alceu. O dono da casa tirava novos coelhos de sua mágica cartola: a bossa *Ladeiras*, que unificava os caminhos íngremes de Ouro Preto e Olinda; a toada *Junho*, criada sobre os versos do poeta Geraldo Valença; a olindense *Sino de Ouro*; a agrestina *Cavalo de Pau*; a transcenden-

FOTO: EDUARDO TROPIA



te *Sete Desejos*; e *Acende a Luz*, um frevo instrumental inédito que se tornaria um marco do concerto que começava a se desenhar.

Outro marco seria ofertado por Mateus: a suíte *Valencianas*, tema de abertura do concerto, incorporava trechos diversos da obra de Alceu, com caráter elegantemente inspirado em grupos como a Orquestra Armorial, Sá Grama, Quinteto da Paraíba, dedicados igualmente à música de concerto e aos gêneros do nordeste profundo. Enquanto Alceu se deliciava com os arranjos exibidos pela dupla no *laptop* do maestro naquela preguiçosa tarde do verão olindense, Rodrigo e Mateus entreolhavam-se com cumplicidade. Sabiam que a missão de impressionar o compositor fora executada com sucesso.

Durante cerca de um ano, Rodrigo, Mateus e os integrantes da Orquestra Ouro Preto ensaiaram exaustivamente o repertório. Era preciso trafegar com destreza entre o erudito e o popular, compreender os contornos do universo de Alceu, assimilar o forte sotaque de seu cancionero. A estreia do concerto aconteceu num sábado de primavera, 3 de novembro de 2012, no Palácio das Artes, em Belo Horizonte.

Ao lado do maestro Toffolo, à frente da orquestra formada por 35 músicos, entre naipes de violinos, violas, violoncelo, além de baixo acústico, percussão, bateria, violão e guitarra, o cantor soltava a voz. “Estou me sentindo o Pavarotti”, brincou. Em participação especial, o músico Paulo Rafael (1955-2021), que tocou por cerca de 40 anos com Alceu, acrescentou sua lendária guitarra ao conceito das *Valencianas*.

Inúmeros concertos se seguiram: Ouro Preto, Rio de Janeiro, São Paulo, Recife, João Pessoa, Curitiba, Brasília, Lisboa, Porto, entre outros palcos. Lançado em 2014, o CD/DVD do concerto foi contemplado como melhor álbum de MPB do ano, no Prêmio da Música Brasileira, no Theatro Municipal do Rio de Janeiro. Diante de um Municipal atônito, Alceu lançou-se ao palco de gatinhas, estendendo a mão direita para a plateia como quem incorpora uma onça faminta por arrebatar troféus.

O concerto seguiu seu caminho. Em 2019, Alceu e Rodrigo decidiram adicionar outros temas ao repertório, de modo a configurar um novo espetáculo. Depois de uma consagrada apresentação ao ar livre no Parque do Ibirapuera, em São Paulo, no final do ano, a trupe seguiu para Portugal em janeiro de 2020. Temas como *Táxi Lunar*, *Pelas Ruas Que Andei*, *Samba do Tempo*, *Solidão*, além de uma nova suíte de abertura, sacudiram as sólidas estruturas da Casa da Música, na cidade do Porto, durante a gravação do audiovisual *Valencianas II*. O lançamento, adiado por conta da

pandemia, aconteceria em agosto de 2022, na Praia de Copacabana.

Por falar em pandemia, durante a quarentena, Alceu e a Orquestra Ouro Preto realizaram *lives* no Rio e em Ouro Preto e lançaram o emocionante single *Tomara*. A mensagem soava adequada àqueles tempos, quando ainda acreditávamos que a nação global sairia “mais solidária” da terrível crise. Sorte que a música não decepciona jamais.

Em celebração aos 25 anos da Orquestra Ouro Preto, o concerto percorreu algumas das melhores salas de Paris, Londres, Berlim, Utrecht, Barcelona, Lisboa e Porto, durante o inverno europeu de 2025, naquela que o diretor executivo da orquestra, Luiz Abreu, definiu como “uma turnê impossível”. Este, por sinal, é o título do documentário sobre a excursão, dirigido por Fernando Vieri e Dewis Caldas, com previsão de lançamento nos próximos meses.

A aclamação em palcos europeus tão prestigiados pode ser destacada como um dos tantos pontos altos da parceria entre Alceu e a Orquestra Ouro Preto. O concerto, que recentemente superlotou a Praça Tiradentes, em Ouro Preto, e a Praça da Liberdade, em Belo Horizonte, volta a ser apresentado em 2026 no Ibirapuera, também como parte das comemorações pelos 80 anos de Alceu Valença, completados este ano.

Pode-se dizer que Pernambuco e Minas são complementares como a canção popular e a música de concerto. Não somente pelas ladeiras e pelo casario colonial que conduzem aos traçados das velhas Marim dos Caetés e Vila Rica, mas também pela cultura do interior — aspectos, tradições e hábitos de quem desvenda o contorno de montanhas e serras, nas Alterosas ou no agreste e sertão nordestinos. E pelo apreço à “conversa ao pé do fogão”, como destaca o cantor e compositor pernambucano, mais novo oitentão de São Bento do Una e da Fazenda Riachão. ■

Natural do Rio de Janeiro, **Julio Moura** trabalhou em selos e gravadoras como Dubas, Natasha, Biscoito Fino, Deck e Warner. Como jornalista, passou pelos periódicos *O Globo* e *Tribuna da Imprensa* e colaborou com as revistas *Bizz*, *Argumento* e *Continente* e com o site *CliqueMusic*. Foi pesquisador de texto do núcleo de minisséries da TV Globo. Lançou seu primeiro livro, *Por trás da Luneta: Um diário do filme A Luneta do Tempo*, em 2015. Atua na assessoria de comunicação de Alceu Valença desde 2009 e, em 2024, lançou *Alceu Valença: Pelas Ruas que Andei*, pela Cepe Editora.



FOTO PÉRCIO LEANDRO



FOTO RAPHA GARCIA

## FRIO E “SOLD OUT” NO VELHO CONTINENTE

**Turnê de Alceu Valença e Orquestra Ouro Preto na Europa  
confirma o sucesso internacional da parceria**

Seis países, sete cidades e treze dias. Esse foi o traçado e o fôlego da turnê internacional que uniu Alceu e a Orquestra, abrindo o calendário de 2025 da formação mineira e aquecendo milhares de corações na Europa. Passando por Inglaterra, França, Países Baixos, Alemanha, Espanha e Portugal, a parceria com o “mestre consumado da música brasileira”, descrita pelo maestro Rodrigo Toffolo como o “encontro da música com M maiúsculo”, ecoou em salas icônicas da música de concerto.

Britânicos, franceses, alemães, neerlandeses, catalães e portugueses juntaram-se a milhares de brasileiros expatriados para esgotar os ingressos de quase todas as apresentações. O aviso de *sold out* foi a regra, deixando um rastro de sucesso e, inevitavelmente, alguns fãs frustrados por não conseguirem entrada.

Ao todo, cerca de 10 mil pessoas testemunharam o espetáculo. Para Rodrigo Toffolo, a experiência reforçou o orgulho da cultura nacional: “A energia foi incrível. Encontramos salas com um público muito miscigenado. Isso nos dá a dimensão da fi-

gura universal que Alceu se tornou e do respeito que a música brasileira impõe no mundo todo”.

Em palcos como a Casa da Música (Porto) e o Centro Cultural de Belém (Lisboa), Alceu Valença evocou a força de sua obra. Mesmo quem não falava português se arriscava nos versos de *Morena Tropicana* ou no coro de *Anunciação*. Julio Moura, gerente de comunicação de Alceu, resume: “É a prova de que a música é *feeling*. Às vezes, não é preciso entender uma só palavra para sentir a mensagem”.

Essa conexão foi confirmada pelo público local. Em Berlim, uma espectadora alemã confessou: “Não conhecíamos as músicas, mas conseguimos cantar. Foi uma experiência fantástica”. Já o inglês Laurie Rothwell destacou o ineditismo do encontro entre o popular e o erudito: “Os solos de violino e a percussão eram insanos. Foi um clamor revelador pela música brasileira”.

Para os brasileiros que vivem no exterior, o concerto foi mais que um show; foi um reencontro com as raízes. Linda Esperanza, artista radicada em Berlim, descreveu o momento como histórico. O maestro Rodrigo Toffolo reforça esse sentimento: “Tocar para os nossos, levar o calor da nossa cultura para quem está longe de casa, enfrentando um frio rigoroso, foi algo que me marcou profundamente. Foi um verdadeiro abraço de brasilidade”.



### BASTIDORES: UMA "TURNÊ IMPOSSÍVEL"

A semente do projeto veio de Yanê Valença, produtora executiva de Alceu. O que parecia um sonho impossível, devido à complexidade logística de viajar com uma orquestra de câmara, provou ser um acerto fenomenal. "O *match* deu muito certo no Brasil, em Portugal e agora nesta turnê europeia", celebra Yanê.

O percurso poético – do Rio Tâmisia ao Rio Tejo – exigiu fôlego de uma equipe de quase 40 pessoas. Entre conexões de trem, passagens de som e o "frio de lascar", como diz Alceu, a sintonia foi total. Luiz Abreu, diretor de Comunicação e Marca da Orquestra, traduz o sentimento dos bastidores: "Quando as coisas funcionam, concerto por concerto, público quente em todas as casas, você só consegue pensar: quero mais".

Para os músicos que viram a Orquestra nascer há um 25 anos, a turnê foi a realização de um filme em alta resolução. Rodolfo Toffolo (*spalla*) recorda o início, quando o grupo precisava convidar as pessoas para assisti-los em Minas. "Hoje, ver salas lotadas na Europa é incrível", diz.

As irmãs Mara e Marina Toffolo (violinos) compartilham do mesmo entusiasmo: "Alceu está no nosso HD emocional. Ele marca nossa adolescência e nossa vida pessoal. Estar no palco com ele é um privilégio".

Para Alceu Valença, a experiência é de transcendência: "Eu subo ao nirvana", afirma o poeta antes de mais um ensaio. O segredo do sucesso? Para Yanê, é a fidelidade às raízes. A Orquestra Ouro Preto conseguiu captar a essência de um artista que não quer ser nada além do que é.

Ao iniciar as celebrações de seus 25 anos, a Orquestra Ouro Preto não apenas cruzou o oceano; ela confirmou que a música feita com suor, honestidade e identidade não conhece fronteiras. Como definiu João Dinis, CEO da agência Primeira Linha: o resumo de tudo é simplesmente o sucesso. ■

## DIÁRIO DE BORDO





## CAPÍTULO I. LONDRES

(30/1/2025)

O primeiro degrau é sempre o mais difícil. É preciso coragem para pisar em terras desconhecidas e acreditar no brilho do futuro. Na Inglaterra ou em um distrito dos rincões de nossa Ouro Preto, o sentimento sempre será o mesmo. A vida nos palcos é feita de dúvidas, não de certezas. Só na última música saberemos, através dos aplausos, se nossa dedicação foi premiada.

Com todos os ingressos vendidos em novembro, mais de dois meses antes do concerto, a pressão aumentou. Seriam brasileiros ou ingleses? O que nos espera? Como o público reagirá? E assim, mesmo ansiosos, subimos ao Barbican Centre.

Certo é que, na terra do rei, a música brasileira não perde a majestade. Logo na abertura, no primeiro aoboio que o *spalla* acelera e coloca o pulso do coração para tocar, a plateia foi à loucura. Naquele momento, respondemos à questão de William Shakespeare e decidimos ser. Com uma reação dessa, logo aos três minutos do primeiro tempo, a alma ganha alguns ingredien-

tes que só a música é capaz de explicar (talvez nem nossa vã filosofia).

Quando Alceu se juntou a nós, mais uma aula. Professor em valências, o mestre desfilou no palco toda a sua desenvoltura e fez verbos em todas as línguas. Impecável. Aliás, cabe aqui mais uma constatação: quem fala a língua da música como Alceu se comunica bem em todos os planetas.

E foi assim. Após a anunciação, respiramos. A turnê subiu o primeiro degrau com o pé direito. Descobrimos na prática, na terra de Newton e Darwin, que o "Ah, hey" tem lugar de honra até mesmo na terra do "Oh, yeah".



## CAPÍTULO II. PARIS

(1º/2/2025)

A Cidade Luz tem um lugar especial no coração de Alceu. Foi na capital francesa que seu *Coração Bobo* virou bola, balão, São João e letra. Por ali, mirou um poema branco para Jacqueline Bisset e acertou em *La Belle de Jour*.

Desta vez, nada de exílio. Na mala, entre músicos e equipe, mais de 40. Se já não bastasse a comitiva, a lendária Salle Pleyel esperava ansiosa, com todos os ingressos vendidos. Imagine só: a mesma casa que recebeu Stravinski, Debussy e Ravel.

E assim foi. *Quel artiste incroyable!* Que trem doído! Que cabra arretado! O público confundia as línguas e os sotaques, enquanto os aplausos ecoavam em uníssono.

Sob a imponente sala, o frevo fez o Sena transbordar Pernambuco. Alceu transformou o rigor francês em uma autêntica festa, onde sua música dialogava com a art déco. O som, que um dia foi de exílio e saudade, agora era de consagração.

(Poderíamos descrever todo o concerto, o semblante de Alceu, a magia da noite, mas vamos reservar espaço para fechar os olhos e recordar tudo com um longo e gostoso suspiro; combina mais.)

Foi uma estadia curta, mas suficiente para saborear um par de *croisants* e muitas boas histórias. Entramos extasiados no trem que nos levaria à Holanda. É bom demais saber que dividimos o palco com uma figura ímpar, do tamanho do Brasil.

*Enchanté, Paris. Au revoir, non. À bientôt!*



### CAPÍTULO III. UTRECHT

(3/2/2025)

Descemos em Amsterdã. O sol torto das latitudes do norte nos impede de lembrar se era manhã ou tarde. Certo é que o dia frio brilhava sobre o mar. Do trilho, pulamos à rodovia e embarcamos rumo a Utrecht, cidade um pouco mais abaixo no país que, confusamente, chamamos de Holanda.

Pelo caminho, paisagens claras contrariavam Rembrandt. Tradição e modernidade sintonizadas pelos canais. O vento invernal, que girava cataventos, escondia tulipas. Surpresas a cada esquina, a cada janela.

Quando finalmente aprendemos a pronunciar corretamente o nome da cidade (algo como "yoo trekt"), nos deparamos com o TivoliVredenburg. Seu nome trava-língua, sua arquitetura contemporânea e acústica impecável deixam qualquer amante da música de queixo caído.

Em um palco como esse, a responsabilidade aumenta. Todas as notas podem ser degustadas no frescor de sua colheita. Alguma tensão? Sim.

Mas não seria agora que perderíamos nosso açúcar. Aliás, essa fórmula é ótima para ver nascer Olinda. Não é, Duarte Coelho?

No mesmo país onde Alceu gravara seu disco *Mágico*, em 1984, desvendamos mais um mistério, segredo. Aprendemos a traduzir sequências de consoantes em vogais (oi, oi, oi, oi). Já no terceiro sinal, moinho se fez girassol. Frevo, coco, maracatu e Brasil. Melão maduro, sapoti, fruta de vez, laranja nem um pouco mecânica.

Uma segunda encantada. Uma noite estrelada.



### CAPÍTULO IV. BARCELONA

(4/2/2025)

Hora de navegarmos em mares da Espanha. O pouso rápido nos impediu de desbravar a capital da Catalunha. Da janela, pudemos ver Colombo apontando para as Américas, subimos a famosa Rambla e pousamos nossas caravelas na mítica Paral·lel 62.

A casa de esquina parecia tímida. Respeitosamente, nos saudamos, brindamos com café e começamos a nos arrumar. O tempo se dilatava lentamente até que as luzes da plateia foram acesas. Três andares vazios gritaram em silêncio. Gritaram alto. Aquela vermelhidão frisada em ouro cheirava a noite.

A histórica Barcelona, fundada pelos romanos, venceu o tempo. Suas ruas misturam cores e contrastes, atraindo um mundo de possibilidades.

Como em um microcosmo desse quadro, a sala de concertos exalava perfumes frescos e a égide de tempos rubros. Era um teatro romã. Era terça-feira, tempo de martes, em um cenário carmim. Hora do show.

O público vestiu cada uma das cadeiras da casa e logo desenhou um lindo mosaico. Brasileiros, espanhóis e catalães reinventaram a linha reta e se espalharam naturalmente, como uma floresta. Estávamos dentro de uma arena cubista, prontos para reações surreais. Arte modernista, abstrata.

E vibramos juntos, como dois animais. *Qué tal?*

Ainda radiantes, partimos para Berlim. Hora de esconder o pescoço e acalmar a jugular. Na bagagem de cabine, violinos, memórias e a sensação de termos conhecido a fundo a Barcelona de Gaudí.



## CAPÍTULO V. BERLIM

(6/2/2025)

Chegamos à lendária Funkhaus, em Berlim. A casa, construída para ser um símbolo imponente da antiga Alemanha Oriental, foi palco de inúmeras gravações memoráveis devido à sua estrutura projetada sem contato direto com o piso do edifício, o que proporciona um isolamento acústico incomparável. Estávamos nas nuvens.

Com o som passado, chegou a hora de colocar os pés no chão e retribuir o carinho do público que abraçava a orquestra. De todos os lados, todos os rostos. Nenhum limite. Nenhum muro. Uma sala de estar para mais de milhares de pessoas. Ali, bem pertinho de todos, nos sentimos em casa. Faltava uma lasca de queijo com café, mas estávamos na mesma mesa.

Afinamos em lá. Tocamos o sino. Após o silêncio, uma nota distorcida invadiu suas treliças de madeira e tomou de assalto o seu coração. Ela tinha a beleza de todas as outras, mas carregava cicatrizes profundas que a tornavam única. Era o canto do Marimbau.

Arrebatada, a casa ressoou aquela frequência de pau e corda, de deixar cavalo doido, em um lindo cordel de amor. Juntos, cantamos versos tão claros e projetamos sete desejos. O céu era um só.

(Naquela amálgama multicultural, Schopenhauer sorria. Beckenbauer fazia o passe para Pelé. Acreditem: era Oktoberfest em Caruaru. Inesquecível.)

Só que o tempo não tem parada. Faltavam duas escalas e precisávamos nos despedir. O voo da música seguia seu curso, e a bússola agora apontava para o Atlântico. A Funkhaus ainda ecoava em nosso peito quando seguimos para a próxima página: Portugal e seus mares sem fim. A cada nota, um novo caminho. E, no compasso dos ventos, partimos.



## CAPÍTULO VI. PORTO

(8/2/2025)

Ancoramos. A lua desmaiada escondia olhos marejados. Nos próximos dias, a turnê chegaria ao fim. Foram poucas as pegadas nas pedras do porto. O tempo escasso e a proximidade entre o hotel e o teatro reduziram os sonetos a uma ou duas estrofes. Mas aquela cidade merecia mais. As palavras batiam no peito. Ela perseguia um poema.

No Porto, o passado provoca o presente. Ali, em meio a tantas portas, gravamos o segundo capítulo desse encontro. Entre pedras e vinhos, céu e mar, registramos nossas vozes em um espelho cristalino.

À beira de memórias e paisagens, uma ponte une tradição e vanguarda. No Douro, os aromas se misturam e dançam sem pudores.

Chegamos ao polígono de concreto. Novamente, todas as cadeiras, inclusive as do coro, fariam parte do espetáculo. Entre brasileiros e portugueses, mais uma constelação de cores.

Hora de darmos o litro. Subimos ao palco e a lembrança do filme de 2020 nos levantou um sorriso de canto de boca. O P da Paixão. O figurino terracota. O tempo. E celebramos.

À nossa frente, uma locomotiva que partira da Estação São Bento do Una e segue montada no futuro do indicativo. Que colhere tantas estrelas pelas veredas do céu que agora as dispõe em seu paletó.

É, papagaio do futuro... Organizar essas letras de éter entre cordas de aço me deu um nó na garganta. Ainda bem que não sou cantor. De toda forma, é melhor não correr mais perigo e guardar parágrafos para Lisboa, com um enganoso "nada mais tenho a declarar".



## CAPÍTULO VII. LISBOA

(9/2/2025)

Último dia de turnê. No comboio até Lisboa, o tempo passou rápido demais pelas janelas. Faltava apenas uma apresentação. A intensidade já se transformava em cansaço, e as lembranças, que agora habitam nossas memórias, em saudade.

O Centro Cultural de Belém fica ao lado do Mosteiro dos Jerónimos, da Torre, do Tejo. Chegamos cedo à casa e precisávamos empinar as luzes antes de colocar tudo no lugar. Tempo suficiente para um café no cais.

Ali, enquanto a bruma leve entornava o rio, degustávamos a luz de Portugal. No horizonte, Almada despontava em retículas, enquanto o caminho pro mar seguia o voo das gaiotas. Em breve, atravessaríamos o Atlântico com a certeza de que aquela não seria nossa última digressão.

Fechamos o palco com chave de ouro. Concerto irretocável, vibrante, com notas cítricas de pesar. Queríamos mais.

No dia seguinte, acordei em primeira pessoa. Tudo tão vazio. Tudo tão lento. Era preciso partir. Fiz as malas, vesti a única roupa que sobrou limpa e excedi na bagagem (itens que não pesam na balança, mas na crônica de uma vida). Lá do alto, no avião, ainda melancólico, assisti ao sol nascer.

Temos muito o que comemorar! A turnê impossível aconteceu. Uma comitiva de 40 pessoas, 6 países, 7 concertos, 13 dias. Todos os ingressos vendidos. Novos amigos, novos contos, novos olhares. Fizemos história com laços cada vez mais apertados. Que vontade absurda de fazer tudo outra vez. ■



EXPERIÊNCIA  
POR SAULO RIOS

## ODE À ORQUESTRA OURO PRETO

Não havia como dar outro nome a este texto. Não exatamente como canto nem como poesia, que são as formas originais que comportam o gênero. Talvez como prosa. No entanto, mantendo componentes próprios da ode como figura poética, que, além de importantes, estruturam as linhas que estão por vir: 1) o de louvar e homenagear aquilo ou aquela por quem se tem carinho, respeito e amor; 2) a junção entre o vínculo afetivo (que me liga à Orquestra Ouro Preto), de caráter pessoal e íntimo, e a admiração geral, universal (materializada nos milhões de pessoas que, em 25 anos, foram impactadas pelo trabalho do grupo).

Minha história com a Orquestra começou como a sua, leitor/leitora, ou seja, como público. Com o tempo, ganhou outros contornos. Não sei precisar com exatidão como se deu meu primeiro contato com ela. Sei que foi no início dos anos 2000, provavelmente em Santo Antônio do Leite, em um concerto na Igreja de Santo Antônio, pelo projeto Orquestra nos Distritos. Com ele, a Orquestra circulava por 12 distritos e uma localidade pertencentes ao município de Ouro Preto. Até então, nunca tinha tido a oportunidade de ver e ouvir uma orquestra. Aquela experiência me marcou profundamente. O espanto ao saber que as cordas do violino são feitas de crina de cavalo, o som das cordas e do bandoneon de Rufo Herrera ecoando no templo que eu frequentava desde criança, ao lado de minha avó e de minha mãe, ainda ressoam e fazem parte da minha memória. Fato é que aqueles concertos que acompanhei durante anos integram minha formação humanística e meu interesse pela música. Eram verdadeiros acontecimentos. Faziam o tempo dessas comunidades (já lento por natureza), em comparação aos grandes centros urbanos, parar.

Rodrigo, Ronaldo, Rodolfo, Mara e Marina, eu conhecia de vista, do esbarrar típico das cidades do interior. Além disso, meu pai e o professor Ronaldo, patriarca da família de músicos, eram colegas de profissão na antiga Escola Técnica Federal de Ouro Preto, atual IFMG – Campus Ouro Preto. A propósito, uma curiosidade: a primeira vez que vi e interagi com o maestro Rodrigo Toffolo foi no Observatório Astronômico da Escola de Minas da UFOP, durante a passagem do cometa Hale-Bopp. À época, se não me engano, como aluno de Engenharia que foi, ele atuava como estagiário/voluntário no observatório. Estava lá, acolhendo e explicando os pormenores do “Grande Cometa”.

Vivenciei, de perto, os primeiros passos da Ouro Preto, acompanhando o surgimento de uma trajetória que, mesmo naquele início, já revelava vocação para algo grandioso. Como músico frustrado que sou, fui estudar Jornalismo em Viçosa. Mas a Orquestra ainda se fazia presente. Eu acompanhava os concertos nas férias de julho e, em 2007, o que mais se ouvia, de minha parte, na república que compartilhei com amigos, era o álbum *Latinidade*, dela mesma, que naquele ano seria indicado à categoria de Melhor Disco Instrumental no Grammy Latino.

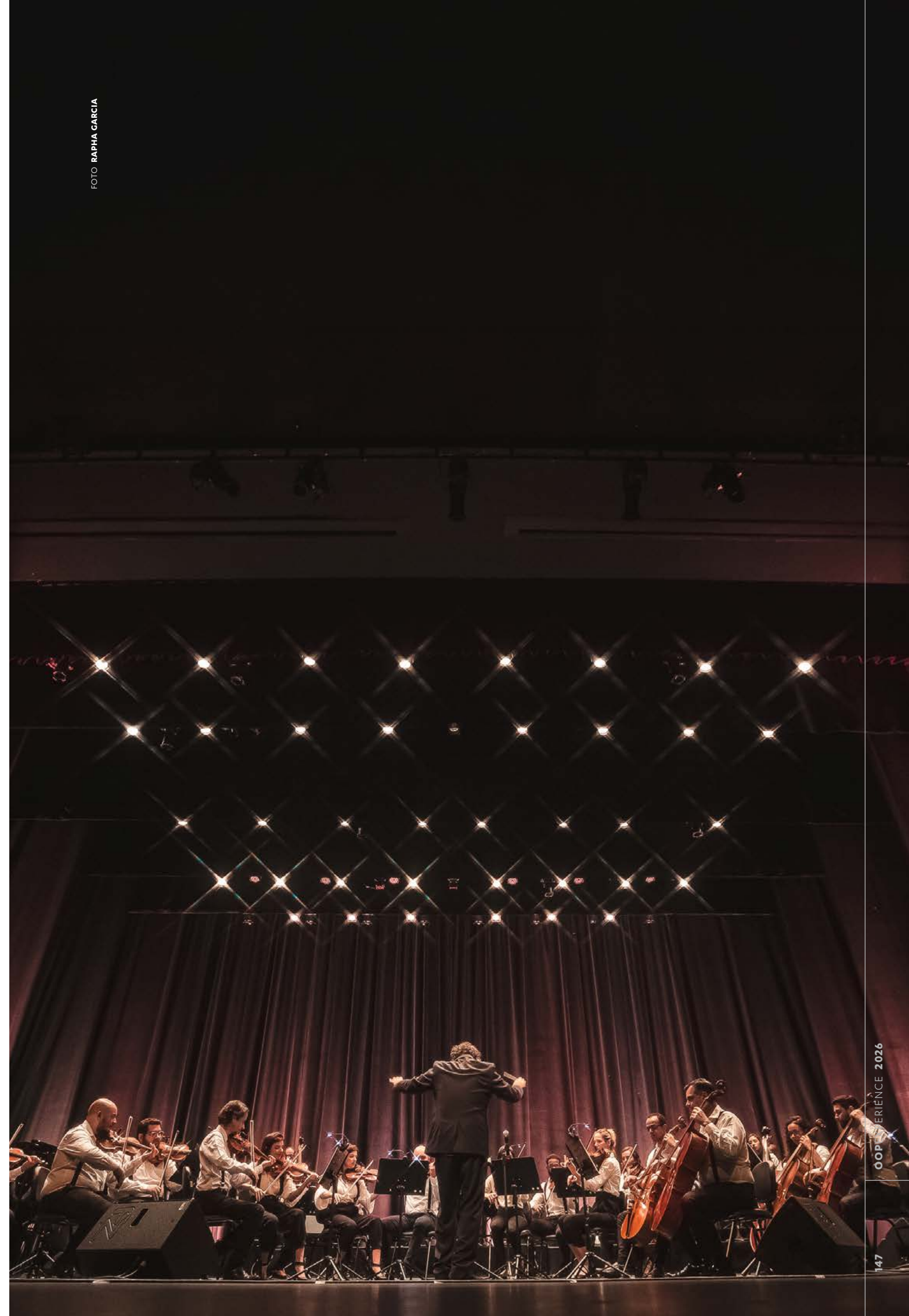




FOTO BAPHA GARCIA

Retornei a Ouro Preto em 2009. Atuei por dois anos à frente da comunicação de uma instituição cultural importante na cidade. No início de 2011, com o desejo de seguir carreira acadêmica, decidi tomar um novo rumo.

Contudo, nada é por acaso. Uma semana depois de efetivar a saída do trabalho em questão, um encontro definidor. Estava parado em um ponto de ônibus, distraído, com um livro nas mãos. Ouço uma voz. Olho em sua direção. Era o maestro Rodrigo Toffolo, que caminhava até a casa dos pais (coisas de cidade do interior). Cumprimentou-me e, em seguida, fez uma pergunta que mudaria para sempre minha relação com a Orquestra Ouro Preto, que estava prestes a ganhar um novo e sublime contorno, daqueles que temperam e dão um sabor especial àquilo que chamamos de vida: “O que você está fazendo?” Paralisei, como paralisamos quando estamos diante de alguém que admiramos. Por pouco, respondi que estava lendo. Mas me dei conta de que a pergunta era mais profunda e, de alguma forma, ontológica, porque representaria muito para mim. Eu disse que tinha acabado de encerrar um ciclo profissional. Ele respondeu com um convite: “Passa lá na sede da Orquestra pra gente conversar”. Uma semana depois, deixaria de ser público/fã para ser parte da Orquestra Ouro Preto.

Lugares-comuns existem também para traduzir a força de um acontecimento. Para mim, aquele encontro abriu as portas para o novo, para vivenciar a música como sempre havia sonhado. Impossível quantificar o que significou o convite, naquele contexto e naquela cidade. Por isso, minha opção por lidar com o inumerável, com aquilo que não há como mensurar, mas que é capaz de definir gerações, uma vida e o que julgo ser de mais precioso nela: a emoção, que não se mede, mas molda histórias.

Encantava-me a possibilidade de trabalhar em algo que, além de me agradar, emocionava. E foram muitas as vezes nas quais me emocionei, a ponto de fazer cair lágrimas. Chorei com a beleza da música, em ensaios, ao ver um novo trabalho nascer, em concertos e em viagens, mesmo nas de caráter institucional, como na vez em que, voltando do Rio de Janeiro (ou seria Congonhas, Juiz de Fora...), ao lado do maestro, com ele ao volante, fui impactado pelo *Quarteto de Cordas nº 15 em Lá Menor, Op.132*, de Beethoven. A peça me acompanha até hoje, sendo essencial em dois momentos difíceis e importantes da minha vida: o luto pela morte da minha avó materna, em março de 2021, e o nascimento da minha filha, envolto em uma série de complicações que colocaram em risco ela e a mãe,

em agosto do mesmo ano. Ouvir o quarteto é não só ter a certeza da existência de Deus, mas conversar com Ele.

Como não se emocionar com o professor Ronaldo Toffolo tocando piano em sua casa, naquela biblioteca cheia de discos onde tudo começou? Foram vários os momentos em que pude ouvi-lo naquele espaço sagrado, no intervalo entre uma atividade e outra, imaginando seus filhos e filhas, ainda crianças, tendo aulas de violino, sem saber o que o futuro lhes reservava. Como não se emocionar ao dividir o quarto com Rufo Herrera, em uma turnê por Portugal e Espanha, acordando com ele se exercitando ao instrumento que lhe é característico após uma apresentação de sucesso, para, em seguida, atravessar a madrugada falando sobre tango e arriscando versos de *Vuelvo al Sur*, de Goyeneche e Piazzolla? Como não se emocionar com a timidez de Bia, ainda criança, que por vezes fechava o semblante ao me ver, pois sabia que minha presença significava que seu pai – para você que lê, o maestro Rodrigo Toffolo – precisaria sair para trabalhar? Como não se emocionar com a Orquestra Ouro Preto recebendo o Prêmio da Música Brasileira, em 2015, na categoria Melhor Disco de MPB por *Valencianas*? Como não se emocionar com a execução do *Dobrado Dois Corações*, presente no disco *Latinidade – Música para as Américas*, obra que, para mim, trazia de volta a presença do meu avô paterno, músico e regente de banda marcial em São João del-Rei? Como não se emocionar ao ver a Orquestra em espaços tão diversos quanto um lar de idosos ou uma instituição de recuperação de dependentes químicos, reconhecendo e tocando, com sua arte, aqueles que tantas vezes são invisibilizados? Como não se emocionar com a força da amizade, com os amigos e amigas que fiz durante quase dez anos?

Com a Orquestra, desbravei mundos a partir de Ouro Preto, por meio da música. Um privilégio. Vi obras e projetos nascerem. Vi públicos sendo formados. Vi milhares de pessoas se reunindo em praças públicas para assistir a uma orquestra inovadora, que ousou fazer dialogar o erudito com o popular e hoje é mundialmente reconhecida por sua excelência e versatilidade. Vi sonhos se transformarem em realidade. Com a Orquestra Ouro Preto, conheci o Brasil, a Europa e, sobretudo, reconheci a mim mesmo, profissional e pessoalmente – o que me é mais caro. Afinal, se é possível separar esses dois universos, o profissional pertence à ordem do quantificável; o pessoal, não.

Em 2019, a vida tomou outros rumos. Retornei ao lugar que me apresentou à Orquestra Ouro Preto: o de público. Passei a acompanhá-la de longe. Uma das últimas vezes em que me lembro de ter visto o maestro foi alguns anos após o nascimento da minha filha e o fim da pandemia. A Orquestra passava o som na Praça Tiradentes, em sua cidade natal, para um grande concerto. Estávamos eu, Maya, a mãe dela, a Orquestra Ouro Preto e as pessoas que começavam a se reunir. Do palco, Rodrigo nos avistou. Descansou a batuta, desceu e veio nos cumprimentar. Conheceu Maya. Aquela foi a primeira vez que minha filha viu e ouviu uma orquestra.

Mantenho o hábito de ouvir os discos da Ouro Preto. Dias desses, ao retomar a escuta de *Oito Estações: Vivaldi e Piazzolla*, Maya, do alto de seus quatro anos e com seu ouvido atento, distraiu-se de seus afazeres infantis. Exclamou: “Que bonito, papai”. Respondi que era a Orquestra Ouro Preto. Completei que, além de bonita, o papai já havia trabalhado com ela. Aquilo nos orgulhou – como sempre há de nos orgulhar. ■





---

PATROCÍNIO



---

APOIO



---

REALIZAÇÃO

